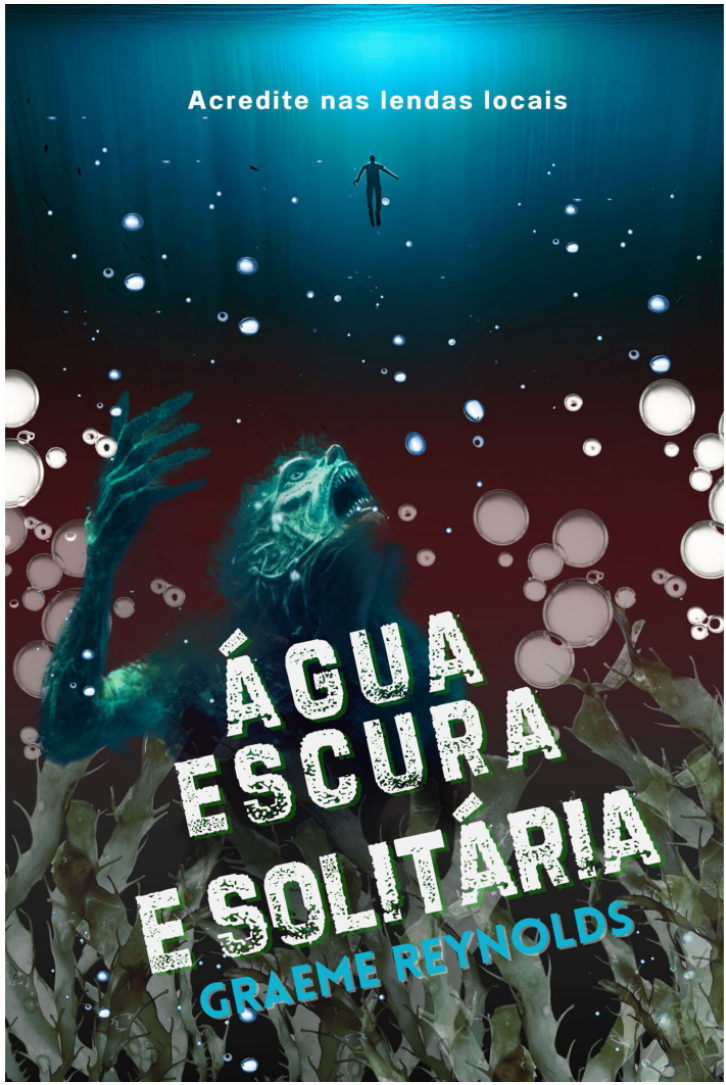
Acredite nas lendas locais
ÁGUA ESCURA E SOLITÁRIA
GRAEME REYNOLDS

Água Escura e solitária

Graeme Reynolds

Skull Editora

Copyright © 2026 Graeme Reynolds

Copyright © Graeme Reynolds 2026
Copyright © Editora Skull 2026

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento, cópia e/ou reprodução de qualquer parte dessa obra — física ou eletrônica —, sem a prévia autorização do autor. Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

EDITOR CHEFE: Fernando Luiz
REVISÃO: Antonio Marcos Rudolf
CAPA: Ben Baldwin
http://www.benbaldwin.co.ukAdaptação: Skull Editora
DIAGRAMAÇÃO: Skull Editora

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Catalogação na publicação
Ficha catalográfica elaborada pela Editora.
G734
REYNOLDS, Graeme

Água escura e solitária /Graeme Reynolds
SÃO PAULO - EDITORA SKULL 1° EDIÇÃO 2026
212 PP - 14x21 CM
TRADUTOR: ROBERTO COSTA - TÍTULO ORIGINAL: Dark and Lonely Water - FIRST PUBLISHING BY Crystal Lake Publishing 2023.

ISBN : 978-6

1.Romance. 2. Terror. 3.. Literatura estrangeira. I. Reynolds, Graeme. II. Título.
CDD A82.9
Índice para catálogo sistemático

I. Ficção: Literatura estrangeira :

CNPJ: 27.540.961/0001-45
Razão Social: Skull Editora e Venda de Livros
Endereço: Caixa Postal 79341 Cep: 02201-971 — Jardim Brasil, São Paulo — SP
—www.skulleditora.com.br/

Para Charlie, Emily e Luke – Meu coração, meu lar, minha família.

capítulo um

Brendan Simms dá uma última passada desanimada no balcão encharcado de cerveja e joga o pano encharcado na pia.

— Terminei por hoje, Paul — grita ele pelo salão vazio, onde seu chefe recolhe o faturamento da noite nos caixas.

Ele pega sua jaqueta de um dos bancos do bar e segue para a entrada da boate. Ao vestir o casaco, estende a mão para pegar a carteira que normalmente estaria no bolso interno, mas percebe que ela não está lá. Um surto de pânico o invade, acreditando por um momento que ela foi roubada na sala dos funcionários. Então ele se lembra. Droga! Ele tinha tirado a carteira do bolso da calça jeans e jogado na cama enquanto se arrumava para o trabalho. Nunca chegou a pegá-la de volta.

— Ei, Paul! Tem como me adiantar o dinheiro pra um táxi? Esqueci minha maldita carteira em casa.

Seu chefe levanta os olhos do rolo do caixa e balança a cabeça.

— Desculpa, Bren. Não dá. A Andrea surta se eu começar a adiantar grana. Bagunça toda a folha de pagamento e, depois, sou eu quem levo bronca o resto da semana.

Foi uma noite longa. Ele gosta desse *trabalho bem mais do que o desgaste durante a semana na cooperativa*, mas hoje foi desafiador. A boate estava cheia de bêbados particularmente insuportáveis a noite inteira. Agora já passa das quatro da manhã, e tudo o que ele quer é cair na cama ao lado de Jimmy. Dormir até a hora do almoço. Brendan suspira, exausto.

— Não pode me emprestar dez pratas, então? São três milhas até meu apartamento, e eu tô morto de cansaço.

— Desculpa — diz Paul. — Não ando com dinheiro no bolso quando estou trabalhando. A noite tá boa, pelo menos. Uma caminhada vai te fazer bem.

Desgraçado. Ele sabe que Paul está mentindo. Viu o chefe tirar vinte libras de um maço gordo de notas mais cedo para comprar maconha de um dos clientes. *Brendan pensa em confrontá-lo sobre essa mentira,*

mas qual é o ponto? Ele não tem energia para discutir. Em vez disso, apenas diz:

— É, valeu, cara. Valeu por nada. Acho que vou embora, então?

Paul dá um aceno desleixado, sem nem levantar os olhos, enquanto Brendan escancara as portas duplas de madeira e desce as escadas a passos pesados, resmungando xingamentos.

Do lado de fora da boate, o ar ainda está quente, longe da atmosfera sufocante lá de dentro. Uma brisa suave toca o rosto de Brendan. Ele quase consegue fingir que está em algum lugar exótico, prestes a caminhar pela praia, em vez de estar atravessando as ruas estreitas de Preston. Mas o cheiro logo destrói a ilusão. O ar está impregnado de urina, vômito e restos de *kebabs* abandonados. — *Ah, Preston Fishergate nas primeiras horas de um domingo. Que lugar. Que maldito lugar.*

Ele tenta calcular o melhor caminho para casa a pé. Faz anos que não vai ao centro andando, e o trajeto dos ônibus o levaria a quilômetros de distância do seu destino. Teria que caminhar para o leste até a ponte da Liverpool Road e depois voltar pelo mesmo caminho. Só de pensar nisso, ele funga frustrado. Levaria pelo menos uma hora, talvez mais.

— *Que merda* — resmunga.

Do jeito que está, o sol já vai estar nascendo quando ele chegar em casa. Então se lembra do parque. Há uma ponte para pedestres sobre o rio no *Avenham Park*, ele pensa, com um caminho que segue em direção ao bairro onde mora. O mapa no celular confirma *é quase uma linha reta* e ele calcula que pode estar em casa em meia hora.

Não é o caminho mais seguro, e isso o faz hesitar. O que é um ambiente agradável durante o dia tem fama de ser cheio de viciados, assaltantes e sabe-se lá o que mais depois que o sol se põe. Brendan reflete por um momento, ponderando os riscos.

Que se dane, pensa. O clube já fechou faz quase duas horas. A maioria dos bêbados já deve estar em casa ou desmaiada em algum canto, no meio do próprio vômito. Enfiando as mãos nos bolsos do casaco, ele começa a caminhada em direção ao *Avenham Park*.

Enquanto Brendan caminha para casa, as ruas estão silenciosas na maior parte do tempo. O vidro e o aço das vitrines escuras e bares dão lugar a fileiras apertadas de casas de tijolos vermelhos e estacionamentos vazios que ecoam. As poucas pessoas que ele encontra parecem estar fazendo o famoso — *walk of shame* — ou estão tão bêbadas que ainda cambaleiam em direção a suas casas. Ele reconhece algumas pessoas da boate e acena cordialmente, mas

não tem disposição para mais do que isso. Sempre faz questão de ser comunicativo no trabalho, mas a última coisa que precisa agora é se enredar na conversa mole de algum bêbado. Sua cama e seu namorado o chamam, instigando-o a acelerar o passo.

O *Avenham Park* passou por uma espécie de renovação desde sua última visita. Quando ele se mudou de Dublin para Preston, ainda adolescente, o parque era um lugar sombrio e sinistro, mesmo durante o dia. Não passava de trilhas enlameadas e muitos cantos escondidos onde Brendan e seus amigos bebiam sidra barata e fumavam maconha sempre que conseguiam. A diferença feita em poucos anos é notável. As trilhas lamacentas foram substituídas por amplos caminhos de cascalho, com postes de luz estilo antigo espalhados a cada 30 metros ou mais, banindo as sombras. *É um lugar agradável*, e Brendan pensa em trazer Jimmy aqui à tarde *depois de recuperar o sono*. Seria bom para Jimmy sair um pouco do *PlayStation*, ele pensa. Uma chance para conversarem de verdade. Talvez trazer um piquenique e uma garrafa de prosecco gelado. *Ele sorri com a ideia*. Eles faziam coisas assim o tempo todo no ano passado, quando começaram a namorar, mas parece que ficaram presos em um isolamento autoimposto durante o inverno.

Chega disso, ele decide. *Ainda há tempo para aproveitar o verão*, começando naquela tarde. Brendan relaxa enquanto sua mente vagueia, as preocupações anteriores se dissolvendo em pensamentos felizes enquanto ele atravessa o parque em direção ao rio e à sua casa.

As luzes encantadoras dos postes terminam quando ele desce a encosta em direção ao caminho junto ao rio, rumo à ponte, e ele precisa de alguns minutos para que seus olhos se ajustem à escuridão. Há um brilho tênue no céu a leste, e o coro da alvorada começa a se afinar, com alguns pássaros madrugadores se fazendo ouvir. No entanto, à medida que avança na escuridão, o canto dos pássaros se silencia. Brendan sente um momento de desconforto e inclina a cabeça. O único som que ouve é o murmúrio suave do rio e o *crunch* leve de seus passos no cascalho.

— Bando de preguiçosos devem ter voltado pra cama por um tempo — ele ri, tentando afastar a pontada de nervosismo.

Ele acelera o passo, sentindo o coração bater mais rápido, embora não consiga atribuir essa ansiedade a nada concreto.

— Se controla, Bren — murmura, começando a cortar a oeste em direção à ponte.

As luzes brilhantes do parque central ainda são visíveis através das árvores, e, do outro lado do rio, ele pode ver o brilho alaranjado da

civilização. *Posso estar em casa em dez minutos se acelerar*, pensa, começando a correr em direção à ponte, esquecendo momentaneamente o cansaço.

Quando chega à rampa de concreto inclinada que leva à ponte, um barulho alto de algo se estatelando na água ecoa atrás dele. A inquietação de Brendan explode instantaneamente, um jorro de adrenalina inundando seu corpo. Ele tenta se tranquilizar, mas seja o que for, parece bem maior que uma lontra. *Um cisne talvez? Uma pessoa? Merda!*

— Alô? Tem alguém aí? — ele chama, sentindo-se tolo. Não viu ninguém, mas precisa ter certeza. Algum bêbado pode ter caído no rio, então ele corre para mais perto e grita novamente.

A água entra em frenesi, à direita, sob um velho salgueiro-chorão. Brendan acha que consegue distinguir uma figura ali. *Uma mulher?* Ouve um som agudo, algo parecido com um grito, mas mais alto, quase além de sua percepção. O som faz seus dentes rangerem e um calafrio percorrer sua espinha.

— Aguenta aí! — ele grita. — Estou indo!

Brendan corre em direção ao salgueiro enquanto disca 999[1]. As águas sob a árvore ficam imóveis novamente, as últimas ondulações sendo levadas pela correnteza.

— Merda! Onde você está? — ele grita, justo quando a ligação conecta. Uma voz metálica e entediada responde:

— 999, qual serviço você precisa?

— Meu nome é Brendan Simms, estou perto da ponte do *tramway* no *Avenham Park*, em Preston. Acabei de ver uma mulher cair no rio.

— Certo, vou transferir sua chamada para a polícia. Por favor, aguarde na linha — diz a voz ao telefone.

Brendan olha de volta para a superfície imóvel do rio e os redemoinhos de correnteza abaixo dos galhos da árvore. A polícia levaria pelo menos dez minutos para chegar, talvez mais. Isso seria tarde demais para ajudar a mulher.

— Droga — ele murmura, jogando o telefone e os sapatos na margem antes de entrar na água.

O frio o atinge enquanto ele avança lentamente. A corrente o empurra com força, dificultando sua estabilidade, mas ele continua lutando até o último lugar onde viu a figura.

— Olá! — ele grita. — Você me ouve?

Não há resposta. Ele se abaixa, varrendo a água com os braços

freneticamente, mas tudo o que sente são emaranhados grossos de ervas aquáticas que parecem agarrar-se a seus membros e retardar seus movimentos.

— Olá! — grita novamente, sua voz tomada pelo desespero.

Ela deve ter sido levada pela correnteza, ele pensa. Estou procurando no lugar errado!

Ele olha rio abaixo, para onde os pilares de pedra da ponte se erguem da água corrente, e raciocina que a mulher pode ter se agarrado a eles. Ele se vira, pretendendo avançar em direção à ponte, quando uma série de grandes bolhas de ar rompe a água atrás dele em uma súbita explosão. Brendan se vira, esperançoso, mas seu alívio rapidamente se transforma em terror ao ver o que está subindo das águas escuras em sua direção.

Ele não tem tempo nem para gritar.

***

Chris Buchanan estacionou seu velho Range Rover o mais próximo possível da cena do crime sem cruzar a área restrita. Ele sai do veículo e observa do alto de uma antiga ponte de pedra. A atividade é intensa lá embaixo: policiais buscam nas margens do rio, enquanto outros bloqueiam os caminhos para evitar que curiosos se aproximem demais. São pouco mais de seis da manhã, e o sol nasce sobre as colinas distantes, lançando partículas brilhantes de luz na superfície do rio. Um grupo crescente de pessoas com cães é contido por um jovem policial nervoso, tentando manter a cena intacta.

Finalmente, ele avista o sargento Cooper na margem do rio, junto com o resto da equipe. Ele suspira e começa a descer os degraus de pedra íngremes, consciente do equipamento caro de mergulho no porta-malas de seu carro. Melhor descobrir o que está acontecendo antes de carregar todo aquele peso escada abaixo. Só espero que ninguém roube nada.

Ele mostra sua identificação ao jovem policial e se junta à equipe.

— Bom dia, Sargento. Pessoal.

Seu chefe, um homem com cabelos grisalhos ralos e o físico de um jogador de rúgbi, olha para cima do papel e sorri.

— Bom dia, Chris. Que bom que decidiu aparecer. Dormiu bem?

O resto da equipe ri do comentário. Chris reprime um sorriso e finge estar ofendido. Embora hoje seja tecnicamente seu dia de folga, a unidade de mergulho da polícia de *Lancashire* é tão pequena que ele está sempre de plantão. É necessário um mínimo de quatro pessoas na superfície para cada mergulhador na água *cinco, se for*

usada uma fonte de oxigênio na superfície. Ele nota o gerador e o compressor montados e fica aliviado por ter deixado todo o equipamento de mergulho no carro. Ele sorri para o chefe.

— Ah, foi ótimo. Tomei um bom café da manhã, bebi uma xícara de chá quente e voltei para a cama para assistir TV. Fiquei entediado e resolvi vir ver o que vocês estão aprontando.

Na realidade, o telefone o acordou, e ele se sentiu péssimo. O vinho da noite anterior não ajudou, mas ele precisava dele. A ressaca era desconfortável, mas não debilitante, e o café que pegou no caminho começava a dissipar a névoa. A água gelada faria o resto do trabalho.

O sargento Cooper pega sua prancheta e se vira para Chris.

— Certo, vamos ao que interessa. O Sr. Brendan Simms ligou para o 999 por volta das quatro e trinta e cinco da manhã, relatando que viu uma mulher em dificuldade perto da ponte. O celular do Sr. Simms foi encontrado próximo à margem do rio, junto com os sapatos dele, mas não há sinal do homem ou da mulher. A suposição é que ele tenha entrado no rio para ajudá-la e acabou sendo arrastado pela correnteza. Então, estamos procurando até dois corpos. A chance é que ambos já estejam a caminho da Irlanda, mas temos policiais patrulhando as margens do rio. Estamos verificando as áreas onde a corrente não é tão forte e os pilares de suporte da ponte.

— Já fizemos a avaliação de risco?

O sorriso do sargento Cooper reaparece.

— Sim, nos certificamos de fazer tudo isso enquanto você estava bem aconchegado na cama. A água tem entre dois e três metros de profundidade, com uma corrente de, aproximadamente, 2 nós e baixa visibilidade devido ao lodo. Os perigos esperados incluem detritos trazidos pela correnteza, enredamento em objetos submersos e, claro, os riscos da própria corrente, especialmente perto dos pilares de suporte da ponte. Vamos realizar uma busca padrão *Jackstay*, começando pela área mais tranquila ali, perto do salgueiro. Consegue pensar em mais alguma coisa que devemos considerar?

Sim, pensa Chris. *O mergulhador está de ressaca pra caralho, e o McMuffin de salsicha com ovo que ele comeu continua voltando à tona*. Mas ele morde a língua e balança a cabeça.

— Não, sargento. Parece bem direto.

O sargento Cooper dá um tapa no ombro dele.

— Certo, Bela Adormecida, hora de vestir seu traje de gala.

Chris caminha até o agente Garland, seu assistente no mergulho. Mike mantém o cabelo loiro bem curto, como se ainda estivesse nos Fuzileiros Reais, e parece passar a maior parte do tempo livre entre a academia e mergulhos em cavernas no exterior. Depois de uma semana no fundo de um canal, a última coisa que Chris quer é colocar seu equipamento de mergulho novamente, mas Mike parece viver para isso. O jovem policial dá um sorriso sabendo.

— Bom dia, Chris. Pelo visto, você teve uma boa noite. Pronto para o serviço?

Chris responde com o dedo do meio e começa a vestir o traje seco. Enquanto um traje de mergulho comum permite a entrada de água, retendo uma camada para manter o mergulhador aquecido, os trajes secos são selados. Chris os odeia. Essas porcarias volumosas. Você sua como o príncipe Andrew em uma festa escolar, e eles nem mesmo isolam direito contra o frio. São o pior dos dois mundos, mas você os aprecia quando precisa mergulhar em ambientes potencialmente tóxicos ou perigosos. A última vez que ele teve que usar um foi em um tanque séptico, procurando uma criança desaparecida. Foi nojento. O pequeno desgraçado foi encontrado depois, perfeitamente bem, escondido no galpão de um amigo.

O que Chris mais odeia neles, no entanto, é a sensação úmida contra a pele ao colocá-los. Logicamente, ele sabe que são limpos e desinfetados após cada uso. Ainda assim, ele nunca consegue se livrar da sensação de estar lambuzando o corpo com o suor frio e velho do ocupante anterior. Ele reprime um enjoo ao pensar nisso e sente sua pele se arrepiar.

Depois de fechar os encaixes, Chris e Mike passam alguns minutos realizando verificações de segurança. Entre eles, garantem que o fornecimento de ar está constante, o traje não está comprometido e o rádio bidirecional no capacete está funcionando corretamente. Uma vez que ambos estão satisfeitos com os parâmetros, Chris faz um sinal de positivo para Mike, pega a corda-guia com peso e desce para a escuridão.

Chris precisa de alguns segundos para recuperar o fôlego enquanto se adapta à água gelada ao seu redor. O corpo sempre leva um momento para se acostumar com a escuridão gélida, mas isso não torna aqueles primeiros segundos mais fáceis. A visibilidade sob a superfície não é tão ruim quanto ele temia. Embora a corrente do rio agite o lodo no fundo do poço, não é nem de longe tão feroz quanto seria no meio do fluxo. Mesmo enquanto ele afunda até o fundo, usando a corda de segurança para guiá-lo, fragmentos de luz solar penetram na escuridão ao seu redor. Ele consegue enxergar

alguns metros no meio da turvação. Isso pode, em teoria, acelerar a busca, já que ele não precisará operar apenas pelo toque. Infelizmente, é muito provável que os corpos já tenham sido levados rio abaixo. No entanto, ele ainda precisará vasculhar a área meticulosamente, apenas por precaução. Os corpos podem ter ficado presos em qualquer lugar.

Ele se move pela corda, passando as mãos suavemente pelo leito do rio. Procurar corpos é o foco principal, mas ele também precisa estar atento a qualquer outro indício que possa ser recuperado. Uma arma, por exemplo, poderia indicar um crime, enquanto uma carteira ou joia poderia ajudar a identificar a outra vítima. Dez minutos se passam sem incidentes, e ele chega ao peso no fim da corda.

— Mike, terminei a primeira passagem. Diga ao Pete ou ao Josh para pararem de brincar no Twitter e moverem o peso três metros rio abaixo, está bem? Eu farei o mesmo deste lado.

— Entendido. Josh já está movendo a corda. Está divertido aí embaixo?

— Ah, é como mergulho em naufrágio nas Bahamas, — ele responde secamente. — Talvez eu volte depois do trabalho só por diversão.

Mike ri, e o rádio corta, deixando Chris sozinho na água turva. Ele levanta o peso e o move para mais abaixo, esperando o ângulo da corda se endireitar antes de retomar sua busca meticulosa.

Chris continua assim por mais trinta minutos, procurando uma área e passando para a próxima, até que algo chama sua atenção. Ele reporta pelo rádio.

Mike vira-se para o sargento e grita:

— Sargento, Chris acha que viu algo um pouco mais adiante na água. Parece ter o tamanho certo para um corpo, talvez preso em algo. Ele está saindo da linha para dar uma olhada mais de perto.

O Sargento Cooper pega o rádio.

— Chris, como está aí embaixo?

Depois de alguns segundos, o rádio chia e a voz de Chris surge.

— Acho que encontramos o que procurávamos, Sargento. Parece um corpo boiando. Talvez até dois. Está tão turvo. Espere, vou me aproximar mais.

O rádio silencia. O sargento clica novamente.

— Chris? Chris, consegue me ouvir? Câmbio.

Mike sente um calafrio subir pela espinha. Os rádios são personalizados e incrivelmente confiáveis. Ele está na equipe de mergulho há mais de cinco anos e nunca viu uma falha. Ele escaneia a superfície em busca de sinais de problemas, mas a água está calma. *Droga*. Algo definitivamente está errado.

— Pessoal! — Mike grita. — Acho que Chris está com problemas. Josh, coloque seu equipamento. Derek, verifique a linha de ar. Pete e Craig, peguem a corda de segurança e tirem ele de lá. Agora!

A equipe entra em ação. Eles treinaram para situações como essa várias vezes e sabem o quão rápido tudo pode dar errado. Josh começa a vestir o traje enquanto Pete e Craig agarram a longa corda de segurança e começam a puxar.

— Jesus Cristo! — exclama Pete. — A corda deve estar presa em alguma coisa. Não está se movendo.

Derek e o sargento deixam suas tarefas e se juntam à equipe na corda.

— Caramba, — diz Derek, — sou só eu ou parece que algo está puxando de volta?

— Não é só você. Provavelmente uma árvore submersa sendo arrastada pela corrente. Precisamos tirá-lo de lá. Agora. Força!

Os quatro homens puxam a corda com força, conseguindo algum progresso antes de serem arrastados de volta em direção à água. Após alguns segundos, a resistência desaparece, e os policiais caem no chão.

— Ali! Ele está ali, — diz Derek, apontando para onde a parte de trás do traje de Chris emerge na superfície do rio.

A equipe se levanta e arrasta o corpo inerte de Chris para fora da água, até a segurança relativa do caminho. Mike começa a remover o capacete do colega quando percebe a mancha vermelha em suas mãos.

— Sargento, ele está sangrando. Vamos precisar de um médico.

Enquanto Mike solta o capacete e o remove, o Sargento Cooper pega o rádio e grita:

— Mandem os paramédicos aqui, agora! Temos um oficial ferido!

Os olhos de Chris estão arregalados, e sangue escorre de uma série de perfurações que circulam seu torso superior. Ele não reage a princípio, mas parece reconhecer o amigo e agarra o uniforme de Mike com a mão enluvada. Chris olha fixamente para ele com puro terror no rosto, tentando falar, mas sem conseguir formar palavras com os lábios cobertos de sangue.

— Fique calmo, parceiro. Os paramédicos já estão vindo. Eles vão cuidar de você. Até lá, tente ficar quieto e respirar. Você está seguro agora.

— Você… você não entende! Você não viu!

— Eu sei, eu sei. Vamos resolver isso. Não se preocupe. Apenas descanse.

— Você não viu o que fez comigo!

Mike balança a cabeça.

— Do que diabos você está falando?

Chris o puxa mais perto, seus olhos arregalados fixos nos de Mike.

— Ele estava ME COMENDO! — ele grita antes de seus olhos revirarem e ele perder a consciência.

Capítulo dois

O choque força o ar para fora dos pulmões de Sam enquanto seu corpo reage à água gelada. Ela ofega por ar e agita os membros, lutando desesperadamente para se manter à tona, tentando combater o entorpecimento que se infiltra em seu corpo. Ela tenta gritar por ajuda, mas afunda abaixo da superfície por um momento, enquanto abre a boca e a água estagnada e salobra invade. Sam chuta as pernas em pânico, consegue emergir, e tosse o líquido verde e repulsivo.

Ela tenta sinalizar para sua mãe por ajuda, mas está de costas para ela, rindo e conversando com o Tio Marcus, completamente alheia. Sam tenta gritar, mas tudo o que consegue é um chiado agudo. Então algo agarra seu tornozelo, e ela desaparece sob a superfície.

É escuro no Lago Miller, e mais profundo do que ela poderia imaginar. As plantas aquáticas e o lodo bloqueiam a fraca luz da manhã. Os raios dançam e giram através de pequenas frestas na vegetação, mas mesmo esses não penetram mais que alguns centímetros. Sam tenta perseguir as preciosas bolhas de ar para cima, mas seu tornozelo esquerdo ainda está preso. Não apenas preso! Seja lá o que for, começou a arrastá-la cada vez mais para o fundo. A realidade de sua situação começa a se fazer presente. Sam entende de repente que não apenas pode morrer ali, mas que provavelmente vai. O conceito atinge-a como um raio, abalando-a até o núcleo de sua existência. Ela nunca irá à festa da Sophie naquele fim de semana, nunca beijará um garoto ou se casará. Em vez disso, afundará para sempre, fria e sozinha, no fundo do lago.

Sam chuta o mais forte que consegue, em uma última e desesperada tentativa de se libertar. Seu pé conecta-se com algo substancial, impulsionando-a em direção à superfície. Seus pulmões ardem, implorando por ar. A necessidade de respirar é avassaladora, mas ela precisa emergir primeiro, ou será o fim. Ela luta contra o impulso com todas as forças, escalando para cima, em direção à luz cintilante, até que finalmente rompe a superfície da água.

Ela consegue ver sua mãe na margem, o rosto dela enrugado de preocupação enquanto varre a superfície em busca da filha

desaparecida. Sam se debate e grita até que sua mãe a avista e sente uma onda de alívio, começando a correr pela borda da água em direção a ela. Tudo vai ficar bem.

Mas então Sam sente algo puxando o tecido de sua calça encharcada, como um peixe mordiscando uma isca. Ela olha para baixo, na água escura, e vê dedos esguios enrolando-se ao redor de sua perna. Sam respira fundo e grita pela mãe novamente, enquanto é arrastada para as profundezas do Lago Miller.

Os olhos de Sam se abrem abruptamente, e ela se senta na cama em um movimento brusco, agarrando o edredom com os punhos cerrados. Ela ofega por um momento, incapaz de recuperar o fôlego, quase paralisada pelo pesadelo. O lençol está encharcado de suor, e o pijama de algodão gruda em sua pele como uma segunda camada. Ainda assim, apesar do desconforto, ela permanece imóvel, quase com medo de se mexer, caso algo emerja das sombras para arrastá-la de volta às profundezas.

Após alguns minutos, ela finalmente consegue controlar a respiração e olha para o despertador. Os números verdes brilham na escuridão: 3h45. De novo. Ela tem uma reunião com o chefe logo pela manhã e precisa de todo o descanso que puder conseguir. Sam puxa o tecido molhado colado em sua pele. Mesmo que reúna energia suficiente para trocar de roupa, as chances de voltar a dormir são remotas. Além disso, ela admite para si mesma, a ideia de adormecer e cair direto naquele sonho novamente não é nem um pouco atraente. Isso já aconteceu antes, mais vezes do que ela consegue contar.

Ela se estica para ligar o abajur ao lado da cama e se arrasta para fora do colchão. Joga o edredom no chão, remove o lençol encharcado de suor e segue para o banheiro da suíte.

A luz fluorescente acima do espelho é impiedosa nesse horário da madrugada. Sam joga água no rosto e encara seu reflexo. Seus olhos azuis estão vermelhos, destacados por olheiras profundas, manchadas com o resto do delineador da noite anterior. Sua pele está pálida e coberta de suor. A maior parte do seu cabelo castanho curto está grudada no couro cabeludo, embora alguns fios rebeldes se destaquem em ângulos aleatórios.

— *Jesus, eu pareço ter um milhão de anos,* — ela resmunga.

Sua cabeça começa a latejar, prenúncio do que será, sem dúvida, uma ressaca memorável. Ela joga dois comprimidos de *Alka-Seltzer* em meio copo de água morna da torneira e tira o pijama, deixando-o amontoado ao lado do cesto de roupa suja. Ela faz uma careta ao engolir o remédio efervescente, então veste uma camiseta limpa e

uma calça de moletom. Melhor — marginalmente.

No entanto, ela não se sentirá nem remotamente humana até tomar um banho, comer alguma coisa e consumir o equivalente ao seu peso corporal em café. Provavelmente nem assim. O trabalho naquela manhã vai ser um tipo especial de inferno. Ela torce para que seu chefe não seja um completo babaca, embora as chances disso sejam mínimas.

Sam olha o relógio de novo. 4 da manhã. Merda. É a espera que te mata. Ela puxa a pele sob um dos olhos e pensa no que fará com as próximas duas horas e meia. Dormir está fora de questão, mas ela está cansada demais para ler e realmente não tem vontade de assistir à TV. Isso a deixa com a opção de rolar pelas redes sociais em seu celular horrível. Justo quando se resigna a viver indiretamente pela conta do Instagram de sua amiga Heidi, ela ouve um choro suave vindo do outro lado da parede. É Julia de novo.

Ela anda na ponta dos pés do banheiro até o corredor, tomando cuidado para evitar os brinquedos, sapatos e roupas espalhados que tornam o chão um campo minado perpétuo, e então empurra suavemente a porta do quarto dos gêmeos.

Julia está sentada na cama, chorando baixinho em um travesseiro que segura com as mãos trêmulas. George está profundamente adormecido. Assim que sua cabeça toca o travesseiro, ele fica alheio ao mundo. Seu pai era igual. O idiota conseguiria dormir mesmo com uma bomba explodindo na rua. Sam amaldiçoava silenciosamente essa habilidade, enquanto ficava acordada, como tantas vezes fazia, ouvindo ele roncar por horas a fio. Uma onda de tristeza sobe em seu peito enquanto olha para o filho. Tão forte, tão determinado. Tão parecido com o pai em todos os aspectos. Ela enxuga uma lágrima da bochecha. Brian está no túmulo há nove anos e ela ainda sente uma falta imensa dele.

Mas seu menino não precisa dela agora. Ela se senta na cama ao lado de Julia e acaricia sua têmpora.

— O que foi, amor?

Julia fungou e limpou o nariz na manga do pijama.

— Eu tive um pesadelo. Muito ruim.

Os pesadelos de Julia parecem tão frequentes quanto os dela mesma. É difícil saber se a menina percebe o medo de dormir de Sam ou se tem seus próprios problemas fervilhando em sua mente. Seja qual for a causa, os pesadelos parecem estar piorando. Sam se inclina para frente e beija o topo da cabeça da filha.

— Você sabe que são só sonhos, não sabe? Eles não podem te

machucar.

Julia fungou de novo.

— O monstro voltou. E desta vez ele… ele… te comeu, mamãe.

— Mas eu estou aqui agora. Sã e salva, querida. Não estou na barriga de nenhum monstro. E se algum monstro tentar fazer isso, sabe o que eu vou fazer?

Julia balança a cabeça.

— Se algum monstro tentar machucar a mim ou a vocês dois, eu vou dar um chute bem entre as pernas dele até os olhos ficarem vesgos.

Julia não parece convencida.

— Não era um monstro menino, boba. Era uma monstra. Ela tinha peitos!

— Então é até melhor. Dói mais ainda quando uma monstra leva um chute ali. Agora volte a dormir, querida. Tenho que deixar você na casa da vovó de manhã.

A menina faz uma careta.

— Tem que ser na casa da vovó? Lá é chato. Ela nunca deixa a gente assistir o que a gente quer. É sempre aquele monte de programa com velhos falando coisas chatas.

— Eu sei, meu amor, mas preciso ir trabalhar e só dá para pagar o clube de férias duas vezes por semana. Agora volta a dormir. Por favor. A mamãe precisa acordar em algumas horas e está muito cansada.

— Você pode ficar aqui comigo, então? Para não deixar o monstro voltar?

Sam sorri sem muita convicção e se encolhe ao lado da filha na cama de solteiro desconfortável, abraçando-a bem perto.

— Não se preocupe, amor. Eu vou te proteger.

Julia adormece de novo em poucos minutos, mas Sam não consegue acompanhá-la. Ela encara silenciosamente a escuridão até o amanhecer surgir, dissipando os últimos fragmentos do seu próprio pesadelo.

***

— George, venha aqui e coloque os seus malditos sapatos! Não vou dizer de novo, — Sam grita pelo corredor. Eles já estão atrasados, e se ela não deixar as crianças na casa da avó nos próximos trinta minutos, não terá chance de chegar à reunião da manhã. — George! Agora!

George sai do quarto em um ritmo glacial, com o iPad de Sam preso nas mãos. — Já estou indo, — ele murmura, absorto no jogo.

Sam atravessa o corredor a passos largos e arranca o dispositivo das mãos dele. O menino a encara com uma expressão familiar que oscila entre magoado e furioso.

— Por que fez isso? — ele resmunga. — Eu quase tinha terminado a fase!

Ela estende os tênis de George para ele.

— Porque vou me atrasar para o trabalho, e você se arrastando com o nariz grudado nesse iPad está me atrasando ainda mais. Agora calce os sapatos, ou não vai mexer nisso mais tarde. — Ela vira a cabeça em direção à porta da frente, apenas para perceber que Julia desapareceu. — Julia! Onde você está?

— Tô no banheiro, — vem a resposta abafada.

— Ah, pelo amor de Deus! Por que você não foi quando acordou?

A voz de Julia começa a tremer com o prenúncio de lágrimas.

— Eu não precisava ir naquela hora. Por favor, não grita comigo.

Sam engole a frustração crescente e se esforça para manter a voz calma.

— Tudo bem, querida, desculpa. É número um ou número dois?

— Número dois, — vem a resposta fungada.

Porra. Sempre a mesma coisa. Toda maldita vez que precisam sair de casa. Se for honesta, ela está mais irritada consigo mesma do que com os filhos. Teve tempo de sobra para acordá-los, arrumá-los e sair. Mesmo assim, o tempo escapou. Essa constatação, combinada com a ressaca, ajuda a conter sua frustração. Finalmente, ela suspira e diz:

— Tá bom, mas se apresse e não esqueça de limpar o bumbum!

Ela se vira para a porta e vê os tênis de George ainda largados no chão. Enquanto estava distraída, ele pegou o iPad de novo.

— Certo! Por causa disso, nada de iPad hoje à noite. Agora coloca os tênis! — Ela entra no quarto, coloca o dispositivo no topo do guarda-roupa, fora do alcance de George, e veste o casaco. George calça os sapatos com uma lentidão exagerada, o lábio inferior inchado como um balão. Finalmente, a descarga é acionada e Julia sai do banheiro.

— Lavou as mãos? — Sam pergunta.

De olhos arregalados, Julia se vira e corre de volta para o banheiro, reaparecendo um segundo depois, exibindo as mãos molhadas com

orgulho. Sam balança a cabeça e dá uma risada abafada, empurrando os gêmeos pela porta da frente.

****

As nuvens cinzentas começam a despejar uma garoa persistente quando Sam e as crianças saem da estação de metrô *Kensington High Street*. Ela tenta em vão proteger o cabelo da água que parece ficar suspensa no ar em vez de cair corretamente, temendo que, quando chegar ao escritório, seu cabelo castanho bem cuidado esteja transformado em uma bagunça crespa. George ainda não está falando com ela e fica para trás enquanto tenta apressar as crianças para atravessar a rua movimentada enquanto a faixa de pedestres ainda está piscando. Sam agarra o pulso do menino e praticamente o arrasta junto com ela, mantendo a mão firme em volta do pulso dele. A última coisa de que ela precisa agora é de outro acesso de raiva. Eles descem por uma rua lateral, passam por um pequeno parque e chegam à casa de Janet. A mulher mais velha detestou Sam desde o momento em que a viu, e os doze anos que se passaram pouco fizeram para suavizar suas opiniões. Janet nunca a considerou boa o suficiente para seu filho, Brian, e a odeia ainda mais por tê-la tornado avó. A mulher mais velha se ressente do título e insiste que as crianças a chamem de Janet. Sam faz questão de se referir a ela como Vovó sempre que pode. *Uma pequena rebelião*, mas que desperta alegria.

Sam toca a campainha e dá um passo para trás, conduzindo as crianças encharcadas para baixo do abrigo escasso da entrada de pedra. Depois de alguns minutos, Sam ouve um arrastar de pés impaciente vindo da casa. Ela meio que imagina que pode sentir o cheiro da nuvem de Chanel se aproximando através da pesada porta de madeira. Samantha está convencida de que a velha cadela se afoga no perfume para disfarçar o cheiro revelador de incontinência, mas até agora ela não conseguiu obter nenhuma prova. Ainda assim, o pensamento da mulher imaculadamente vestida enfeitada com Tena para Senhoras a agrada imensamente.

A porta se abre, e Janet olha para Sam com desdém. Mesmo tão cedo pela manhã, a mulher se veste como se estivesse indo a um casamento caro, mas vistoso, nenhum fio de cabelo em sua cabeça lavada de azul fora do lugar. A nuvem de perfume que ela carrega consigo sem dúvida explodiria em uma bola de fogo se alguém riscasse um fósforo por perto.

— Você está atrasada, e meu Deus, olhe o estado das crianças! Mataria você carregar um guarda-chuva, Samantha? As pobres queridas estão encharcadas até os ossos! Entrem! — Ela gesticula para as crianças. — Entrem e tirem essas roupas molhadas. Há algumas limpas no quarto de hóspedes da sua última visita.

Sam morde a língua e observa as crianças correndo para o corredor imaculado de Janet, jogando seus sapatos e jaquetas encharcados em uma pilha sem cerimônia no caro piso de madeira. Ela consegue suprimir um sorriso sarcástico e diz:

— Obrigada por recebê-los novamente, Janet. É um crime colocá-los nos clubes de férias no momento.

Janet revira os olhos,

— Bem, se você fosse um pouco mais organizada, não teria que continuar me incomodando sempre. Espero que tenha feito arranjos para as próximas semanas? Você sabe que estou prestes a viajar.

Sam força um pouco de bonomia.

— Não, Janet. Eu não esqueci. Ainda não resolvi todos os detalhes, mas vou conseguir alguma coisa, tenho certeza.

Janet inclina a cabeça um pouco para trás e olha de cima para Sam tentando ser superior.

— Bem, certifique-se de fazer isso. Não vou conseguir limpar nenhuma das suas pequenas bagunças dessa vez. Honestamente, não sei por que alguém como você pensou que seria capaz de trabalhar e cuidar de duas crianças. Não é de se espantar que as duas corram soltas.

Samantha sente uma raiva familiar surgir de dentro, fazendo suas bochechas corarem, mas de alguma forma ela consegue conter o *Vai se Foder!* queimando na ponta da língua. Em vez disso, ela diz:

— Venho buscá-los às seis. Eu realmente agradeço. Vejo você mais tarde, Janet.

Então se vira e corre pela rua antes de dizer algo de que se arrependerá. *É isso*, ela pensa, vou dar uma lata de Red Bull para as crianças antes de deixá-las amanhã. *Veja como a vagabunda gosta disso.* Ela sorri um pouco com o pensamento, embora nunca vá fazer isso. Ela não pode fazer isso com as crianças. Além disso, precisa manter Janet ao seu lado por mais alguns anos, ou pelo menos tempo suficiente para ela sair do seu emprego de merda e entrar em algo que realmente lhe pague o suficiente para colocar as crianças na creche durante o verão. Não que haja qualquer perspectiva disso em breve... Ela verifica o relógio e xinga quando percebe que está

atrasada.

***

Jason Holmes parece o epítome de um jornalista da velha guarda. Ele veste uma camisa amassada com os dois primeiros botões soltos, calças de terno amarrotadas, sapatos gastos. Óculos pesados estão empoleirados em seu nariz bulboso, que ele tentou diminuir por meio de um grande bigode eriçado. Ele mal parece notar Sam enquanto lê a pilha de papéis na frente dele, dando tragadas esporádicas em seu cigarro eletrônico, como se pudesse extrair mais nicotina do dispositivo apenas com a força dos pulmões. Ele era um fumante de 40 cigarros por dia até recentemente, mas sua esposa e seu médico insistiram que ele abandonasse o hábito. Essa intervenção atenciosa não fez nada para melhorar seu temperamento já espinhoso.

Sam drena os últimos resquícios do café amargo e se pergunta se Jason vai notar se ela se levantar para pegar mais um. Ele sempre faz essa porcaria quando tem uma tarefa de merda para distribuir. É um clássico jogo de poder para lembrá-la de quem está no comando. *Porra*. Enquanto Sam começa a planejar sua fuga, Jason ajeita os papéis e empurra seus óculos grossos de volta para a ponta do nariz.

— Você é de algum lugar do Norte, não é?

Sam reprime um suspiro. Seu sotaque lancastriano perdeu muito do seu sotaque regional ao longo dos anos, mas se destaca como um polegar dolorido em meio às vozes predominantemente sulistas no escritório. Ela sente o cheiro de uma armação. Seu chefe tende a usar perguntas capciosas quando está prestes a fazer algum aviso ou outro, levando a vítima ao longo de seu fluxo de pensamento até que BAM! eles estão sobre a cachoeira e é tarde demais para fazer qualquer coisa a respeito.

— Originalmente, sim —, ela responde cautelosamente.

— Bom, preciso de alguém com uma perspectiva local para esta história. Você já ouviu falar do *Manchester Pusher*?

— Eu raramente saio daqui, Jason. Moro em Londres desde os meus dezoito anos. Eu nem volto para visitar a família.

Jason não está ouvindo ela, é claro. Seu processo de pensamento está nos trilhos. Não há como pará-lo até que cheguem ao seu destino. É como sempre acontece com ele. Jason empurra uma série de recortes de jornal sobre a mesa em direção a ela.

— De qualquer forma, tem havido afogamentos na área há anos. Uma quantidade suspeitamente alta em comparação com a média nacional. Alguns são provavelmente apenas bêbados caindo no canal, mas há muitos outros menos facilmente explicados. Alguns moradores acham que há um *serial killer* empurrando pessoas na água e observando-as se afogarem. A polícia não está interessada, mas barulho suficiente foi feito para que estejam começando a atrair atenção. Se há algo na história, eu quero. Preciso que você vá lá e investigue para mim.

Sam sente um fio de suor frio escorrer entre suas omoplatas, e ela move as mãos por baixo da mesa, escondendo os tremores involuntários.

— Jason, não tem como eu cobrir isso. O que eu vou fazer com meus filhos? Eu não posso simplesmente desaparecer no Norte, e não tenho ninguém aqui para cuidar deles; Janet estará viajando em algum cruzeiro pelas próximas três semanas. Peça para Matthew cobrir isso.

Jason dá um sorriso simpático enquanto se aproximam da cachoeira.

— Você disse que tinha família lá em cima. Eles podem ajudar. Ouso dizer que seria bom para todos vocês. Os anjinhos podem finalmente conhecer seus parentes, e estamos todos felizes.

Ela sente como se estivesse se afogando novamente, lutando para recuperar o fôlego enquanto ele borbulha para longe dela.

— Sem chance. Há uma razão pela qual me mantive longe por todos esses anos.

O chefe dela solta um longo suspiro, como se estivesse cedendo a exigências irracionais.

— Ok, vou te dizer o que farei. Leve as crianças com você, e eu cobrirei o custo da creche. Podemos tratar isso como uma despesa. Sei que não é o ideal, mas preciso que você faça isso.

— Seja razoável, Jason! Eu não posso simplesmente arrastar meus filhos para o outro lado do país e deixá-los em uma creche aleatória em uma cidade estranha. Você sabe como é o trabalho: eu vou ficar fora o tempo todo perseguindo pistas, e eles vão ficar presos sozinhos em um quarto de hotel a noite toda. Não é justo com eles. Por favor. Mande Matthew dessa vez.

Os ombros do chefe dela cedem, e ele muda para uma postura mais relaxada em seu assento.

— Escute, Sam, eu sei o quão difícil isso será para você, mas é

exatamente por isso que eu quero que você faça isso. Você tem o histórico, você tem o sotaque, você sabe como é enfrentar uma tragédia…

Sam joga as mãos para trás em desgosto com esse golpe tão baixo, mas Jason continua mesmo assim.

— …Você estará em uma posição única para falar com as famílias e dar à história alguma ressonância emocional real. Matthew é um jornalista sólido, mas suas peças não têm o coração que as suas têm. Elas não têm sua alma. Olhe as notas de fundo pelo menos, certo? Faça a pesquisa. Se não houver nada, você estará de volta em um piscar de olhos.

Sam estreita os olhos, mas a corrente é muito forte. Finalmente, ela pega a pasta de papel pardo da mesa.

— Ok, vou dar uma olhada, mas não estou prometendo nada. Há muitas coisas para eu resolver antes mesmo de começar a considerar assumir isso. E se estamos falando de despesas, você pode cobrir as contas de bebida e terapia também.

Jason se recosta em seu assento, um sorriso presunçoso se espalhando por seu rosto.

— Sem pressa. Não tenha pressa. Eu posso esperar até de manhã.

***

Heidi enche a taça de prosecco de Sam novamente, seu rosto se franze em uma carranca enquanto Sam relata sua situação.

— Bem, espero que você tenha dito a ele para enfiar isso na bunda grande e gorda dele —, ela diz, entregando o copo para sua amiga.

Sam pega e solta um suspiro gentil.

— Eu tentei, mas você sabe como o bastardo é quando ele coloca uma ideia na cabeça. — Heidi engasga. Ela tem sido a alvo de seus avanços. — Além disso... eu dei uma olhada nas anotações. Pode haver algo nelas.

Heidi se inclina para frente.

— Então, você vai assumir? Mesmo com o que aconteceu com sua mãe?

Sam esvazia metade do copo em um único gole.

— É. Por causa disso, na verdade. Enfrentar meus medos e tudo mais. Quer dizer, pensar nisso me dá urticária, mas não consigo continuar me esforçando nesse trabalho de merda por muito mais tempo. Preciso de algo grande para me tirar de lá *uma história para*

chegar às nacionais. Algo para me fazer ser notada. Ganhar prêmios. Vou precisar de um lugar maior em breve. Não posso esperar que as crianças continuem dividindo o mesmo quarto quando chegarem ao ensino médio. Você consegue imaginar? Eles já discutem o suficiente. E... ah, não sei. Há algo nessa história que não consigo esquecer. Pode ser a pausa de que preciso.

Heidi enche o copo de Sam mais uma vez, então levanta o seu.

— Bem, então, aqui estão coisas maiores e melhores para você. Deus sabe que já está demorando o suficiente.

— Vou brindar isso —, diz Sam, brindando.

— Então, o que você vai fazer com os pirralhos? Não espere que Janet fique feliz em passar um tempo de qualidade com os netos.

— Não, ela está viajando em um cruzeiro por três semanas. Você acredita que ela ganhou em uma competição? Tão típico. Ela pode se dar ao luxo de sair de férias quando quiser, enquanto eu não consigo nem passar um fim de semana dos anos 80 em Butlins.

— Você odiaria, querida. Três semanas presa em um barco, cercada por pessoas como Janet? Aposto que o lugar todo cheira a casa de repouso. Você precisaria de uma máscara de gás.

Sam ri:

— Acho que eu lidaria com o cheiro mesmo que isso significasse ficar três semanas deitado em uma espreguiçadeira, lendo meus livros e bebendo champanhe.

Heidi esvazia seu próprio copo. — Você estaria subindo pelas paredes depois de dois dias, e você sabe disso. Então, o que você vai fazer sobre Julia e George?

— Sei lá. Não suponho que você…?

— Desculpa, gata. Você sabe que eu amo as crianças, mas eu sou a titia legal e glamourosa. Eu não faço papel de adulta responsável. Além disso, estou indo para Paris para cobrir um desfile de moda chato e sangrento no fim da semana.

Sam suspira.

— Oh, pobre de você. Paris? Nesta época do ano? Como você vai lidar?

Heidi sorri para ela.

— Uma garota tem que fazer o que uma garota tem que fazer. Um rosto como esse não sai barato, sabe, e eu não quero que meu cirurgião plástico pense que estou saindo com outra pessoa. Ele pode começar a me cobrar o preço cheio.

Enquanto Sam é bem mediana na maioria dos aspectos *altura*

média, aparência e constituição médias Heidi parece ter acabado de sair das páginas de uma revista de moda. O que é justo, Sam supõe, já que ela trabalha para uma. Enquanto Sam tende a desaparecer no fundo, Heidi é sempre o centro das atenções. Costumava irritá-la, mas Sam meio que gosta assim agora. É só que... mais fácil. Sam sorri para a amiga.

— Mais cedo ou mais tarde, ele vai escorregar com a seringa, e você vai acabar com lábios como pneus de trator. Você sabe disso, certo? Você já parece porra nenhuma com as nossas fotos da faculdade.

— Com muita inveja? De qualquer forma, — diz Heidi, piscando, — se você estiver interessada, eu posso te dar um desconto? Um pouco de botox em volta desses pés de galinha?

Sam esvazia seu copo.

— Primeiro de tudo *foda-se*. Eles dão personalidade ao meu rosto. E, além disso, acho que não seria tão boa no meu trabalho se aparecesse para entrevistar pessoas com um rosto de frango congelado. Segundo, não tem como eu pagar com meu salário. Mesmo em qualquer loja de desmanche de beco que você vá.

Heidi ri com indignação e alegria, mas a risada de Sam some.

— Então, acho melhor começar a procurar opções de creches em Preston.

— Então, você vai fazer isso?

— Sim, acho que provavelmente sim. Acho que tenho que fazer isso.

CAPÍTULO TRÊS

Samantha tamborila os dedos no volante e suspira para a fila de tráfego parado serpenteando à distância. Ela não dirige pela M6 há anos, mas parece que os mesmos velhos trechos de rodovia estão sendo escavados. O que deveria ter sido uma viagem direta de quatro horas se tornou uma série aparentemente interminável de obras e desvios que esticaram a viagem para quase a metade novamente.

Tudo começou amigavelmente, com os três amontoados no carro alugado barato e nojento que o escritório havia providenciado para ela. As crianças estavam animadas com a mudança de cenário e a oportunidade de andar de carro em vez de um trem ou ônibus fedorento pela primeira vez. No entanto, suas brincadeiras casuais haviam se transformado em brigas antes mesmo de chegarem ao início da rodovia. Depois de mais 30 minutos de discussão, briga e gritos, Sam soltou uma linguagem nada maternal. Os gêmeos caíram em um silêncio taciturno, *a atmosfera no carro estava cheia de tensão*. Uma hora depois, George anunciou que estava se sentindo mal. Então isso também irritou Julia. Eles tiveram que fazer um desvio não programado e caro até o posto de gasolina mais próximo quando os dois fizeram alguma merda *tipo no filme O exorcista*, espalhando suas entranhas por todo o estofamento. Isso havia acontecido três horas atrás, e as duas crianças agora estavam dormindo profundamente no banco de trás, a onda de açúcar dos doces exorbitantes há muito tempo queimada. Pela primeira vez, no que parecem semanas, Sam está sozinha com seus pensamentos. *Aqueles* e o persistente cheiro azedo de vômito.

Ela não consegue racionalizar o nó quase constante em seu estômago ou as dores de cabeça que o simples pensamento dessa viagem traz. Sua infância teve mais do que sua cota de traumas, com certeza. A morte de seus pais quando ela era jovem e os anos subsequentes passados com seu tio frio e indiferente não foram um piquenique em nenhum trecho da imaginação. No entanto, seu tio

garantiu que haveria comida na mesa, um teto sobre sua cabeça e tudo o que ela precisasse para a escola. Ele nunca levantou a mão ou mesmo a voz para ela. Ele era, se tanto, indiferente, e isso era de alguma forma pior. Ele providenciou e cuidou dela como um dever percebido para sua irmã, mas não havia amor ou calor familiar. Nenhuma emoção de qualquer tipo, realmente. Aos dezoito anos, quando ela foi para a universidade, ele mal levantou os olhos da TV enquanto ela carregava suas coisas para o táxi. Ele não poderia se importar menos. Ela era um fardo do qual ele finalmente estava livre. A farsa de manter contato caiu logo depois. Ela mal pensou no homem em mais de uma década e não tem intenção de entrar em contato enquanto estiver na área. Qual seria o sentido? Então, por que ela se sente tão ansiosa sobre a viagem? Por mais que tentasse, ela não conseguiu formular uma resposta para essa pergunta.

O trânsito começa a avançar lentamente mais uma vez. Finalmente, depois de mais quinze minutos, Sam chega a um cruzamento e sai da rodovia. Ela raciocina que fará um tempo muito melhor nas estradas secundárias que levam a Preston do que tentar lutar por mais vinte milhas de obras na estrada.

A sensação de dirigir por estradas outrora familiares quase vinte anos depois é tão enervante quanto pouco confiável. Para cada garagem, igreja ou conjunto de semáforos familiares, parece haver mais dois para sempre alterados ou apagados pela passagem do tempo. Um novo conjunto habitacional onde antes havia campos abertos, uma velha loja que ela amava ou fechada com tábuas agora ou substituída por um cabeleireiro ou alguma casa de apostas. Trechos de estrada desviados de maneiras estranhas, ou fechados completamente, forçando-a a refazer sua rota para algum senso de direção. A sensação que ela experimenta principalmente, além da frustração, é a de tristeza e perda. Ela não pertence mais aqui, mas também não sente que seu coração está em Londres. Ela se sente isolada. Cortada de suas raízes e desligada da vida à qual se acostumou.

São quase seis horas quando ela para o carro em frente ao *Bed and Breakfast* que o assistente de Jason reservou para ela. A propriedade ao lado está fechada com tábuas, com persianas de aço em todas as janelas e um cadeado pesado protegendo a porta da frente. Legal. A porta da frente, ela nota, tem o entalhe característico de um aríete policial. A única loja que ela viu aberta no bairro é uma loja de bebidas. Ela balança a cabeça. Isso não é

um bom presságio. Aparentemente, há uma grande convenção na cidade, então as acomodações são escassas. Ainda assim, este lugar é um novo ponto baixo, mesmo para os padrões mesquinhos de Sarah. Jason ficará emocionado quando vir o quanto ela economizou em despesas.

Sam tira as malas do porta-malas e sobe com dificuldade os degraus de pedra até a porta da frente enquanto as crianças, acordadas, mas subjugadas, terminam seus McDonalds. Ela toca a campainha e, quando não há resposta, toca novamente, mantendo o dedo pressionado insistentemente. Seus esforços são recompensados com xingamentos abafados e os sons de alguém pisando forte no corredor.

Quando a porta da frente se abre, Sam se vê cara a cara com, possivelmente, o indivíduo mais nojento do qual ela já teve o desprazer de estar a quinze metros de distância. O homem veste um colete de cordas, esticado até o ponto de ruptura em sua barriga expansiva, e um par de calças de corrida cinza manchadas. Sam sinceramente espera que haja iogurte envolvido porque as alternativas não suportam pensar. O odor corporal do homem é como uma presença física própria — ela quase consegue vê-lo emanando em uma névoa de calor. Ele coça sua barba ruiva e passa a mão pelos poucos fios restantes de cabelo oleoso grudados em seu couro cabeludo cheio de acne.

— Que porra você quer? — ele exige.

— Erm… temos uma reserva? Sob o nome de *Ashlyn*. *Samantha Ashlyn*? Você é a dona?

O homem coça o traseiro e então cheira a mão.

— Não, querida. Eu sou o cozinheiro. — Ele vira as costas para ela e grita, — Dave! Dave! Tem uma vadia aqui. Diz que tem uma reserva ou algo assim? — Uma resposta abafada vem de algum lugar dentro do prédio, e o homem rosna. — Ele vai sair em um minuto. Ele só está cagando. — Uma expressão lasciva se espalha pelo rosto do homem enquanto ele olha Sam de cima a baixo, avaliando seu corpo. — Você vai ficar conosco por muito tempo?

Duvido muito, pensa Sam, mas hesita por enquanto.

O cozinheiro tenta sugar sua barriga.

— Bem, se você não estiver muito ocupada, eu poderia lhe mostrar os pontos turísticos. — Ele pisca para ela. — E talvez algumas outras coisas também.

Sam sente uma onda de náusea borbulhar. Ela sente o gosto de

cheeseburger no fundo da garganta e se sente confiante de que vai vomitar se o cozinheiro fizer mais uma sugestão obscena. O que pode realmente ser uma melhoria. Felizmente, um homem magro e grisalho emerge de uma porta dentro da propriedade, apertando o cinto nas calças enquanto se dirige a eles.

O homem de cabelos grisalhos empurra o cozinheiro e diz:

— Obrigado, Rob. Eu cuido daqui.

Rob dá um passo para trás e pisca para Sam.

— Vejo você no café da manhã, então.

Sam decide naquele instante que prefere comer direto de uma caçamba do que colocar perto da boca qualquer coisa que Rob ajudou a preparar.

Dave dá um passo à frente e estende a mão.

— Srta. *Ashlyn*? Prazer em conhecê-la. Espero que sua viagem tenha sido boa?

Sam faz uma breve pausa antes de apertar a mão de Dave e resolve esfregar a sua no segundo em que chegasse ao banheiro. Ela coloca seu sorriso mais doce e diz:

— Demorou um pouco mais do que esperávamos com todas as obras na estrada.

Dave concorda em compreensão.

— Vamos te acomodar no seu quarto então, para que você e sua família possam relaxar.

Sam acena para as crianças saírem do carro, e todas seguem Dave pelo corredor. O papel de parede está descascando, manchado de nicotina, e o carpete puído está todo gasto em alguns lugares. O B&B inteiro cheira como se alguém tivesse passado o dia fervendo repolhos, temperados com o odor corporal de Rob, o cozinheiro. Eles sobem para o primeiro andar e chegam a uma porta de compensado. Dave remove o cadeado e o entrega a ela.

— Isso é só para quando você sair. A fechadura normal está quebrada, e é melhor prevenir do que remediar, você sabe. Se você tiver algo valioso no quarto. — Sua entonação transforma essas últimas palavras em uma pergunta, que Sam intencionalmente ignora.

A porta se abre para revelar um quarto sujo, grande o suficiente para caber apenas uma cama de solteiro. O papel de parede de lascas de madeira está coberto de pequenos buracos onde os ocupantes anteriores o cutucaram. O carpete tem várias manchas grandes de origem indeterminada. A capa do edredom, jogada

aleatoriamente na cama, está coberta de queimaduras de cigarro, e o fedor de fumaça de tabaco velho paira pesadamente no quarto, junto com outro aroma mais terroso e almiscarado.

— Mamãe, eu não gosto disso. Tem cheiro! —, diz Julia do seu lado.

— OK, — Dave diz rapidamente, — Se você quiser usar o banheiro, você vai precisar colocar uma libra no medidor e dar a ele cerca de uma hora para a água esquentar. É no final do corredor, primeira à esquerda. Não tem chuveiro, infelizmente. O café da manhã é das sete às nove.

Sam se esforça para manter o sorriso no lugar. É mais um sorriso ricto agora. Ela agradece a Dave e então conduz seus filhos para dentro do quarto e fecha a porta.

Ela vai ter uma conversa com Sarah do escritório amanhã de manhã. A maioria delas não terá mais do que quatro letras.

***

No dia seguinte, Sam pisa forte até o carro, seu rosto uma máscara de fúria. Antes de chegar ao veículo, ela consegue se recompor, então abre a porta e diz:

— Julia? George? Vocês se importariam de brincar naquele parque ali por um tempo? A mamãe precisa fazer uma ligação.

Os gêmeos precisam de pouco incentivo para arriscar a vida e os membros e sair correndo, muito felizes. Sam sobe no carro, espera as crianças começarem a subir e então se solta.

— FODA-SE, FODA-SE, FODA-SE, CARALHO DE MERDA! —, ela grita, batendo o cotovelo na porta e, em seguida, batendo as mãos no volante do Renault com força suficiente para fazer a buzina apitar. As crianças se viram para olhar, então ela força um sorriso e acena para elas. Ela chuta o vão dos pés com força e, em seguida, pega o telefone da bolsa.

Ele toca quatro vezes antes que o alegre sotaque londrino de Sarah soe nos alto-falantes.

— Oi, Sam! Como vão as coisas em Preston? Você chegou bem ao hotel? É legal? Ah, e o carro alugado estava bom? Eu sei que Jason te colocou para um Renault, mas minha irmã teve um uma vez, e ela disse

— Sarah… você pode calar a boca por cinco malditos segundos?

O telefone fica mudo. Sam quase consegue ver o rosto de Sarah se contorcer. Em qualquer outro dia, ela se sentiria culpada, mas as

cagadas combinadas das últimas vinte e quatro horas esticaram sua paciência ao ponto de ruptura.

— Certo, obrigado. Agora, por onde eu começo? Primeiro, sim, chegamos ao 'hotel' OK, mas não é realmente um hotel, é? É uma porra de um albergue. Nunca estive em um lugar tão ruim na minha vida, e tive que cobrir aquela história do viciado em heroína morto ano passado. Lembra daquela? Eles o encontraram nu e coberto de sua própria merda no canto de uma casa abandonada sem porra de telhado. Era um palácio comparado a este lugar! Nós três tivemos que nos amontoar em uma cama de solteiro, Sarah, e quando acordamos esta manhã, algo tinha mordido nossas pernas. Não sei se eram pulgas, ou percevejos ou o que quer que viva em um buraco como este, mas ficarei surpreso se não pegarmos a peste ou algo assim.

Sarah funga ao telefone, então pergunta docilmente se elas poderiam trocar de quarto, talvez. Ela imagina que tenha havido algum tipo de confusão.

— Você ouviu uma palavra do que eu acabei de dizer? Você não nos reservou em algum pequeno e pitoresco B&B administrado por um simpático casal de velhos em *Cotswolds*; é mais como um cúbiculo de drogados em terra de ninguém. Não tem como eu ficar lá, principalmente com meus filhos.

— Ah… Bem, como eu disse, não havia muito mais disponível. Há alguns grandes eventos acontecendo na cidade e nos arredores, e tudo está lotado há semanas. Você tentou falar com o dono? Tenho certeza de que ele conseguiria fazer alguma coisa.

— Eu disse ao dono onde ele pode enfiar seu pulguento de B&B esta manhã enquanto eu colocava as crianças e nossas coisas no carro para levá-las ao grupo de brincadeiras que você reservou. Isso, é claro, me leva ao meu próximo ponto. Eles me disseram que alguém ligou e cancelou a reserva, e agora eles deram as vagas para outra pessoa.

Há um momento de silêncio do outro lado da linha antes de Sarah responder:

— Ah…

— Sim. Então, vou te contar o que acontece agora: vou entrar no carro e dirigir de volta para Londres. Vejo você amanhã.

O silêncio do outro lado da linha é mais longo dessa vez. Então, Sarah diz:

— Você pode esperar um momento, por favor, Sam? Preciso falar

com Jason.

A terrível música de espera começa com uma seleção de sucessos populares dos anos oitenta, aparentemente recriados por uma criança entusiasmada de oito anos em um gravador. Interpretações mutiladas de *True Colours, de Cyndi Lauper,* e *The Reflex, de Duran Duran,* são ouvidas a curta distância. O massacre de *Careless Whisper* mal começou quando Sarah retorna ao telefone, deixando George Michael descansar em paz.

— Erm… Sam?

— Sim?

— Sinto muito, mas Jason disse... erm... Ele disse que você não terá um emprego para retornar a menos que termine a tarefa.

— Que porra é essa, Sarah? Sério? Que diabos eu vou fazer? Dormir no carro? Arrastar as crianças para as entrevistas comigo? Talvez os familiares enlutados possam me dizer se sabem de alguma creche decente na área?

— Ele disse mais uma coisa… E, por favor, não fique brava comigo…

O estômago de Sam dá uma cambalhota. Ela sabe o que está por vir antes mesmo de Sarah dizer as palavras.

— Ele disse que você tinha família na área e que poderia ficar com eles se o hotel não fosse bom.

— Não! De jeito nenhum. Não vejo nem falo com o bastardo há mais de uma década. Caramba, nem sei se meu tio ainda está vivo.

O encolher de ombros de Sarah é quase audível. Sam se sente mal. Não há saída para isso que ela possa ver. Cada fibra do seu corpo quer dizer a Jason onde ele pode enfiar seu emprego, mas pedir demissão não é uma opção. Há contas a pagar, e ela mal consegue arranjar o suficiente para cobri-las.

Sarah parece ter desenvolvido o bom senso de permanecer quieta durante a erupção de Sam, e permanece assim, forçando Sam a preencher o silêncio constrangedor. Ela solta um suspiro exasperado e acede ao inevitável.

— Tudo bem. Diga a esse idiota que tentarei ligar para meu tio e ver se ele está preparado para nos hospedar depois de todos esses anos. Temporariamente. Porque Sarah, espero que você mova céus e terras para me encontrar outro hotel e uma creche de verdade. Entendeu?

— Claro, Sam. Eu te aviso no segundo em que te encontrarmos em outro lugar. Desculpe por tudo isso.

A linha cai antes que Sam possa mudar de ideia, deixando-a olhando para o telefone como se alguém tivesse pedido para ela segurar um cocô. Ela verifica as crianças mais uma vez. George está pendurado de cabeça para baixo em uma estrutura de escalada enquanto Julia tenta desalojá-lo com uma vara longa e pontuda. Jesus Cristo.

Ela fica sentada no carro por mais alguns minutos, tentando controlar sua respiração. Por fim, ela disca um número de memória que pensou que nunca mais usaria. Após cinco toques, uma voz masculina atende com um áspero

— Alô?

Sam engole em uma tentativa de lubrificar sua garganta repentinamente seca.

— Tio Marcus? É Sam. Você tem um minuto?

***

Se a viagem de Londres a Preston pareceu, no mínimo, mais longa do que as sete horas extenuantes, a viagem de quarenta e cinco minutos de Preston de volta a *Oakenclough* passa voando.

Eles viajam para o norte em uma estrada que corre paralela à M6 antes de virar para o leste em direção a *Bleasdale* e à floresta de *Bowland* que domina os pântanos. Os postes de luz se tornam mais intercalados, e as casas são marcadores menos frequentes ao longo da estrada conforme eles entram no campo propriamente dito. Cercas de arame farpado seguem para muros de pedra seca, assim como ricos campos aráveis cheios de gado abrem caminho para charnecas ásperas e arbustivas pontilhadas de ovelhas.

Ontem, enquanto Sam dirigia em direção a Preston, ela ficou surpresa com o quanto as coisas mudaram. Hoje, o oposto é verdade. A área parece congelada no tempo. Uma nova camada de tinta pode dourar a estranha porta da frente, um conservatório de PVC branco pode ter sido adicionado à parte traseira de uma casa de fazenda de duzentos anos, mas, de resto, tudo está exatamente como ela se lembra de vinte anos atrás. Em um momento, ela sabia os nomes de todos nessas casas e pequenas propriedades. Alguns dos mais velhos já devem ter morrido, mas ela duvida que os novos donos tenham sobrenomes diferentes. Não é assim que as coisas funcionam por aqui. As pessoas não se mudaram, e é ainda mais incomum que novas pessoas se mudem quando uma árvore genealógica apodrece. A casa ou fazenda é comumente abandonada

e eventualmente recuperada pela natureza, enquanto as terras ao redor são anexadas não oficialmente pelos vizinhos. Ela duvida que os planos de título mantidos pelo *Ordnance Survey* tenham muita semelhança com a cerca de limite real.

A adrenalina entra em ação novamente, seu estômago dá cambalhotas e todos os instintos gritam para ela dar a volta com o carro e danem-se as consequências. Sam desacelera sua respiração, inspirando por três segundos e expirando por seis, conforme o curso de gerenciamento de estresse. Sua frequência cardíaca começa a diminuir, e a sensação de mal-estar em seu estômago se dissipa ao longo de alguns minutos. Ela limpa as mãos suadas no volante e solta um longo suspiro resignado. Ela faz a curva para *Miller's Farm*, o lugar onde passou a infância. O lugar onde sua mãe morreu.

Ela olha para os pântanos, para os três transmissores de rádio aninhados em uma colina distante. Eles acendem à noite, ela se lembra, avisos vermelhos para aeronaves para evitar colisões. Ela sempre os amou. Para sua imaginação de infância, eles representavam um portal para outro mundo, muito longe desta charneca sombria e solitária.

O barulho dos pneus do Renault na pista de cascalho e o subsequente estrondo na grade do gado acordam as crianças do sono. Nenhuma delas dormiu bem na noite anterior, então elas desmaiaram no banco de trás quase assim que o carro pegou a estrada. Agora elas enxugam os olhos e olham pelas janelas, confusas.

— Mãe? —, diz George, — Onde estão todas as casas?

— Não tem muitas casas por aqui, querida. Basicamente só fazendas.

Julia se anima.

— O tio Marcus é fazendeiro? Ele tem cordeiros?

— Não, querida. Ele costumava guardar alguns, mas isso foi há muito tempo, quando eu era apenas uma garotinha. Mas haverá muitos cordeiros por aí nos pântanos. Podemos ir vê-los, tenho certeza.

George parecia estar pensando em algo.

— Mãe? Se não houver casas, ainda poderemos receber pizza da *Domino's*?

— Não sei, amor. Teremos que perguntar ao seu tio.

A casa está quase à vista agora, a menor sugestão dela visível através da linha alta de choupos que marcam o início da

propriedade. Sam sente outra pontada de ansiedade conforme se aproximam de sua casa de infância. A sensação de viajar de volta no tempo é palpável. O lugar parece exatamente o mesmo que ela deixou todos aqueles anos atrás. Até a velha caminhonete de seu tio, ela observa. A tinta descascada nas molduras das janelas e portas é do mesmo tom desbotado e doentio de verde.

George não parece impressionado.

— Pessoas moram aqui? Não tem nada para fazer!

Sam consegue sorrir, apesar de si mesma.

— Consegui me manter ocupada e vivi aqui por quase dez anos.

— É, mas não estamos falando dos velhos tempos. É diferente agora. Se eles não tiverem WIFI, eu vou embora!

Sam estaciona o carro alugado ao lado do velho caminhão e desliga o motor. Algo estava em sua mente o dia todo, e ela precisa desabafar agora, antes que as coisas fiquem complicadas. Ela se vira e encara cada um deles com um olhar sério.

— Escutem, vocês dois. Isso é importante. Tem um lago nos fundos da casa, mas vocês NÃO DEVEM chegar perto dele. Entenderam?

Julia se ilumina.

— Tem peixe? Ou sapos?

— Não! Não tem nada assim aí dentro. Acho que você não me ouviu. É perigoso, e preciso que você fique longe disso. Bem longe. Entendeu?

Ambas as crianças resmungam em concordância e, satisfeita por ter conseguido entendê-las dessa vez, Sam as conduz para fora do carro e em direção à casa da fazenda.

É estranho ficar de pé diante da porta de sua antiga casa. Não parece certo simplesmente entrar depois de tanto tempo. Então, em vez disso, ela bate três vezes na aldrava de latão corroída. Ela ouve arranhões e movimento de dentro. Depois de um minuto, a porta se abre e ela fica cara a cara com seu tio Marcus — o homem que efetivamente a criou.

Assim como a propriedade, o tempo parece ter passado pouco para o homem, embora ele já deva estar se aproximando dos setenta anos. Seu queixo mal barbeado estava sal e pimenta quando ela o viu pela última vez, e as cerdas estão totalmente brancas agora. Seu cabelo preto, antes espesso, afinou um pouco, mas, de resto, ele parece o mesmo. Seu físico musculoso parece um pouco mais frouxo, um pouco mais fino, mas não doentio. Apenas as bolsas sob

os olhos e um tom de pele levemente ictérico indicam a idade real do homem. A sensação de Sam de voltar no tempo é quase avassaladora.

Marcus olha para ela de cima a baixo.

— É, pensei que poderia ser você. Não precisa fazer cerimônia aqui, moça. Ou eles batem em suas próprias portas em Londres hoje em dia?

— Não parecia certo simplesmente entrar depois de todo esse tempo.

— Não fale bobagens. Este lugar sempre foi seu lar, e sempre será. Trate-o como tal.— Marcus olha para os gêmeos que estão atrás de Sam. — E quem temos aqui?

Sam se move para o lado e gentilmente impede Julia de se agarrar a ela.

— Estes são George e Julia, meus filhos. Gente, este é seu tio Marcus.

Ambas as crianças dão um tímido sorriso.

— Olá — e então tentam se esconder atrás das pernas de Sam.

O rosto de Marcus se abre em um sorriso largo, e ele tira duas barras de chocolate de trás das costas que entrega às crianças.

— Não fazemos cerimônia aqui. Podem me chamar de vovô se quiserem.— Ele se vira e volta para dentro de casa. — Entrem, então. Vamos acomodar vocês.

CAPÍTULO QUATRO

Sam segue Marcus para dentro da casa, esperando a mesma decoração escura e suja com a qual cresceu *a lareira aberta adornada com ornamentos de latão, o velho tapete de pele falsa creme, a pequena cozinha com armários artesanais de madeira compensada em volta de um fogão manchado de ferrugem* mas o lugar foi completamente remodelado. Ela para em choque, absorvendo tudo. As paredes de vigas foram removidas, transformando o andar de baixo em uma área de estar arejada e aberta. Uma TV LCD de tamanho considerável fica no canto, e um novo fogão a lenha fica em frente à velha lareira. A única lâmpada com o abajur desbotado e puído que ela lembra da sala de estar se foi, substituída por uma iluminação LED de bom gosto que ilumina artisticamente os vários cantos e fendas que abrigam recordações da família. A casa parece uma casa de show. Talvez o mais chocante seja o cheiro. O ar não cheira mais a fumaça e fuligem da chaminé não varrida. Em vez disso, a casa da fazenda cheira a purificadores de ar e comida saudável. Sam acha essa desconexão bastante perturbadora.

O rosto de Marcus se abre em um sorriso nada característico.

— É, o lugar antigo precisava de uma pequena atualização. Acho que não redecorava desde antes de você nascer, então chamei alguns rapazes para dar uma repaginada.

— É… adorável, na verdade. Não é o que eu esperava, para ser honesta, mas é muito legal.

— Eu também fiz os banheiros e o quarto de hóspedes, para que os pequenos possam montar acampamento lá. Mas não toquei no seu quarto. Deixei do jeito que estava, caso você precisasse voltar para casa.

A ansiedade de Sam evapora no calor inesperado da vergonha.

— Olha, Marcus, eu sei que faz muito tempo que não nos falamos...

— Não se preocupe com isso, moça. Sei que você tem tido muita coisa para fazer nos últimos anos, com esses dois e seu emprego. O

pai deles te abandonou, não é?

Sam não sabe o que dizer, sua garganta fica seca de repente e sua mente gira em busca de algum tópico de conversa para quebrar o silêncio constrangedor repentino.

Marcus dá um tapinha no ombro dela.

— Desculpe, moça. Não é da minha conta. De qualquer forma, arrume suas coisas e se acomode. Você lembra do caminho? Seu quarto fica no final do corredor, ao lado do meu escritório. Meu quarto fica no topo da escada, e o quarto de hóspedes fica entre ele e o banheiro.

George puxa a manga de Marcus, o iPad de Sam já está de, alguma forma, fora da mala e em sua mão.

— Vovô Marcus, você tem wi-fi?

Um sorriso se espalha pelo rosto do velho.

— Claro que sim, rapaz; aqui não é Yorkshire! A senha é Samantha1983. S maiúsculo.

Sam vira as costas e sobe as escadas correndo com as malas antes que alguém perceba a expressão de gratidão brotando em seus olhos.

Marcus não estava exagerando quando disse que o quarto dela estava como ela o havia deixado. Sam se lembra vividamente do dia em que foi para a universidade, enfiando suas roupas e pertences apressadamente em malas, ansiosa para escapar do lugar. E olha! Seu velho edredom está na mesma pilha amassada aos pés da cama; as gavetas de sua cômoda antiga de madeira ainda estão abertas. Pôsteres de suas bandas favoritas de Britpop ainda adornam as *paredes desbotados pelo tempo e enrolados nas bordas. Ela olha para uma pequena pilha de CDs em sua velha escrivaninha e folheia alguns livros que havia deixado para trás. Marcus obviamente tirou o pó do lugar; o cheiro de polidor de móveis ainda paira no ar. Apesar disso, o quarto parece mofado, como um museu. Ela caminha até a janela e desliza a moldura de madeira para cima para deixar um pouco de ar fresco entrar no quarto. Seus olhos caem na água estagnada do Miller's Pond que domina a parte de trás da propriedade. Seu sonho volta para ela então* com a sensação de afogamento. De ser puxada para baixo das águas turvas e Sam estremece. Ela fecha as cortinas e sai, mais uma vez, sem vontade nem de olhar para a água. Ela precisa de um pouco de ar; os limites do quarto de repente são claustrofóbicos.

Sam volta para o andar de baixo e encontra George e Julia sentados de pernas cruzadas no chão. As crianças olham para

Marcus com atenção arrebatada enquanto ele lê para elas um velho livro de histórias encadernado em couro. Ela fica surpresa ao ver seu iPad descartado no chão, esquecido. Normalmente, ele estaria soldado à mão de George.

Marcus levanta os olhos do livro.

— Está tudo bem, querida? —, ele diz.

Ainda abalada pela lembrança do pesadelo, ela força um sorriso.

— É, está tudo bem. Obrigada de novo por fazer isso. Odeio perguntar, mas preciso ir trabalhar. Você pode ficar de olho neles? Tenho algumas pessoas que preciso entrevistar e já estou atrasada.

— Ah, os pequenos não são problema. Vou jantar lá pelas seis, se estiver tudo bem?

— Seria adorável. Muito obrigada. — Ela vira a cabeça para as crianças. — Sejam bons para o seu tio Marcus, rapazes, e lembrem-se do que eu disse.

Ambas as crianças reviram os olhos.

— Não chegue perto do lago —, elas dizem em uníssono.

Ela pega seu laptop e corre de volta para o carro. O dia não foi nada como ela esperava, o que é uma coisa boa neste caso, mas velhas ansiedades permanecem enroladas em seu estômago, como uma cobra esperando para atacar. Elas não começam a desaparecer até que ela deixa a fazenda de Miller para trás.

***

Sam estaciona o carro na entrada da garagem da primeira pessoa na fila para uma entrevista. Ela esperava uma casa popular decadente ou uma propriedade com terraço, então ela se surpreende com a grande e bem cuidada propriedade isolada nos arredores da cidade. O gramado está recém-aparado, as bordas cheias de uma variedade de flores e plantas de bom gosto que parecem estar prosperando apesar do longo e quente verão. Ela verifica suas anotações, colocando os fatos básicos em ordem em sua cabeça. O nome da vítima é Kevin Fuller, um gerente intermediário bem conceituado em uma empresa de consultoria de TI. Nenhuma evidência ou anedota para indicar que ele era algo além de um homem respeitável. Ela pega seu gravador de voz e caderno do banco da frente do carro, verifica seu cabelo e maquiagem, então caminha até a porta da frente e toca a campainha.

Um cachorro grande late furiosamente de algum lugar dentro da propriedade, acompanhado por uma voz de repreensão. O latido do

cachorro continua, mas fica abafado, pois ele é presumivelmente jogado em uma sala adjacente. Uma sombra cai sobre o painel de vidro, e então a porta se abre para revelar uma mulher de meia-idade, bem-arrumada e de aparência um tanto triste.

— Olá? — ela diz em dúvida, olhando ao redor para garantir que Sam está sozinho.

— Sra. Fuller? Eu sou *Sam Ashlyn* do News 24/7. Temos uma entrevista?

— Ah, sim, — diz a mulher, com um pouco do seu nervosismo desaparecendo. — Eu estava esperando você algumas horas atrás. Presumi que você tinha mudado de ideia.

Sam dá à mulher seu sorriso mais apologético.

— Sim, sinto muito por isso. Infelizmente, tive alguns problemas com o local onde deveria deixar meus filhos.

A Sra. Fuller retribui o sorriso, ainda que fraco.

— Sim, eu já passei por isso. Foram alguns dias difíceis — oh, desculpe, onde estão minhas maneiras. Por favor, entre.

Sam segue a Sra. Fuller para dentro da casa, fechando a porta atrás dela. A casa é decorada com bom gosto, com piso de madeira maciça e móveis de carvalho combinando. As paredes são adornadas com fotografias de família emolduradas mostrando o Sr. e a Sra. Fuller e seus dois filhos pequenos.

— Quantos anos têm seus pequenos? —, Sam pergunta, acenando para a foto.

— Quatro e seis. Eles ainda não entenderam realmente o que aconteceu. Acho que eles ainda esperam que o pai entre pela porta da frente. Eu continuo me sentindo assim. Você gostaria de uma bebida?

— Um café seria maravilhoso, obrigada, forte, preto e dois açúcares, por favor —, diz Sam. A falta de sono está a afetando, e as picadas de insetos ao longo de suas pernas estão coçando.

A Sra. Fuller parece decepcionada, como se tivesse outro tipo de bebida em mente. Ela se ocupa com uma grande máquina de café de aparência cara, enquanto Sam se senta à mesa da cozinha e olha para o jardim dos fundos. Assim como a frente da casa, ela é imaculadamente mantida. O efeito só é estragado por uma série de brinquedos de plástico chamativos espalhados pelo gramado.

Quando a Sra. Fuller lhe entrega a xícara de café, Sam toma um gole, saboreando o sabor e limpando sua mente. Ela liga seu gravador de voz e limpa sua garganta.

— Então, Sra. Fuller

— Karen, — ela diz. — Por favor, me chame de Karen,

— OK. Karen, eu sei que isso será difícil para você, mas, por favor, me conte o que aconteceu com suas próprias palavras.

A mulher dá um sorriso fraco para Sam e toma um gole de seu próprio café antes de embalar a xícara em suas mãos.

— Bem, Kevin sempre se levanta cedo para correr todas as manhãs. Nós dois somos muito ocupados, sabe, e com o trabalho e as crianças, ele achava bem difícil fazer exercícios. Então, ele acordava por volta das cinco e meia para correr pela reserva natural. Uns bons oito quilômetros! Então, ele voltava para casa, tomava banho e tomava café da manhã conosco antes de dirigir para o escritório. Regular como um relógio. Ele sempre dizia que se você não arranjasse tempo para as coisas que queria fazer — e se apegasse a elas — então a vida preencheria esse tempo para você.

Eles sentam-se por um momento em silêncio. A Sra. Fuller está ficando visivelmente chateada, mas segurando-a admiravelmente. Ela respira fundo e continua.

— Então, eu o ouvi se levantar e sair de casa, como sempre, então tomei um banho, preparei as crianças para a brincadeira em grupo. Eles brincam comigo, então. Eu estava atrasada para fazer o café da manhã, mas ele ainda não tinha voltado. Lembro-me de me perguntar onde ele estava e me preocupar que seus ovos estivessem esfriando, e ele ainda... Eu... Sinto muito, por favor, me desculpe.

Sam espera entorpecido enquanto as lágrimas de Karen diminuem gradualmente.

— Sinto muito, Srta. *Ashlyn*. Você pensaria que depois desse tempo, eu seria capaz de me controlar.

Sam pega a mão da mulher, provocando um pequeno suspiro por sua presunção, mas Karen não a afasta.

— Faz apenas algumas semanas. Não tenha pressa. Eu entendo o quão doloroso isso deve ser para você.

Karen aperta a mão de Sam e lhe dá um meio sorriso,

— Obrigada, querida. — Ela se recompõe um pouco e continua. — Deixei um bilhete bem conciso para Kevin, depois levei as crianças para a creche, e quando voltei vi que o carro de Kevin ainda estava na garagem e seu café da manhã ainda não tinha sido tocado. Pensei que talvez ele tivesse ido direto tomar um banho, mas ele também não estava no banheiro.

Ela respirou fundo, estremecendo, e então continuou com um

brilho frágil.

— Então decidi ir procurá-lo. Ele provavelmente torceu o tornozelo ou algo igualmente bobo, eu suponho. Às vezes corro com ele nos fins de semana, então eu conhecia bem o seu percurso. Eu tinha andado talvez uma milha quando me deparei com um grupo de pessoas reunidas na margem do lago. Eu soube imediatamente que algo horrível tinha acontecido com ele, e quando cheguei mais perto, vi Kevin flutuando... ou pelo menos vi o que restava dele...

Karen desaba mais uma vez, e Sam espera pacientemente, embora a próxima pergunta esteja queimando na ponta da língua.

— Sinto muito ter que perguntar isso a você, Karen, — ela diz eventualmente, — mas eu pensei que seu marido tinha se afogado? O que você quis dizer com a frase *"o que sobrou dele?"*

O olhar no rosto de Karen é de pura angústia.

— Foi a água que o matou — ou pelo menos foi o que a polícia me disse — mas ele foi mutilado quase além do reconhecimento. Eles... eles ainda não encontraram as pernas dele. — Sua voz engasgou em algo como um grito. — E seu rosto — Oh meu Deus, seu rosto...

Sam termina a entrevista o mais rápido que pode. A Sra. Fuller não consegue mais falar muito depois dessa revelação. Ela fica soluçando na mesa da cozinha enquanto Sam termina seu café e sai de casa. Ela se senta no carro e tenta se recompor. Um homem cortado ao meio? A polícia deve ter pedido alguns favores para manter essa pequena pepita longe da imprensa. Em que diabos ela tropeçou aqui?

Ela está prestes a colocar o endereço do próximo entrevistado no navegador por satélite quando seu telefone toca. O visor do chamador mostra Escritório.

— Sarah? Diga que você encontrou outro hotel para mim.

A voz do chefe dela estala pelos alto-falantes.

— Não, Sam, ela não fez isso. Concentre-se no trabalho. Acabei de receber uma dica — eles encontraram outro corpo.

***

Sam estaciona no estacionamento público de Preston Moor e vai até a cena do crime a pé. O parque está tranquilo considerando as férias escolares e o clima agradável. Algumas pessoas estão passeando com cachorros perto de uma área arborizada coberta com uma variedade de flores silvestres, e alguns turistas estão tirando fotos

em um observatório. Parece curiosamente vazio. Sam logo descobre o porquê. Multidões começaram a se reunir do lado de fora do cordão policial, pessoas assustadas só querendo saber o que aconteceu. Uma tenda foi montada na margem do Lago *Serpentine* para perícia.

De onde ela está, não há muito para ver; a vista é obstruída por curiosos. Em vez de lutar contra a multidão, ela contorna o cordão para uma área menos congestionada e se aproxima de um par de policiais de aparência entediada que estão de guarda em jaquetas de alta visibilidade.

Ela procura suas credenciais de imprensa nos bolsos e mostra aos policiais seu melhor sorriso.

— Oi —, ela diz. — Samantha Ashlyn, News 24/7. Posso perguntar o que aconteceu aqui?

Os policiais reviram os olhos, e o mais alto dos dois, um jovem de quase trinta anos, diz:

— Houve um incidente, e o corpo de um homem foi encontrado no lago. Além disso, não tenho liberdade para dizer.

— Alguma evidência de crime?

O outro policial dá um passo à frente. Ele é um homem mais velho, corpulento, com mechas grisalhas na barba.

— Nós realmente não temos liberdade para dizer, Srta. *Ashlyn*. Nossas investigações estão em andamento, e o chefe fará uma declaração mais tarde hoje. Eu sugiro que você espere por isso.

— Então, você não acha que isso está ligado ao incidente de *Avenham Park* algumas semanas atrás? Ou à morte de Kevin Fuller no mês passado?

O policial mais jovem lança um olhar preocupado para seu colega, mas o velho não se perturba.

— Como eu disse, Srta. *Ashlyn*, uma declaração será emitida mais tarde esta tarde, assim que a família for notificada. É uma questão de propriedade e respeito.

Sam já foi bloqueada muitas vezes antes. Ela conhece o jogo. E ela também sabe que o que os policiais não dizem é tão importante quanto o que eles dizem. Ela adota um olhar inocente e diz:

— Alguma parte do corpo faltando? Braços ou pernas, talvez?

Isso provoca uma mudança abrupta no comportamento deles. O mais novo parece visivelmente abalado, e até mesmo seu colega parece surpreso com a pergunta. Ela continua, sentindo que os pegou desprevenidos.

— Você acha que isso pode estar conectado à série de mortes atribuídas ao *Manchester Pusher*?

O rosto do oficial mais jovem fica vermelho, e ele se aproxima do cordão, elevando-se sobre ela.

— Olha, senhorita, não vamos especular nenhuma história maluca sobre assassinos em série ou monstros de boogie. Você quer perseguir teorias da conspiração? Vá falar com *Chris Buchanan*. Temos trabalho de verdade para fazer aqui.

Bingo, ela pensa enquanto o oficial mais velho dá um chute rápido na parte de trás do tornozelo do colega.

— *Chris Buchanan*, você disse?

***

Sam estaciona o carro em frente ao prédio e tenta descobrir o que vai dizer a *Chris Buchanan*. Ela já lidou com sua cota de policiais ao longo dos anos, mas raramente com um que queira cooperar. Um policial suspenso do trabalho por supostamente beber no trabalho é uma coisa, mas este caso parece diferente. Ela conseguiu obter mais algumas informações do policial mais jovem na cena do crime de *Preston Moor* depois que o outro policial precisou atender a um chamado da natureza. Ou seja, ele se feriu recuperando um corpo. Seu relatório lhe rendeu uma avaliação psicológica junto com a suspensão. Ela sabe que o trabalho de mergulho policial é desafiador e traumático na melhor das hipóteses. O depoimento de *Chris Buchanan* pode ter sido simplesmente uma combinação do álcool em seu sistema, falta de oxigênio, estresse ou qualquer outro fator. Mas também há uma chance de que, ao falar com o policial *Buchanan*, ela consiga começar a entender a história porque agora as peças simplesmente não fazem sentido.

O prédio de Buchanan é um empreendimento de apartamentos de quatro andares em um conjunto habitacional relativamente novo. No entanto, o prédio parece negligenciado. Ervas daninhas crescem através das pedras do pavimento e a tinta branca na moldura da porta está descascando, expondo a madeira nua por baixo. Ela olha para a lista de nomes perto das campainhas da porta e, por instinto, aperta três botões adjacentes a *Chris Buchanan* em vez do seu próprio. Depois de um momento, uma voz feminina atende.

— Alô?

— Oi —, ela diz — estou com a empresa de administração, verificando um vazamento no corredor? Esqueci a chave principal.

Alguma chance de você me deixar entrar?

Sam ouve crianças brigando ao fundo, e a mulher, distraída, simplesmente responde:

— Claro —, e desliga. Alguns segundos depois, a fechadura elétrica na entrada principal vibra e Sam entra no prédio.

O apartamento de Chris fica logo na escada, no primeiro andar. Ela respira fundo e bate na porta.

Um homem provavelmente na casa dos trinta e poucos anos, com cabelo loiro desgrenhado e uma camiseta desbotada e manchada do *Guns N' Roses* atende a porta com uma atitude de profundo ressentimento. Ele poderia ter sido fisicamente atraente se não fosse pela barba por fazer de três dias, os olhos avermelhados e o coquetel de odor corporal e álcool velho que exala dele.

— O quê? — ele quase rosna.

— *Chris Buchanan*? Meu nome é *Sam Ashlyn*. Vim de muito longe para falar com você. Podemos bater um papo?

Chris franze a testa e diz:

— Não é uma boa hora. — Ele vai fechar a porta, mas Sam enfia o pé na fresta.

— Olha, Chris, tenho certeza de que você tem muita coisa para fazer. Barbear-se, talvez, ou tomar banho, mas isso é importante. Preciso falar com você sobre o rio e o que você viu nele.

Chris fica boquiaberto, um pouco surpreso com a recusa de Sam em ir embora. O choque logo se transforma em raiva, no entanto.

— Qual parte de *vai se foder* você não entendeu? Não estou interessado em falar com uma repórter de jornal de rua, especialmente uma vagabunda rude e sarcástica que aparece sem avisar e começa a atirar insultos por aí. Agora cai fora antes que eu perca a paciência.

Sam levanta as mãos e se afasta um pouco dele, mas seu pé continua no lugar.

— Ok, olha, me desculpe por ser uma vadia. Eu também não estou feliz por estar aqui. Mas estou aqui em cima investigando uma série de afogamentos e a história oficial simplesmente não parece verdadeira. Eu esperava que que o que você tivesse vivenciado pudesse preencher algumas das lacunas. Talvez até ajudar seu caso?

Seja qual for a imagem que essas palavras evocam, é o suficiente para quebrar sua amarga determinação. Chris dá de ombros e volta para o apartamento, deixando a porta aberta. Sam o segue, quase engasgando com o cheiro. Cerveja velha, odor corporal e comida

em decomposição se combinam para criar um aroma avinagrado, mas terroso, que a deixa feliz por ter pulado o almoço. O chão e a maioria dos assentos estão cobertos com recipientes de comida para viagem meio vazios, latas de cerveja vazias e maços de cigarro descartados. A louça para lavar é uma causa perdida, empilhada como uma torre de Jenga.

Chris empurra uma caixa de pizza vazia no chão e faz sinal para ela se sentar.

— Dia de folga da empregada —, ele diz.

O sorriso de Sam parece mais uma careta.

— Acho que você pode pensar em demitir sua empregada. Tenho certeza de que ela está bebendo no trabalho.

Chris solta uma risada sarcástica com isso.

— É. Isso pode ser verdade. Então, você disse que é repórter?

— Sim, eu trabalho para o News 24/7.

— Nunca ouvi falar disso.

— Sim. É um pequeno site de notícias. Dificilmente rápido no nível da rua. De qualquer forma, como eu disse, estou investigando uma série de afogamentos por todo o Noroeste que as famílias parecem pensar que estão conectados.

Chris se recosta na cadeira e pega uma lata de cerveja meio vazia do chão, fazendo careta enquanto toma um gole.

— O que isso tem a ver comigo?

— Bem, alguns dos seus colegas indicaram que você pode ter visto algo estranho que não foi divulgado no *press release*. Quero ouvir tudo sobre isso. O seu lado das coisas.

— Escute, não estou nem um pouco interessado em ser feito de idiota no meu próprio apartamento, muito menos na imprensa.

Sam se senta para frente.

— Olha, eu não vou publicar seu nome em nenhuma história. Eu nem tenho certeza se já existe uma história. Estou apenas tentando conectar os pontos agora, e suas percepções podem ser cruciais. Então, me diga, o que exatamente aconteceu com você?

— Não estou interessado em ver alguma besteira sensacionalista estampada na primeira página de algum site. Já estou com problemas o suficiente.

Sam assente com a cabeça.

— Sem problemas. Como eu disse, estou apenas tentando dar sentido às coisas. E há uma chance de que, se eu descobrir algo, isso possa ajudar sua situação também. Vou mantê-la fora de qualquer

história. Eu prometo.

Chris suspira e se senta para frente em seu assento.

— OK, tudo bem.

— Bem, recebi a ligação por volta das cinco e meia da manhã. Alguém fez uma ligação para o 999 dizendo que tinha visto uma mulher em perigo no rio, e então a ligação foi cortada. Quando eles enviaram um policial para investigar, encontraram o telefone e os sapatos dele perto da água, então nos chamaram para fazer uma busca. No começo, foi uma busca bastante direta com a ponta dos dedos no leito do rio. Uma equipe na costa me alimentou com ar, com uma equipe de mergulho reserva para assumir depois de uma hora. Eu tinha coberto talvez metade da área de busca quando notei o que pareciam ser dois corpos mais para fora na água, então comuniquei pelo rádio e fui dar uma olhada.

Sam sente-se inclinando para a frente. — Isso é normal? Eu pensei que esse tipo de busca fosse de visibilidade bem baixa?

— Sim, normalmente, você não consegue ver porcaria nenhuma. O sedimento do rio é chutado para cima pela correnteza, então você precisa operar principalmente pelo toque. Mas não foi tão ruim dessa vez, então eu tinha alguns metros de visibilidade perto da superfície. O suficiente para eu ver que algo estava acontecendo. Então, eu deixei a linha da corda e comecei a ir até lá. Esse foi meu grande erro.

Chris fecha os olhos com força e toma outro gole de sua cerveja morna. Sam lhe dá alguns segundos antes de instigá-lo.

— E...?

— Olha, a próxima parte vai soar muito insana, e honestamente, eu não sei exatamente o que eu vi. Eu tinha visibilidade suficiente para ver as formas dos corpos, mas a água ainda estava bem turva,

— Entendi. Continue.

— Bem, o que eu vi pareciam dois corpos — um homem e uma mulher, presos juntos na água. Então, imaginei que talvez *Brendan Simms* tivesse tentado resgatar a mulher que estava se afogando; ela entrou em pânico e afogou os dois. Acontece o tempo todo. Mas quando cheguei mais perto, a... coisa virou a cabeça e olhou direto para mim. Não era uma mulher, isso eu te digo.

— Você tem minha atenção. Se não era uma mulher, o que era?

Ele balança a cabeça.

— Não sei o que era. A coisa sibilou pra caralho pra mim, então nadou direto pra mim como um tubarão sangrento ou algo assim.

Eu nunca vi nada se mover tão rápido debaixo d'água, especialmente não contra a corrente. — Ele balançou a cabeça em descrença, claramente revivendo o momento. Seu rosto ficou branco. — Bem, ele me agarrou, e então sua boca começou a abrir e continuou abrindo, muito além do que deveria ser capaz de fazer. Como uma cobra ou algo assim, mas, quero dizer, parecia uma mulher…

— O que aconteceu depois disso?

— A próxima coisa que eu sei é que a porra da minha cabeça e ombros estavam na boca dele. Não sei como dizer de outra forma. Ele estava tentando me comer! Devo ter gritado ou algo assim, porque a equipe de terra me puxou para fora. Se eles não tivessem reagido tão rápido, acho que eu estaria perdido. E isso é tudo que eu realmente consigo lembrar até acordar no hospital.

Sam solta um suspiro.

— Bom, essa é uma baita história… Não leve a mal, mas você bebeu um pouco na noite anterior? Ou tem certeza de que sua máscara de oxigênio estava fechada corretamente?

— É o que todo mundo pensa. Hipóxia. Caramba, eu também teria pensado isso se não fosse por isso —, Chris diz, puxando sua camiseta para cima. — Agora, me diga, o que isso parece para você?

Sam se levanta e pula até ele para estudar os ferimentos, tomando cuidado para evitar os itens descartados. Há dezenas de perfurações circulando no peito superior de Chris e em suas costas em um semicírculo raso e áspero, com arranhões indo para cima. As marcas são espaçadas, um pouco irregulares, mas o padrão é inconfundível.

— Bem, eu tenho que admitir, Chris. Essas parecem muito com marcas de mordidas. Mas de quê? Tubarões de água doce? Elas existem mesmo? Ou você está dizendo que encontrou uma sereia com TPM ou algo assim?

— Deus sabe o que foi. Dói pra caramba. Os antibióticos estão tendo um inferno de tempo para mudar a infecção que deixaram para trás, mas eu não poderia te dizer mais nada além do fato de que ele conseguiu morder limpo através do meu traje seco. Eu não quero pensar sobre o que teria acontecido se os rapazes não tivessem me arrastado para fora quando fizeram. Vai ser um dia frio no inferno antes que eu chegue perto da água novamente, eu posso te dizer.

Chris abaixa a camiseta novamente, e Sam retorna ao seu assento.

— Essa é uma declaração ousada, considerando que você mergulha para viver.

Chris dá uma risada amarga.

— É, bem, não é como se eles fossem me deixar continuar com isso de qualquer maneira depois que eu tiver a avaliação psicológica e a disciplina. Terei sorte se conseguir trabalho como auxiliar administrativo depois que eles terminarem comigo.

— Então, Chris, eu tenho que perguntar: antes de você entrar lá, no rio, você sabia alguma coisa sobre os outros?

A testa de Chris franze.

— O que você quer dizer com outros? Você disse algo sobre alguns afogamentos antes. O que eu perdi?

Sam abre sua bolsa e retira um maço de papéis.

— Há dezenas de incidentes que as famílias das vítimas acham que estão conectados, espalhados por toda a costa noroeste por anos. Só comecei a investigar agora. Ainda assim, sei de pelo menos outros dois *recentes também*. Havia um cara chamado *Kevin Fuller* correndo perto de um lago ao sul de Preston, cerca de uma semana antes do seu incidente. O relatório oficial diz que ele se afogou, mas eles parecem ter omitido o fato de que suas duas pernas estavam faltando quando encontraram o corpo. Então houve outro esta manhã no Lago *Serpentine, Preston Moor Park*. Não sei exatamente o que aconteceu *os policiais na cena me mantiveram longe, mas parece que ele também estava sem algumas partes do corpo*.

Chris exala e balança a cabeça.

— Eu nem sei o que devo pensar sobre isso. É muita coisa para eu entender agora.

Sam se levanta e diz:

— Escute, preciso voltar para meus filhos, mas se você pensar em mais alguma coisa que não me contou, ou ouvir qualquer outra coisa que possa estar conectada, então me ligue. Por favor.

Chris pega um cartão de visita da mão estendida dela, mas parece perdido em seus pensamentos. É muita coisa para assimilar, para ser justo. Sam caminha até a porta da frente, abre e então se vira para ele.

— E Chris... talvez pare um pouco com a bebida, hein?

***

Chris espera a porta da frente fechar e solta um longo suspiro. *Eles sabiam!* Os bastardos fizeram parecer que ele estava perdendo a cabeça. Eles o foderam e sabiam que ele estava dizendo a verdade! Sua mente gira com as implicações. *Por que eles encobririam algo assim? Quem poderia organizar algo tão grande assim? E se algo realmente está matando pessoas em todo o Noroeste, por que eles não avisariam as pessoas? Pelo menos as fariam ficar longe da água?*

Ele sabe a resposta assim que a pergunta se forma. Há muito dinheiro investido no uso recreativo da água no Noroeste. Passeios de barco, caiaque, vela. Caramba, toda a economia do *Lake District* é baseada em pessoas que viajam para lá por esse motivo. Todo mundo viu a porra do Tubarão. Ele pensa no desprezível prefeito de Amity e no pânico público que ele esperava acalmar. Merda, pense no rebuliço que a farsa do lobisomem causou alguns anos atrás. O país inteiro ficou em polvorosa sobre isso até que os vídeos do YouTube foram provados como falsos. Mas ele sabe o que viu. Há algo lá embaixo. As pessoas estão realmente morrendo, e os bastardos estão apenas varrendo isso para debaixo do tapete. Sem mencionar que estão jogando por debaixo do ônibus para encobrir.

Foda-se eles, ele pensa. Sua audiência disciplinar e avaliação psicológica ainda estão a algumas semanas de distância. Eles terão que mudar de ideia se ele puder esfregar evidências reais na cara deles.

Chris vai para o chuveiro para lavar a fumaça da ressaca e de muitos dias de sujeira acumulada. Depois de se esfregar, ele se veste rapidamente e prepara uma grande e forte cafeteira. Ele pega seu laptop de trabalho no quarto e tenta fazer login.

Ponto um *a conta dele ainda está ativ*a. Uma coisa com a qual você sempre pode contar sobre a *Lancashire Constabulary*: nada acontece rápido. Aparentemente, esse princípio envolve revogar direitos de acesso aos sistemas deles para oficiais suspensos.

Ele abre o sistema de gerenciamento de casos e procura os registros de *Brendan Simms*, o homem que ele foi enviado para encontrar.

O sistema é antigo e demora uma pequena eternidade para recuperar os registros, mas então a tela preta desaparece e ele procura detalhes do seu último caso.

As informações básicas estão presentes *número do incidente, data, nomes do oficial responsável pelo registro e causa da morte*, no entanto, todos os detalhes sutis de depoimentos de testemunhas e similares

são obscurecidos por uma única palavra desagradável: *Restrito*.

Ele limpa a busca e tenta puxar os registros do outro caso que Sam mencionou. *Kevin Fuller*. Mas novamente ele obtém a mesma tela de informações básicas com o cerne do caso restrito.

Ele começa a se perguntar se seu acesso foi, de fato, parcialmente revogado. Testando a teoria, ele relembra os detalhes de um de seus mergulhos anteriores *a busca na fossa séptica pela criança desaparecida*. Neste caso, todos os detalhes estão lá. Declarações, registros de mergulho, a porra toda.

Ele se recosta na cadeira e toma um longo gole de café.

Por capricho, ele abre o *Google Maps* e coloca um alfinete no local onde teve seu encontro, então o rotula com a data. Ele coloca outro alfinete onde o corpo de *Kevin Fuller* foi encontrado, novamente rotulando-o com a data. Então, outro em *Serpentine Lake* com a data de hoje. Há um padrão começando a se formar, indo para o norte, mas ele tem experiência suficiente para ser cauteloso. Padrões podem ser coincidências.

Chris bebe todo do seu café e então se serve de um novo. Ele tem muito trabalho pela frente.

Ampliando seus parâmetros de busca para mostrar todos os afogamentos na região noroeste da Inglaterra nos últimos doze meses. A ampulheta no computador antigo gira por vários minutos antes que os números dos casos comecem a preencher a tela.

Chris geme e clica no primeiro disco. Infelizmente, ele tem mais trabalho a fazer do que pensava.

***

Em contraste com sua jornada naquela manhã, Sam mal percebeu a viagem de volta para *Miller's Farm*. Ela continua repetindo o que *Chris Buchanan* lhe disse, em sua mente. É ridículo, claro. O homem claramente sofreu algum tipo de colapso mental. Ainda assim, o fato é que pessoas estão sendo mortas de forma brutal nos lagos e rios do noroeste da Inglaterra, e a polícia está encobrindo isso. Ela não está pronta para acreditar em sereias assassinas ou quaisquer outras ilusões que Buchanan tenha criado em sua mente encharcada de álcool. Mas algo estava acontecendo com essas pessoas, e o que quer que ela pense dele, algo aconteceu com Chris também.

São quinze para as seis da tarde quando ela atravessa a grade de gado e começa a última etapa de sua jornada pela trilha da fazenda até sua casa de infância. Ela estaciona o carro ao lado da velha

caminhonete de seu tio e olha para a propriedade. Tão pouco mudou nos anos que ela ainda experimenta uma desconfortável sensação de familiaridade. As dependências e os celeiros contornam o pátio da fazenda como antigas muralhas de castelo, apesar de não serem usados desde que ela era jovem. Mais adiante na trilha ficam as ruínas da casa de fazenda original que estava lá desde o início de 1600. As ruínas antigas estão obscurecidas por silvas agora, mal visíveis a olhos desavisados. Ela foi proibida de ir lá quando criança devido ao perigo representado por paredes instáveis e pisos antigos e podres, sem mencionar as cavernas de calcário que pontilhavam a encosta como queijo suíço. Claro, isso não a impediu muito bem, e ela passou muitos dias explorando a área e brincando em meio às pedras. Marcus instalou um portão de segurança de aço para impedi-la de se aventurar nas áreas mais perigosas.

Ela sai do carro e, reprimindo a vontade de bater, abre a porta da frente para um ambiente acolhedor e acolhedor.

Marcus está ocupado perto da AGA, preparando uma refeição que envia outra onda de nostalgia através dela. Carne cozida com bolinhos era uma das escolhas de jantar do seu tio quando ela era criança e, a julgar pelo cheiro forte de carne que emanava das panelas, ele não mudou muito sua receita nos anos seguintes.

Ele levanta os olhos dos preparativos e diz: — Tudo bem, querida? Bom dia, no escritório? Fiz seu prato favorito. Ficará pronto em alguns minutos.

Ela sorri para o velho, — Achei que tinha reconhecido o cheiro. Como estão as crianças? Comportando-se, espero?

— Eles não têm sido nenhum incômodo. Bons como ouro, os dois. O jovem George tem estado em seus dispositivos a maior parte do dia, e eu peguei um livro de colorir e algumas canetas para Julia quando dei uma passada na vila para comprar algumas coisas.— Isso é bom. Obrigada. Não leve nenhuma bronca deles. Vou só me trocar antes do jantar, se estiver tudo bem?

Ela despeja suas malas na sala de estar e diz olá para George, que resmunga uma resposta, muito absorto em seu jogo para realmente registrar sua presença. Sam sobe as escadas e coloca a cabeça para fora da porta do quarto que Marcus reservou para os gêmeos. Julia está sentada de pernas cruzadas no chão, colorindo cuidadosamente uma imagem de uma cena de conto de fadas.

— A pele dela deveria ser verde? —, ela pergunta à filha. — Ou ela deveria ser She-Hulk? Ou Gamora talvez?

Julia sorri para ela. — Não, boba. É a Princesa Jenna. Das histórias do Vô Marcus?

Sam franze a testa. O nome parece familiar, mas ela não consegue se lembrar de Marcus ter lido histórias para ela quando criança, nem que a vida dependesse disso. Ela sente uma pontada momentânea de ciúmes, e isso a surpreende. Marcus está tratando seus filhos melhor do que ele já a tratou. Ela se lembra da fria indiferença do homem nos anos em que viveram juntos. Sempre parecia que ele a mantinha à distância; como se ele não quisesse conhecer sua sobrinha, muito menos cuidar dela. Talvez as pessoas mudem, ela pensa.

— Eu não conheço essa história em particular, querida. Você vai ter que me contar depois. Eu queria te avisar que o jantar vai ficar pronto em alguns minutos, então certifique-se de lavar as mãos.

Julia dá outro sorriso brilhante para Sam.

— Eu vou, mamãe. Ei, mamãe! Você gosta do nosso quarto?

Sam não prestou muita atenção, mas agora ela absorve. As surpresas continuam chegando. Quando ela era criança, este era simplesmente um espaço de despejo para caixas de lixo velho. Foi completamente reformado recentemente, pela aparência, com beliches, um carpete de pelo alto e paredes pintadas de uma cor sálvia clara. Há fotografias da fazenda e da área ao redor penduradas nas paredes, bem emolduradas. Hah! Há até um par de bichinhos de pelúcia em cada cama, aninhados dentro das novas capas de edredom — Homem-Aranha na cama de George e As Meninas Superpoderosas na cama de Julia.

— É adorável. Não deixe de agradecer ao vovô Marcus por fazer um quarto tão adorável para você.

Sam se vira de volta para seu próprio quarto e não consegue deixar de se perguntar por que Marcus se deu ao trabalho de arrumar o quarto de uma criança. Ela não sabia que viria aqui até aquela manhã, e não falava ou contatava Marcus há anos — certamente não desde que as crianças nasceram. No entanto, o fato de ele ter dois sobrinhos-netos não só não o perturbou quando ela tocou no assunto, como havia um quarto pronto para eles.

Ela afasta o pensamento, resolvendo falar com Marcus sobre isso mais tarde, e abre sua mala, vasculhando-a em busca de algo confortável e casual para a noite. Ela desce as escadas para encontrar as duas crianças sentadas à velha mesa de pinho da fazenda, as únicas peças originais de mobília em evidência. Marcus

coloca a panela fumegante de ensopado no meio da mesa e serve porções em cada uma das tigelas das crianças.

George franze o rosto enquanto examina seu jantar, empurrando coisas pela tigela com sua colher. — Tem VEGETAIS aqui! —, ele diz, dando à irmã um olhar horrorizado. Sam esperava essa reação com uma mistura de medo envergonhado e alegria particular. Nenhuma das crianças gosta de nada novo, a menos que seja frito ou coberto de açúcar. George, em particular, trata qualquer coisa vagamente vegetal com desgosto.

— Agora, George —, ela diz, — Marcus tem trabalhado muito duro no seu jantar, então não seja rude.

— Sim, rapaz —, diz Marcus. — Escute sua mãe. Vou lhe dizer uma coisa: coma tudo, e haverá sorvete depois. Mas só se você comer tudo, veja bem. Caso contrário, sua irmã e sua mãe podem ficar com todo o sorvete, e adivinha o que você vai comer no café da manhã? O que sobrou do seu ensopado.

George não parece convencido pela promessa ou abalado pela ameaça. Em vez disso, ele empurra os glóbulos de carne e vegetais com sua colher.

— Não podemos simplesmente pedir uma pizza ou algo assim?

Marcus ri.

— Não tem nada assim por aqui, rapaz. Você está no campo agora. Você precisa de comida adequada para crescer grande e forte.

A boca de George se abre e seus olhos se arregalam de horror.

— Sem pizza? Nem um KFC? Por favor, me diga que você está brincando.

Sam não consegue suprimir uma risadinha, então ela vira o rosto para Julia em um esforço para escondê-la. Sua filha está colocando grandes bocados do ensopado em sua boca. A menina sorri para o velho e diz:

— Obrigada, vovô Marcus. É adorável , antes de lançar à mãe um olhar furtivo que indica o contrário.

— Hum. Vovô Marcus... Que tipo de sorvete temos de sobremesa?

— É menta choc chip —, ele diz. — Você gosta de menta choc chip?

O sorriso de Julia se alarga.

— É o meu favorito! E o do George também.

George parece pesar os prós e os contras dessa nova informação.

É um argumento poderoso. Relutantemente, ele começa a levar pequenas colheradas do ensopado até a boca. A julgar pela expressão, ele sente como se estivesse sendo forçado a comer veneno.

Sam saboreia os sabores e aromas familiares enquanto começa a devorar sua própria refeição.

— Então, Marcus, eu vi o quarto das crianças, e tenho que dizer que estou impressionada. Quando você fez tudo isso? E mais importante, por quê? Você pretende adotar ou algo assim?

— Ah, eu pedi para os construtores arrumarem o quarto ao mesmo tempo em que terminei a cozinha. Meu amigo Will vem com os pequenos de vez em quando, então eles dormem lá em cima se a gente tiver uma noite mais tarde. Sortudo mesmo, considerando tudo.

— Definitivamente sorte nossa. Não posso agradecer o suficiente, Marcus. Sério. Você nos tirou de um buraco hoje.

— Se eu soubesse que você viria, teria trazido mais algumas coisas. Você sabe quanto tempo vai ficar?

— Espero que não demore muito. O trabalho ainda está tentando me encontrar um hotel e alguma creche profissional; estou só esperando notícias deles.

Uma sombra cruza o rosto do velho, só por um momento, e Sam sente uma onda de culpa. — Bem, só para deixar claro, vocês são muito bem-vindos para ficar aqui o tempo que quiserem. Como eu disse antes, esta é sua casa tanto quanto a minha. Os pequenos também, no que me diz respeito. Eu adoraria conhecê-los e conversar com vocês direito também. Eu entendo se vocês preferirem ficar em um Holiday Inn ou algo assim, mas não é problema para mim tê-los aqui. Verdade seja dita, estou feliz com a companhia. Não recebo muitas visitas ultimamente. É adorável ter um pouco de vida de volta no antigo lugar.

— Podemos ficar aqui, mãe? Por favoooor? —, diz Julia. — Vovô Marcus é muuuuuito mais legal que a vovó Janet.

Sam olha de Julia para George e depois para Marcus, sentindo-se subitamente cercada. Eles não sabem o que ela sente sobre este lugar? O que ela passou!? Marcus sabe, é claro, e é por isso que ele parece tão envergonhado, mas as crianças... Bem, ela nunca falou com eles sobre isso. É culpa dela. Contra seu melhor julgamento, ela suspira e diz:

— OK. Tudo bem. Ficaremos aqui enquanto eu estiver cobrindo

esta história. Se você tem certeza, Marcus. Eu não quero causar problemas.

Marcus estica o braço sobre a mesa e pega a mão dela.

— Sem problemas, querida. É bom ter você de volta onde você pertence.

Sam sorri de volta para o tio, embora seu estômago se contraia com as palavras dele. De volta ao meu lugar? Cristo, tudo menos isso. Ela dá outra garfada de ensopado, mas a comida tem um gosto estranho para ela agora. Alienígena, como se de alguma forma a refeição familiar tivesse sido substituída entre as garfadas.

— Então, estou intrigada, Marcus. O que você tem feito? Obviamente você ainda está em muito boa forma. Você tem feito alguma coisa com a fazenda?

— Não muito, além de manter os limites, para ser honesto. Colin lá embaixo no vale aluga os campos para suas ovelhas, então isso traz um pouco de dinheiro. Estou sempre tendo que tapar buracos nas cercas, especialmente com os filhotes. Se houver uma brecha na cerca, ou algumas pedras na parede, aqueles malditos cordeiros vão encontrar, como você sabe. Juro que acabo passando metade da primavera tentando pegar os pequenos de novo.

Julia se senta, de repente interessada na conversa.

— Tem algum cordeiro aqui agora, vovô Marcus?

O velho ri.

— Não, a menos que você esteja falando sobre os pedaços na sua tigela, querida, não. A maioria deles já foi para o matadouro agora. A carne no seu ensopado foi uma das últimas que correram pelos campos algumas semanas atrás. Colin sempre enche meu freezer depois, Deus o abençoe.

O queixo de Julia cai aberto em uma boca horrorizada. Ela empurra sua tigela para longe como se tivesse descoberto um rato nela. Sam não sabe se ri ou se fica irritada em nome de sua filha. Parece que Julia não entendeu bem todo o processo da fazenda à mesa. Cada dia traz suas lições. Ela duvida que até mesmo o sorvete de menta com gotas de chocolate seja suficiente para fazer a menina terminar. George, por outro lado, está devorando o ensopado com gosto agora, embora Sam não consiga deixar de notar a crescente pilha de vegetais empoleirados na lateral de sua tigela. Ela decide não insistir no assunto e se vira para Marcus.

— Então, o que mais você tem feito com seu tempo? Deve ser bem tranquilo aqui em cima sozinho?

— Ah, não é tão ruim, querida. Tenho meus livros, claro. Você sabe que sempre amei ler. E desde que coloquei a internet aqui em cima, tenho bastante com o que me manter ocupada. Faço muitos cursos online, para começar. Não dá para ensinar truques novos a um cachorro velho, dizem, mas não acho que isso seja verdade se o cachorro velho quiser fazer. Aprendi de tudo. E, claro, gosto de um pouco de TV. Nunca fiquei entediada, não se preocupe. E você, hein? O que tem feito? Por diversão, quero dizer.

Sam dá de ombros.

— Não há muito a dizer, na verdade. Entre cuidar desses dois e me esforçar muito no trabalho diário, não consigo mais do que cinco minutos para mim. Às vezes vejo meus colegas da universidade, mas na maioria dos dias, quando entro, alimento as crianças e tomo banho, estou quase pronto para dormir.

Marcus balança a cabeça,

— Não é assim que se vive, amor. Sinto muito em ouvir isso. Sério mesmo. Eu esperava que quando você partisse você saísse para o mundo. Experimentasse tudo o que ele tinha a oferecer. Viva um pouco enquanto você ainda pode.

— Bem, — ela diz, incapaz de manter o tom de sua voz. — Esse era o plano, mas Brian sofreu o acidente enquanto eu estava grávida desses dois, e tudo isso foi por água abaixo. Qualquer chance que eu tinha de levar minha própria vida meio que morreu com o pai deles.

George se levanta de repente e empurra seu prato para longe.

— Você está dizendo que é culpa nossa, só porque sua vida é lixo?

Sam balança a cabeça incrédula. — Não, querida. Não é isso que estou dizendo. O que eu quis dizer é....

— Bem, eu também te odeio! —, grita George, e sai correndo da cozinha, seus passos como trovões escada acima, seguidos pela batida da porta do seu quarto.

— Merda —, sibila Sam, empurrando a cadeira para trás para segui-lo.

Marcus coloca a mão sobre a dela. — Eu o deixaria um pouco, querida. Deixaria ele se acalmar. Já vi isso antes. Os filhotes do meu companheiro Will têm a mesma idade. Não se preocupe, vou falar com ele mais tarde, depois que ele se acalmar um pouco.

Sam solta um longo suspiro e senta-se novamente. O resto da refeição tem gosto de cinzas em sua boca, e ninguém fala até que os

pratos sejam lavados e guardados em ordem. Que fim de dia miserável.

CAPÍTULO CINCO

Sam está ao lado do *Miller's Pond*, olhando para a água turva. A superfície está coberta de lentilha-d'água. A vegetação se estende pela água, sufocando o lago, tornando-o estagnado e fedorento. É um dia quente de verão, e ela pode ver sua mãe e o tio Marcus caminhando de volta para a casa da fazenda, rindo de alguma piada compartilhada.

Ela pega uma pedra e a joga na água, sentindo alguma satisfação com o respingo e o buraco que ela fez no tapete verde de vegetação. As ondulações diminuem rapidamente e a espessa massa de ervas daninhas se fecha novamente, recuperando a seção de água limpa que ela havia feito. Ela seleciona outra pedra, mas ao se abaixar, percebe que algo está errado.

Sam olha para seus braços longos, suas unhas pintadas, os peitos pendurados no peito. Ela é adulta, mas isso é loucura porque ela se lembra desse dia. Ela tinha—tem—apenas oito anos. No entanto, aqui está ela, usando as roupas com as quais dirigiu de Londres.

Ela dá um passo hesitante para longe da água, sabendo o que vem a seguir. Seu pé escorrega na margem lamacenta, assim como aconteceu antes, e seu pé mergulha na água fria e salobra.

Sam se arrasta na lama, controlando o pânico, tentando se livrar, mas a lentilha-d'água parece se enrolar em seu tornozelo, segurando-a firme. Então, para seu horror, ela vê cinco dedos longos e finos emergirem da água, agarrarem seu tornozelo e começarem a arrastá-la para *Miller's Pond*.

Ela grita para sua mãe e seu tio, que desviam da conversa, ainda rindo. Eles acenam para ela, incapazes de ver sua angústia. Ou talvez eles estejam entretidos com isso. Ela enfia os dedos na lama e se debate para escapar, deixando sulcos na sujeira, mas seus esforços não alcançam quase nada. Lenta e inevitavelmente, uivando de terror, debatendo-se para agarrar algo, Sam é puxada para baixo da superfície.

A lentilha-d'água se fecha acima dela, escondendo a evidência de

sua passagem. Apenas alguns fragmentos móveis de luz solar conseguem penetrar na escuridão através do tapete verde. Ela olha para baixo e vê que tipo de coisa a pegou em suas garras. O rosto de uma mulher olha para ela, cabelos verdes fluindo na água, limo de lagoa drapeado sobre sua carne como um manto diáfano, sua boca cheia de presas afiadas e brilhantes. Uma boca que está se abrindo em sua direção como a de uma cobra, mais e mais larga, mais e mais perto até que o abismo escancarado é tudo o que ela pode ver...

Sam acorda, se debatendo no edredom, um grito mal contido. Assim que a coberta pesada é depositada com segurança no chão, ela se deita de volta em sua cama de infância e tenta controlar sua respiração. Ela espera na escuridão até que as batidas em seu peito diminuam, ouvindo sinais de que as crianças foram perturbadas. Afinal, ela acordou Julia em mais de uma ocasião com seus pesadelos. Felizmente, os únicos sons que ela ouve esta noite são os rangidos familiares da velha casa enquanto os canos esfriam.

Esses sonhos de merda estão se tornando um problema real. Não é preciso ser um gênio para descobrir a fonte do pesadelo desta noite, amplificado pelos delírios de *Chris Buchanan*. Este foi ruim, no entanto. Um dos piores que ela já experimentou. Ela não é religiosa de forma alguma, mas reza para que as novas adições ao seu pesadelo sejam apenas coisas temporárias, trazidas por suas circunstâncias atuais. Se continuarem assim, ela terá que marcar uma consulta com o psicólogo novamente, em breve! Esse não é um pensamento que ela aprecia. Sam acredita firmemente que as pessoas enterram essas coisas por um motivo. Para ela, agitar todas essas memórias reprimidas não causa nada além de dor e mais trauma. Não. Seu subconsciente é como o Lago Miller. É melhor deixá-lo sozinho e intocado. O que quer que espere abaixo, naquelas águas escuras e solitárias, pode muito bem ficar lá.

Ela sai da cama, puxando o material úmido para longe do corpo com desgosto, e se força a ir até a janela. Ela abre as cortinas e olha para a superfície preta e espelhada do lago — sem características, exceto pela lentilha-d'água ao redor de sua periferia e a lua refletida em sua superfície. — Você não vai me vencer, seu filho da puta! —, ela diz, sentindo seus lábios se curvarem em um rosnado. O lago é apenas um buraco no chão, cheio de água. Nada mais. É normal detestar um objeto inanimado? Há algo errado com ela? Ainda assim, sua repulsa é real. A pele de seus braços se arrepia ao vê-lo.

Ele tirou a vida de sua mãe quando ela tinha oito anos e tem assombrado seus pesadelos desde então. Sim, ela decide. É uma maneira totalmente razoável de se sentir. Honestamente, ela não sabe por que Marcus não contou a história do bastardo depois do acidente.

Um lampejo de luz no pântano chama sua atenção, e ela espia através do vidro, observando o ponto brilhante dançar pela paisagem negra como tinta. Alguém está lá fora com uma tocha. Ela verifica seu relógio e vê que são quase duas e meia da manhã. O que diabos alguém está fazendo lá fora a essa hora da noite?

Ela decide que prefere não saber a resposta para isso e, dando às águas escuras do lago um último brilho, ela fecha suas cortinas. Sam leva mais de uma hora para voltar a dormir, e se ela sonha novamente, eles desaparecem como fios de fumaça pela manhã.

***

Sam acorda sentindo como se não dormisse há um mês. A passagem do tempo a ajudou a esquecer o quão desconfortável era sua antiga cama, ou talvez sejam apenas os rigores da idade. Ela está grogue e desorientada no início quando abre os olhos. A visão de seus velhos e desbotados pôsteres do Oasis e Elastica a faz sentir que talvez ainda esteja sonhando, ou talvez sua vida como mãe fosse o sonho, e ela ainda seja uma adolescente problemática, desejando estar longe deste lugar. De qualquer forma, ela poderia começar do zero. Leva alguns momentos para sua mente se atualizar com os eventos do dia anterior. B&B pós-apocalíptico. Colocação no grupo de recreação cancelada. Fazenda Miller e a reforma do tio Marcus. Certo.

Ela cambaleia até o banheiro e toma um banho rápido, deixando a água quente lavar pelo menos um pouco de sua fadiga enquanto tenta planejar mentalmente seu dia. Ela leu as anotações de cada uma de suas visitas, mas repassa os detalhes gerais novamente, formulando a abordagem que pretende adotar com cada família. Então ela se veste para o trabalho e desce a escada estreita até a cozinha.

Marcus a cumprimenta com um alegre.

— Boa tarde, dorminhoca! —, o que a deixa com os dentes tensos. Marcus aparentemente ainda acorda com o amanhecer *um hábito desenvolvido ao longo de décadas de agricultura.*

Ela consegue dar um sorriso fraco.

— Bom dia, Marcus, — ela diz. — Não suponho que tenha algum café para levar?

— Tem uma panela fresca. Não vai estar à altura dos seus padrões de Londres, eu ouso dizer, mas é quente e forte.

Sam sorri agradecida, deixando a brincadeira passar, e se serve de uma caneca fumegante.

— Tenho certeza de que vai ficar tudo bem.

Ela se senta à mesa e percebe, para sua surpresa, que os gêmeos estão assistindo TV na sala de estar. É raro ver qualquer um deles durante as férias escolares antes do meio-dia.

— Eles estão acordados há muito tempo? —, ela pergunta.

— Ah, só uma hora ou mais. Eles já tomaram café da manhã. Pensei em levá-los para uma caminhada pelo pântano mais tarde, se estiver tudo bem para você?

Sam tropeça nesse pensamento, então deixa suas preocupações de lado. Por mais severa que tenha sido sua infância, ela nunca se sentiu ameaçada pelos pântanos selvagens ou por Marcus. Apenas pelo lago.

— É, tudo bem —, ela diz com alegria frágil. — Tenho que dirigir até Manchester para mais algumas entrevistas. Não tenho certeza de quando voltarei, então não se preocupe em me alimentar hoje à noite.

Marcus desliza um prato de bacon e ovos diante dela, então pega seu próprio café da manhã e senta-se em frente a ela.

— Sem problemas, querida. Vou garantir que os pequenos sejam alimentados e regados, e vou colocar algo na geladeira para você se ainda estiver com fome quando voltar.

— Eu não suponho… Você teve a chance de falar com George? — Sam pergunta, evitando os olhos do tio.

— Eu tive uma conversa com ele, sim. De homem para homem. Ele está bem. Ele entende que você não quis dizer isso da forma como ele pensou.

Sam solta um suspiro que ela não sabia que estava segurando e diz:

— Obrigada. Eu não estava ansiosa por um dos humores dele esta manhã. Ele consegue guardar rancor muito bem. — Enquanto toma um gole de seu café, outra pergunta que a incomoda vem à mente. Ela não quer martelá-lo, então ela deixa isso rolar em sua cabeça por um tempo, apreciando o sabor e a textura de sua refeição. Enquanto ela enxuga as últimas gotas de gema, ela

pergunta casualmente. — Achei que vi alguém no pântano ontem à noite com uma tocha. Tarde demais para um caminhante. Alguma ideia de quem pode ter sido?

Ele resmunga e balança a cabeça.

— Não faço ideia. Provavelmente um dos rapazes da vila, caçando coelhos. Eles os acertam nos olhos com a tocha, depois os acertam na cabeça enquanto estão cegos. Os idiotas devem ter cuidado lá fora. Muitos buracos e cavernas no pântano. O lugar inteiro é como um queijo suíço. Um passo em falso, e uau! Eles caem. Mais de um casal desapareceu assim ao longo dos anos.

Sam sente uma pontada de preocupação.

— Você tem certeza de que é uma boa ideia levar as crianças lá fora, então?

— Claro. Eu conheço esse lugar como a palma da minha mão. Não há um canto ou fenda que eu não conheça. Não se preocupe, garota. Eu vou cuidar bem deles. A menos que você prefira que façamos outra coisa?

Sam está longe de ficar satisfeita com a resposta, mas não quer forçar o assunto. A última coisa que ela quer fazer agora é brigar com o tio. Não quando ela não tem mais para onde ir. No entanto, tem havido outra coisa em sua mente.

— Não, tenho certeza de que eles ficarão bem com você —, ela diz com alguma relutância, — Mas eu queria perguntar por que você não aterrou o lago? Você sabe, depois do que aconteceu com a mamãe.

O rosto do velho se enruga de tristeza.

— Eu tentei, moça. Você deve saber disso. Eu joguei quatorze toneladas de pedra naquela coisa quando sua mãe faleceu, e não fez a mínima diferença. Nem aumentou o nível da água. Acho que é alimentado por aquelas cavernas de calcário que correm pelo pântano, direto do aquífero. O nível da água nunca cai, mesmo em um verão quente como este. Por um longo tempo depois, eu não conseguia nem olhar para ele, mas então acho que me acostumei. Aquele lago é parte deste lugar, assim como eu. Poderia ter passado por cima dele, eu acho, mas não parecia certo de alguma forma. Como se eu estivesse cercando-a. E depois que você foi embora, não parecia haver muito sentido. Acho que eu deveria pensar em fazer isso agora, se os pequenos vão ficar aqui por algum tempo. Só para ficar seguro, tipo.

O estômago de Sam se revira e ela quase diz a Marcus que não há

nada que ela gostaria mais do que ver a maldita coisa selada. Em vez disso, ela balança a cabeça e diz:

— Eu aprecio a oferta, mas ficaremos aqui apenas mais alguns dias, então não vale o esforço e a despesa. Só não os deixe fora de vista. Eles podem ser bem teimosos quando colocam uma ideia na cabeça.

— Não se preocupe, amor. Vou ficar de olho neles. Mas acho que não precisamos nos preocupar muito. Nenhum deles chegou nem perto disso até agora.

Ela estica o braço sobre a mesa e aperta a mão do tio.

— Obrigada, Marcus.

Sam termina sua comida, bebe os últimos resquícios de seu café, então se levanta e caminha em direção à porta da frente.

— Tchau, crianças! Comportem-se —, ela grita. Nenhuma das crianças sequer se dá ao trabalho de se virar. Sam balança a cabeça e sai de casa, sentindo o desconforto do dia anterior em seu estômago como um peso de chumbo. É assim que as crianças são, ela diz a si mesma. Elas chegam a uma idade e não precisam mais da mãe. Enquanto ela vai embora, no entanto, ela percebe que está mentindo para si mesma, mas não consegue entender o porquê.

***

Sam sai do carro e atravessa a rua até a loja da esquina. Sua cabeça está latejando de estresse, falta de sono e muita cafeína. Não é uma boa combinação. Ela está ciente de que seus nervos estão à flor da pele, e não estava nem metade presente como deveria nas duas entrevistas que acabou de conduzir. Ela empurra a porta e passa por um aposentado que está conversando profundamente com o caixa e por acaso está bloqueando a maior parte da entrada. Entra ou sai, seu velho saco, ela pensa. Alguns de nós temos vidas para viver.

Dois corredores percorrem o comprimento do local. Uma geladeira abastecida com leite, refrigerantes, vinho branco (e alguns sanduíches suspeitosamente encharcados) ocupa cerca de metade do espaço da prateleira do lado direito. As outras prateleiras parecem estar estocadas de forma aleatória, sem lógica ou razão para o *layout*. Artigos de higiene pessoal ficam ao lado de misturas de pacotes de molho para macarrão; vegetais dividem espaço na prateleira com produtos de limpeza; confeitaria é empurrada para uma prateleira com fraldas e fórmula para bebês. Ela olha para o caixa, presa em uma conversa com a senhora idosa. O pobre coitado

está concordando, mas usa uma expressão que sugere que uma bala na cabeça pode ser preferível.

Depois de alguma procura, ela encontra os analgésicos escondidos atrás de um pouco de graxa de sapato. Porque é claro que estão. Ela pega dois pacotes e uma garrafa de água das prateleiras, então, após um momento de reflexão, ela adiciona uma garrafa de vinho branco à sua cesta. Para mais tarde.

Ela fica atrás da velha senhora por três ou quatro minutos enquanto ela tagarela, alheia à sua presença. Eventualmente, ela não aguenta mais e se inclina. — Com licença, você se importa se eu pagar por isso? Tenho um lugar onde preciso estar. Talvez termine seu bate-papo mais tarde?

A mulher bufa e sai pisando duro da loja, batendo a porta atrás de si. Sam dá um sorriso tímido para o caixa.

— Desculpe por interromper.

— Cristo, não se desculpe. Ela está falando sem parar há vinte minutos. Acho que ela teria continuado se eu caísse morto na frente dela. Ela perdeu a filha recentemente, amo ela. Acho que ela só vem para ter companhia, mas, caramba, isso te deixa louco depois de um tempo.

Sam paga suas compras e engole dois paracetamol antes de ser deixada para fora da loja, estremecendo com o gosto forte do produto químico. Ela está prestes a ir para seu próximo compromisso quando seu telefone toca. Ela pega o telefone e suspira. É Jason. Exatamente o que eu preciso. Ela aceita a ligação de qualquer maneira.

— Oi, chefe —, ela diz com uma exagerada alegria que ela sabe que vai irritá-lo. — A que devo o prazer.

— Só para saber como estão as entrevistas. Alguma atualização?

— Nada conclusivo. Os dois mortos eram rapazes, fora de si, de acordo com os níveis de álcool no sangue no relatório do legista. Juro, um deles teria morrido de intoxicação alcoólica se não tivesse acabado no Canal de Manchester primeiro.

— Hmm, — a voz de Jason estala pelo fone de ouvido. — Então, você acha que é perda de tempo?

— Não sei. Talvez não. Um dos que conversei ontem estava tão longe de um afogamento quanto possível. Cortado pela metade pelo que a esposa disse. O mesmo com o do *Preston Moor Park*. A polícia está mantendo as coisas em segredo, no entanto. Falei com um mergulhador da polícia que está suspenso, mas não consegui obter

muitas informações úteis dele. Um pouco bêbado, eu acho, e à beira de um colapso nervoso.

— OK. Bem, continue cavando e me avise se você descobrir mais alguma coisa.

O chefe dela desliga antes que ela tenha a chance de dizer qualquer outra coisa. Ela suspeita que ele esteja tentando evitar mais perguntas sobre acomodação ou creche para as crianças. Bastardo barato. Ela não vai dar a ele a satisfação de ouvir que as coisas estão realmente indo bem com Marcus na fazenda. Ela está, no entanto, colocando sua garrafa de Pinot Grigio em seu pedido de despesas.

Seu próximo compromisso é a apenas três ruas de distância de onde ela estacionou, então ela decide caminhar. O dia está quente e agradável, com uma brisa fresca que faz as flores de uma magnólia próxima dançarem em seus galhos. Sua dor de cabeça está finalmente começando a desaparecer e, apesar do cansaço, Sam sente seu humor começar a melhorar. A área é bem agradável, na verdade. Cada rua é composta por fileiras organizadas de casas de tijolos vermelhos. A maioria das propriedades ainda tem seus jardins frontais, bem cuidados, brilhantes e coloridos. Enquanto algumas casas converteram seus jardins em calçadas, eles agem como pontuação em vez de estragar a sensação do lugar. Um grupo de quatro crianças pequenas está brincando na rua, a visão disso traz um sorriso ao rosto de Sam. É bem raro ver crianças do lado de fora hoje em dia, aproveitando o sol. Ela não consegue se lembrar da última vez que viu seus filhos se divertindo sem uma tela envolvida. Ela decide que precisa tentar fazer George e Julia saírem mais. Talvez a caminhada no pântano com Marcus possa acender um amor recém-descoberto pelo ar fresco e pela vida ao ar livre, embora ela duvide. Sam vira à direita na rua que quer, encontra a casa que está procurando e toca a campainha.

Então a porta se abre. Merda! De frente para ela está o aposentado da loja da esquina.

A mulher a olha de cima a baixo com um olhar de desgosto, beirando o desprezo. — Suponho que você seja a repórter, então?

— *Samantha Ashlyn* do News 24/7, sim. Prazer em conhecê-la, Sra. *Boswell*, — Sam diz, estendendo a mão.

A mulher não aceita.

— Bem, por que você está aí parada? Você está deixando todo o calor sair. Entre e certifique-se de deixar seus sapatos perto da

porta. Acabei de varrer e não quero que você deixe sujeira pela casa.

Sam corre atrás dela para o que inicialmente parece uma sauna. A temperatura deve estar perto de noventa graus. Sam coloca a mão contra o aquecedor no corredor e a retira imediatamente com um grito de dor. Ela segue a Sra. *Boswell* para uma sala de estar arrumada, cheia de dezenas de estatuetas de palhaços adornando todas as superfícies. Ela se senta em frente à mulher mais velha, vociferando um pedido de desculpas.

— Sra. Boswell, sinto muito se a ofendi antes. Fui um pouco ríspida, mas foi só porque não queria me atrasar para o nosso compromisso. Se eu soubesse...

A Sra. *Boswell* levanta a mão para pará-la.

— Não importa. O que está feito está feito. Eu achei você rude na época, mas pelo menos você se desculpou por isso, eu admito. Muitas pessoas acham que estão acima de desculpas hoje em dia. Boas maneiras não custam nada, nem cortesia comum. Falando nisso, você gostaria de uma xícara de chá?

A última coisa que Sam quer é uma bebida quente nesse calor sufocante, mas ela não quer ofender a mulher ainda mais.

— Isso seria adorável, Sra. *Boswell*. Obrigada. Leite, por favor, sem açúcar.

A Sra. *Boswell* sorri pela primeira vez e diz:

— Me chame de Mabel. Sinta-se em casa, e eu já volto. — Ela se levanta do assento de encosto alto com esforço óbvio e sai da sala, deixando Sam sozinho.

Sam olha ao redor da sala e reprime um arrepio. Há palhaços por todo lugar. Quatro estatuetas estão em cima de uma televisão antiga em um armário de nogueira, com mais duas no próprio armário. A lareira a gás ostenta uma série delas, cuidadosamente dispostas para que suas respectivas palhaçadas pareçam fazer parte de uma apresentação de circo. Uma vitrine de vidro fica atrás de um sofá de canto, e também está lotada de monstruosidades pintadas. Há um retrato de um palhaço clássico acima do fogo, e até mesmo as almofadas no sofá continuam o motivo extravagante. O efeito é desagradável e profundamente perturbador.

— Vejo que você está admirando minha coleção —, diz a Sra. *Boswell* ao entrar na sala. Ela entrega a Sam uma xícara de chá fraco e cinza e se recosta na cadeira.

— Er, sim. É certamente muito… colorido, — ela responde.

— Obrigada —, diz a Sra. *Boswell*, tomando o comentário de Sam como um elogio. — Sarah os odiava. Ela disse que eles 'deram nojo' a ela, seja lá o que isso signifique, mas acho que não há nada que traga um sorriso como um palhaço. E Deus sabe, todos nós podemos fazer algo para sorrir hoje em dia…

Sam toma um gole de seu chá e, imediatamente, deseja não ter tomado. O sabor dominante é de detergente de louça com aroma de limão. Ela o coloca ao lado dela e diz:

— Sarah? Essa é sua filha, sim? Você pode me dizer o que aconteceu com ela?

O rosto de Mabel se contorce, ela solta um fungado alto e então limpa o nariz na manga. — Ela era uma menina tão boa. Sempre aqui para cuidar da velha mãe. Eu não conseguia acreditar quando o policial veio até a porta para me dizer que a tinham encontrado. No canal, de todos os lugares. Isso partiu meu coração.

Sam coloca sua melhor expressão simpática e diz:

— Sinto muito pela sua perda. A polícia disse o que eles acham que aconteceu com ela?

— Pfff! Esses idiotas inúteis não sabem de nada. Disseram que ela encheu os bolsos e a bolsa com tijolos e pulou direto. Até disseram que encontraram um bilhete de suicídio com ela, mas eu não acredito nisso. Nem por um segundo. Não a minha Sarah.

— Por que você acha isso? Se houvesse uma nota, quero dizer.

— Eu a vi naquela manhã, e ela estava bem. Apenas normal como sempre. E ela não tinha razão para fazer algo tão estúpido, tão egoísta. Não. A única coisa que faz sentido é que alguém a forçou a escrever aquelas coisas horríveis antes de matá-la. Algumas pessoas são apenas doentes.

Sam se mexe desconfortavelmente em seu assento.

— Coisas horríveis?

— Sim. Coisas horríveis naquele bilhete. Sobre mim, principalmente. Dizendo que ela não aguenta mais. Não aguenta mais minha interferência na vida dela — como se eu fosse fazer isso. Aquele Neil com quem ela estava saindo não estava aprontando nada e ela sabia disso lá no fundo. Tudo bobagem. Eu apostaria dinheiro que aquele merdinha inútil era o responsável de uma forma ou de outra.

Algo dentro de Sam afunda, embora ela disfarce bem. Outro beco sem saída, então. E com base no que ela viu na loja, *Mabel Boswell* está apenas se aquecendo. Sam se concentra em sua respiração,

mantendo-se neutra, permitindo que a mulher desabafe. Os enlutados sempre procuram por algum motivo ou explicação para a morte de um ente querido. Deus sabe que ela passou tempo suficiente procurando por um depois que sua mãe se afogou. E o pobre Brian. A história da Sra. Boswell pode não ser a que ela esperava, mas ela deixará a mulher dizer tudo o que precisa. Fazer qualquer outra coisa seria cruel.

Sam a deixa falar por mais quinze minutos que fluem como melaço, até que ela sinta que cumpriu seu dever para com a velha senhora. Ela já tinha começado a se repetir, voltando às mesmas seções da história várias e várias vezes, então Sam decide que pode se desculpar sem parecer rude.

— Obrigada, Sra. Boswell. Acho que tenho tudo o que preciso por enquanto. Se eu tiver mais alguma pergunta, meu escritório ligará para você.

A Sra. *Boswell* balança a cabeça.

— Bobagem. Você não terminou seu chá, e eu ainda não terminei de lhe contar sobre ela. Aqui, deixe-me pegar o álbum de fotos também, caso precise de uma foto para sua história…

***

São quase quatro da tarde quando Sam estaciona para sua última entrevista. Ela massageia suas têmporas e ombros, ponderando se deve continuar ou simplesmente cancelar e voltar para a casa de Marcus. Ela ficou presa na casa da Sra. Boswell por mais de duas horas, suando no inferno com aquecimento central enquanto a velha senhora olhava fotos antigas e compartilhava anedotas sobre sua filha. Sam obedientemente tomou notas, que ela amassou em uma bola e jogou no vão para os pés de seu *Renault* no segundo em que voltou para o carro. Então, ela dirigiu para sua entrevista final do dia no conjunto habitacional de *Moss Side*.

Moss Side é lendária por todos os motivos errados. De acordo com os jornais, é um deserto sem lei. O carro queimado no meio da rotatória central da propriedade é uma prova de sua reputação de merda, assim como as janelas e portas de aço com pichações nas janelas e portas das lojas, mas não parece haver nenhuma gangue no estilo *Mad Max* empunhando porretes com pontas e motosserras. Em vez disso, as ruas estão cheias de crianças voltando da escola, jovens mães empurrando carrinhos de bebê surrados e velhinhas puxando carrinhos de compras xadrez atrás delas. É quase

decepcionante. Ainda assim, torna mais fácil para ela seguir em frente como uma profissional.

Sam agarra sua bolsa e se aventura até a porta da frente, tomando cuidado para evitar os excrementos de cachorro que pontilham o caminho. Ela toca a campainha e se vê cara a cara com uma mulher que honestamente poderia ter entre 25 e 50 anos. O cabelo loiro sujo da mulher não parece ter sido escovado ou lavado há semanas. O pequeno bebê agarrado ao seu peito parece ter vomitado recentemente em sua camiseta amarela desbotada. Ou ela não percebeu, ou simplesmente desistiu da higiene.

Mesmo assim, Sam estende a mão e se apresenta.

A mulher pega a mão dela e a aperta.

— Eu sou *Mary*. Sinto muito pelo estado do lugar. Já é difícil manter o controle das coisas com minha mãe e os pequenos para lidar. E desde que *Daryl.* Bem... você sabe.

Sam balança a cabeça.

— Não precisa se desculpar, *Mary*. Eu também sou mãe solteira.

Mary lhe dá um sorriso triste e desaparece para dentro sem dizer mais nada, deixando a porta entreaberta. Sam a segue por um corredor apertado que cheira a cachorro molhado e tabaco velho, depois para uma pequena sala de estar. Os móveis provavelmente são mais velhos que Sam, descombinados em cor, tecido e estilo. O carpete está manchado e puído em alguns lugares. Em uma das cadeiras, uma mulher idosa apodrece, embaçada pela fumaça do cigarro. *Mary* se senta no sofá e puxa sua camiseta para que seu bebê possa mamar. Sam se senta na cadeira restante e reúne suas anotações.

— Então, primeiro eu quero agradecer por me chamar aqui —, ela começa. — Eu sei que não é fácil passar pelos mesmos detalhes repetidamente, então vamos manter isso bem leve. Eu vou pedir detalhes específicos quando eu precisar, ok? — Mary assente, um pouco aliviada. — Então, você pode me dizer o que aconteceu com Daryl?

Mary muda de posição e faz uma pausa, pesando suas palavras.

— Ele saiu com os amigos, como costuma fazer na sexta-feira à noite, e... não voltou. Não fiquei muito chocada, sabe. Às vezes ele dorme na casa do Paul para economizar o táxi. Vai andando para casa de manhã. Ele diz que é bem legal, na verdade. Não achei que havia algo errado até... — Mary faz uma pausa, e uma única lágrima escorre por sua bochecha, que ela rapidamente enxuga, —

até a polícia ligar de manhã para dizer que o encontraram no canal.

Ótimo, pensa Sam. Outra bêbada. Ela puxa o que espera ser um sorriso simpático e tenta descobrir o quão rápido ela pode concluir a entrevista sem parecer rude.

— O que faz você pensar que a morte de Daryl não foi apenas um acidente trágico? Se ele estava com seus amigos, não poderia ser apenas um acidente? Travessuras bêbadas que deram errado?

Mary se irrita com o comentário.

— Bem, para começar, ele não bebia. Não tinha estômago para isso. Dê a ele uma cerveja, e ele provavelmente vomitaria, então ele nunca tocou na bebida. Ele estava sóbrio como um juiz quando morreu. Sem dúvida.

— Eu entendo, mas *me perdoe* como você pode saber disso?

— Porque ele estava no telefone, não estava! O que tinha era uma maldita mensagem de voz quando aconteceu.

A mulher de repente tem toda a atenção de Sam.

— Você tem uma gravação disso? O que a polícia disse sobre isso?

Mary dá um sorriso azedo para Sam.

— O filho da mãe deletou 'acidentalmente', mas eu fiz um *backup* do meu telefone antes de entregá-lo a eles. Malditos idiotas.

Sam se inclina para frente

— Você poderia... Eu sei que isso é difícil, mas, Mary... você se importaria se eu ouvisse?

A tristeza estala no rosto de Mary, destruindo a fachada estoica que ela foi forçada a adotar pelo bem dos filhos.

— Não —, ela diz, balançando a cabeça. — Não posso. Não quero ouvir isso de novo. É muito... Eu só... Eu não posso.

O coração de Sam afunda. Esta pode ser a primeira evidência objetiva e concreta de que algo suspeito está acontecendo. O fato de que o oficial investigador deletou o arquivo original também não passou despercebido por ela. No entanto, ela não quer pressionar muito a mulher, sentindo que ela será expulsa rapidamente se causar qualquer aborrecimento aqui. Mary pode ter sido forçada a manter as aparências, mas há uma tensão na atmosfera desde que ela trouxe à tona a bebida que Sam não pode ignorar. Sam concorda e diz:

— Eu entendo o quão doloroso isso seria para você, mas isso pode conter informações que podem ajudar a provar o que você e seu grupo têm dito o tempo todo. Você pode me enviar o arquivo

para que eu possa ouvi-lo mais tarde? Realmente pode ajudar.

— Posso enviar o arquivo para você via *Bluetooth*, se quiser? —, diz Mary.

Sam sorri.

— Você seria minha salvação.

As duas mulheres passam os próximos dez minutos mexendo nas configurações dos seus telefones e xingando até a transferência do arquivo ser concluída. Quando termina, Mary pergunta: — Você precisa de mais alguma coisa?

— Acho que tenho tudo o que preciso por enquanto. Você tem sido muito prestativo. Mais do que imagina. Acho que uma última coisa que eu gostaria de saber é o que você acha que aconteceu com Daryl?

A velha, que permaneceu em silêncio até este ponto, murmura: — *Ginny* pegou ele. O filho da puta inútil chegou muito perto da água, e *Ginny* o engoliu.

Mary se vira para a mãe e grita:

— Porra, mãe, pare com essa merda! *Ginny Greenteeth* não passa de um conto de velhas para manter as crianças longe dos lagos de patos.

A velha cacareja, deliciando-se com a reação brusca.

— Você diz isso agora, garota, mas eu me lembro das histórias que eu tinha quando criança na Piscina. 'Há uma senhora no monte; quem ela é, eu não sei.' Você se manteve muito bem longe da água, porque *Ginny Greenteeth* esticaria seus dedos finos para fora da lentilha-d'água e te engoliria inteira.

Sam sente um dedo de gelo correr por sua espinha.

— *Ginny Greenteeth*? Eu não ouvi essa.

O rosto da jovem mal consegue conter seu desgosto.

— Nada para você se preocupar, querida. Só uma velha história popular de *Liverpool* que a mamãe não para de falar e eu já cansei de ouvir. — Ela se vira para a mãe e diz: — Você me ouviu, mãe? Mesmo que sua *Ginny Greenteeth* fosse real, o que diabos ela estaria fazendo no Canal de Navegação de Manchester, hein? Liverpool fica a quarenta milhas de distância. O que ela fez? Entrou em um ônibus? Pare com isso!

A discussão entre mãe e filha se intensifica depois disso. Quando o bebê acrescenta seus choros à cacofonia, Sam sai pela porta da frente, agradecendo a *Mary* por seu tempo.

As ruas estão mais silenciosas agora, e gangues de jovens

começaram a se reunir. Uma pontada de desconforto apressa seus passos.

Ela liga o carro e está prestes a sair quando percebe uma chamada perdida em seu telefone, uma mensagem de secretária eletrônica piscando. Sem verificar o número da chamada perdida, ela abre a mensagem, esperando que Sarah finalmente tenha encontrado uma acomodação melhor. Mas, em vez disso, a voz de *Chris Buchanan* estala pelo alto-falante do telefone.

— Sam… É Chris… *Chris Buchanan*. Preciso te ver. Encontrei algo.

***

Sam toma um gole de seu café e observa a entrada do café com sentimentos um tanto confusos. É justo dizer que ela tem algumas dúvidas bem significativas sobre *Chris Buchanan*. Ele mal estava lúcido quando ela o viu pela última vez, e ela não consegue deixar de imaginar em que estado ele estará agora, supondo que ele apareça. Ele parecia maníaco ao telefone, mal coerente, claramente bravo com alguma coisa. Parte de suas esperanças é que ele não apareça. Ela está tensa e ansiosa por causa de todo o café e se sente bem mal no geral. Há um leve cheiro forte de odor corporal passando pelo desodorante, seus pés estão suados dentro dos sapatos e ela sente como se não tomasse banho há alguns dias.

Ela pega seus *air-pods* da bolsa e rola pelo telefone até chegar ao arquivo de áudio que *Mary* enviou. É melhor se manter ocupada até *Chris* chegar, ela pensa. E se ele não tiver chegado até ela terminar o café, ela bloqueará o número dele e voltará para a fazenda. A última coisa de que ela precisava agora era se tornar o foco da ereção de algum bêbado.

Uma voz masculina estala em seus fones de ouvido. O marido desaparecido de *Mary*. Sam não tem certeza do que esperava ouvir, mas o sotaque mancuniano suavemente falado em seus ouvidos não é isso.

— Tudo bem, amor —, diz Daryl. — Estou indo para casa agora. Estava ficando um pouco bagunçado lá embaixo. Billy ia vomitar as tripas ou começar uma briga, e eu não queria limpar nenhum dos dois. Vou demorar uns vinte minutos. Meia hora no máximo. Vou dormir no sofá se você estiver na cama, para não acordar você e o bebê. Amo você.

Sam tem que admitir que não há nenhum traço de indiferença na

voz de *Daryl*. Ele parece normal. Sóbrio e, na verdade, bem legal.

— Espera aí, amor… Acho que tem alguém… Alô? Tem alguém aí? Você está bem? Oh, Deus! ALGUÉM ME AJUDE! POR FAVOR!

A gravação é cortada com um grito que soa alto demais, estridente demais para um homem. Sam arranca os fones de ouvido e encara seu telefone como se ele tivesse se transformado em uma aranha gorda em sua mão. Ela pega sua xícara de café com dedos trêmulos e quase grita quando outra mão se estica para tocar a dela.

— Jesus, Sam. Você está bem? — pergunta *Chris*, deslizando para o assento oposto a ela.

Ela olha para ele, o coração disparado. — É… claro… Desculpe, eu só... Você me surpreendeu, só isso.

Chris franze a testa.

— Bem, acho que não tive uma reação assim de uma mulher desde minha ex-esposa. Tem certeza de que está bem? Você parece bem abalada.

— Bom, então não apareça de surpresa quando as pessoas estiverem com fones de ouvido!— ela retruca. — Escuta, eu tive um dia horrível, e tudo que eu quero fazer é ir para casa, tomar um banho e depois ir para a cama. Não faça bagunça. Você disse que tinha algo para mim?

Seu rosto tem uma expressão que pode ser mais bem descrita como cachorrinho culpado.

— Bem, primeiro, desculpe por assustar você. Não foi intencional. Mas sim, estive pensando sobre o que você disse ontem, e comecei a fazer algumas pesquisas por conta própria.

Ele abre sua mochila e pega um *laptop* surrado que poderia ter sido considerado o estado da arte quando Sam estava na escola.

— Isso vai levar um ou dois minutos para iniciar, então tenha paciência comigo —, ele diz enquanto o disco rígido da máquina antiga geme e chacoalha.

Sam percebe que *Chris* parece sóbrio e mais ou menos controlado. Ele tomou banho, fez a barba e trocou de roupa, pelo menos. Seus olhos ainda estão vermelhos, e as sacolas embaixo deles poderiam carregar uma compra semanal, mas ele realmente parece lúcido e focado. Maravilhas nunca cessam.

Ele diz algo no teclado, então encontra os olhos de Sam.

— Depois que você saiu, tentei acessar as notas do meu último caso, mas fui bloqueado dos detalhes. O arquivo inteiro é restrito. No começo, pensei que eles tinham suspendido meu acesso ao

sistema de gerenciamento de casos, então olhei para outro arquivo, o que foi bom.

Sam se inclina para frente em seu assento, repentinamente interessada.

— E?

— Então, eu olhei o arquivo para aquele outro caso que você mencionou, e obtive a mesma coisa. Acesso restrito. O que é bizarro porque se eu puder acessar um arquivo, eu deveria ser capaz de ver literalmente qualquer coisa no sistema. Eles não restringem essas coisas caso a caso. Você terá um mundo de problemas se for pego bisbilhotando coisas que não deveria, mas você deveria ser capaz de acessar qualquer coisa em teoria quando estiver lá. Precisamos ser capazes de fazer isso para vincular casos relacionados.

— Ah. É só isso? — Sam diz. — Nós já tínhamos descoberto que eles estavam encobrindo essas coisas. Não vejo como isso ajuda, além de confirmar que algo estranho está acontecendo.

Chris sorri para ela. É a primeira vez que Sam o vê sorrir.

— Ainda não cheguei à melhor parte. Voltei a todos os afogamentos no Noroeste nos últimos dez anos — e houve muitos deles, como você pode esperar — mas de vez em quando eu me deparava com um registro restrito. Eu pegava o local do incidente, a data e o nome do falecido, mas todo o resto era restrito. Então, quando comecei a marcar isso em um mapa... bem, veja você mesmo.

Ele vira o *laptop* e mostra a tela para Sam. É um mapa do noroeste da Inglaterra, indo para o sul até *Liverpool*, depois para o norte até Preston.

— Jesus! — diz Sam. — Isso parece

— Um padrão —, diz Chris. — É. Parece que se repete a cada vinte e cinco anos. Vai até *Liverpool*, depois para por dez anos antes de começar no Norte novamente. Ainda não terminei de rever todos os dados, mas esses incidentes estão separados por vinte e cinco anos nos mesmos lugares, na mesma data, pelo que parece.

Sam não consegue tirar os olhos da tela do *laptop*. Se *Chris* estiver certo, então isso foi encoberto por décadas. Mais tempo, talvez. Sua mente está girando, girando, e então ela entende o que *Chris* quer dizer. O que deveria ter sido óbvio para ela imediatamente. — Porra. Então sabemos onde isso vai acontecer em seguida?

— Daqui a dois dias, aqui —, ele diz, apontando o dedo para a tela. — *Barnfold Reservoir*.

***

Sam se sente absolutamente exausta quando chega à trilha da fazenda. Sua mente está pesada de fadiga. Ela não tem concentração para pensar em nada por muito tempo; os eventos do dia e as possíveis implicações deles giram em seus pensamentos como folhas pegas pelo vento.

Marcus está sentado em um banco sob um velho sicômoro quando ela para em casa. Ele levanta a mão em saudação.

— Boa noite, estranha, — ele a chama enquanto ela sai do carro. — Ainda tem um pouco de comida na panela se você estiver com fome.

— Obrigado, Marcus. Vou ver como me sinto depois de tomar um banho. Foi um dia muito longo.

— Vá com calma. Nós fomos conectados à rede de água há uns cinco anos, então vai ser gostoso e quente! Não precisa se preocupar em deixar o poço seco também. Talvez eu te veja quando você tiver se refrescado.

Sam sente um sorriso se espalhar pelo rosto.

— Água da rede? Nossa, o lugar antigo realmente entrou no século XXI. Você não tem ideia do que eu daria por isso quando era adolescente.

Marcus ri.

— Acho que devo ter sido um pouco duro com você por causa dos seus longos banhos.

Sam finge choque e diz:

— Chuveiros longos? Longos? Se eu ficasse lá por mais de cinco minutos, você batia na porta, me lembrando da água do poço.

— Eu acho que sim. Mas nunca entendi por que você precisava passar tanto tempo lá dentro.

— Eu tenho cabelo, diferente de algumas pessoas —, ela diz com uma piscadela. — E ele era muito mais longo quando eu era adolescente, lembra? Levava uma eternidade para tirar o condicionador. Houve momentos em que precisei ir e terminar de enxaguar com um balde de água fria.

Marcus riu disso.

— Bem, você pode levar seu tempo hoje à noite. Lave seu cabelo o quanto quiser.

— Obrigado, Marcus. Sério. Você foi um salva-vidas. Vejo você em breve.

Sam pega sua bolsa no carro e entra pela porta da frente. As duas crianças estão na sala de estar. Julia está colorindo um desenho de um cachorro enquanto George assiste a um filme na TV.

— Oi, pessoal —, ela diz. — Vocês se divertiram?

Julia cuidadosamente clica na tampa, então coloca sua caneta hidrográfica no sofá e corre, jogando os braços em volta de Sam.

— Tivemos um dia tão bom. Fomos dar uma longa caminhada com o vovô Marcus, e eu pude alimentar algumas vacas bebês com um dos amigos dele. Elas são tão fofas!

Sam retribui o abraço e diz:

— Isso é adorável, querida. — Um grito repentino da TV a faz pular e ela olha para cima a tempo de ver um facão cravado no crânio de uma loira seminua. George, o que diabos você está assistindo?

— Nada —, ele responde, com os olhos fixos na tela.

— Não parece nada para mim —, ela retruca, e pega o controle remoto. Ela pausa o filme e confirma a classificação etária. — George, você não pode assistir coisas assim. Você é muito jovem! Vai te dar pesadelos.

George se levanta, pega o *iPad* e grita com ela.

— Você nunca me deixa fazer nada! Não é justo! — Então ele sai furioso do quarto e sobe as escadas, cada passo soando como um jogador de rúgbi de vinte pedras. Sua porta bate forte o suficiente para que Sam sinta a vibração através do chão.

— Que diabos? — ela murmura, um pouco chocada com a explosão.

— Não se preocupe, mamãe —, diz Julia, leal até o fim. — Ele está de mau humor o dia todo.—

Sam sorri firmemente e dá um tapinha em seu ombro. — Obrigada. Vou falar com ele mais tarde. Eu... eu acho que vou tomar um banho agora. Vejo você quando sair.

***

Sam passa mais tempo no chuveiro do que pretendia. Em algum nível, ela está fazendo isso por sua versão adolescente como um ato de rebelião retrospectiva, mas principalmente ela apenas gosta da sensação da água quente batendo em sua pele, lavando sua tensão para longe. Ainda assim, ela sente uma pontada de apreensão quando termina e é hora de voltar para baixo. A última coisa que ela quer é outra briga com *George*. Ultimamente, ela não parece ser

capaz de dizer nada ao garoto sem irritá-lo, e isso está começando a desgastar seus nervos. Ela não pode simplesmente deixá-lo escapar impune, pode? Droga. Ela resolve ter uma conversa com ele amanhã sobre suas escolhas de visualização e uma coisinha chamada autocontrole. Talvez Marcus possa ajudá-la a descobrir como abordar o assunto.

Ela desce as escadas e encontra um prato quente de macarrão e uma grande taça de vinho branco esperando por ela na mesa. Marcus espera na mesa, lendo um livro sobre segurança cibernética de todas as coisas. Ele olha para cima sorrindo.

— Obrigado, Marcus. Isso parece incrível. Você não precisava ter se dado ao trabalho.

— Não é problema, moça. Coloquei seu vinho no congelador para esfriar enquanto você estava no chuveiro, e servi quando os canos pararam de gemer.

Ela se senta e toma um gole, saboreando o gosto frio e limpo do vinho.

— Bem, é muito apreciado — e não apenas a comida. Tudo. Você tem sido uma dádiva de Deus absoluta nos últimos dias. Não sei o que teria feito sem você.

— Não pense em nada disso, amor. Verdade seja dita, eu gostei de ter você aqui mais do que posso dizer. Eu me saí bem o suficiente ao longo dos anos, mas o velho lugar tem estado bem quieto por um bom tempo agora. Está fazendo bem ao meu coração ter um pouco de luz e risadas aqui novamente.

— Marcus, eu... eu sinto muito por ter perdido o contato com você. Profundamente. Eu realmente não tenho nenhuma desculpa. Eu acho que foi difícil para mim depois que minha mãe morreu, e então... e então quando eu fui para a universidade, a vida simplesmente pareceu passar tão rápido.

— Você não precisa se desculpar, amor. Eu sei como pode ser. E, como eu disse, percebi que eu deveria ter sido um pai melhor para você. Eu não queria que você pensasse que eu estava tentando substituir sua mãe, então eu mantive distância, tipo. Dei seu espaço. Espaço demais, eu ouso dizer. Sinto muito por isso. Espero poder compensar isso de alguma forma agora, com você e seus pequenos.

Sam sorri.

— Você mais do que compensou isso. E você nos verá muito mais no futuro, eu prometo. Quero fazer algo por você, para agradecer adequadamente. Você me deixa te levar para jantar em algum lugar

legal na semana que vem?

— Você não precisa, amor. Você não me deve nada.

— Eu quero. Por favor, deixe-me.

Sam não consegue distinguir a expressão no rosto do tio a princípio, então ela percebe: ele está chorando. Ela estica o braço sobre a mesa, pegando a mão dele na dela.

— Você está bem?

Ele aperta a mão dela e então enxuga os olhos.

— Não se preocupe comigo. Estou apenas sendo um velho idiota. Sim, isso seria adorável, moça. Se você tem certeza.

— Tenho certeza absoluta. Tem algum lugar que você gostaria de ir?

— Vou pensar um pouco e te aviso. Obrigadp, querida. Agora, vou deixar você com isso e dormir cedo. Vou levar as crianças para passear o dia todo, e acordaremos ao raiar do dia.

Um pensamento ocorre a Sam e ela age por impulso.

— Você está a fim de companhia? Tenho que acordar cedo no domingo de manhã, mas posso mudar alguns dos meus outros compromissos — passar o dia com você e as crianças, para variar. Se isso não atrapalhar muito seus planos?

Os olhos de Marcus se arregalam um pouco com a sugestão dela.

— Não, amor. Isso seria maravilhoso —, ele resmunga. — Tem certeza de que seu chefe não vai se importar?

— Naah. Que se dane. É sábado e eu mereço um dia de folga. De qualquer forma, faz muito tempo que não passamos um tempo de verdade juntos, e seria adorável sair com as crianças para variar. Não consigo lembrar da última vez que fizemos algo especial juntos.

— Então está decidido —, diz Marcus e se levanta da mesa, no momento em que um grito ecoa dos fundos da propriedade.

O coração de Sam dá um pulo e ela olha com os olhos arregalados para o tio.

— Marcus! Onde estão as crianças?

A expressão de choque e preocupação do velho espelha a dela.

— Eles foram dormir… Quer dizer, eles disseram…

Sam sai da cadeira antes que seu tio consiga terminar a frase, sua taça de vinho se espatifando no chão de ladrilhos da pedreira. Ela abre a porta dos fundos da casa da fazenda e corre para fora enquanto os gritos se intensificam.

Sam sente suas pernas virarem borracha enquanto ela observa a cena. George está de pé na beira do *Miller's Pond* enquanto Julia

está na água até a cintura. Ela tenta sair, mas toda vez que ela corre para a praia, George a empurra de volta com uma risada.

— GEORGE! — ela grita, — Que porra você está fazendo? Deixe ela sair agora mesmo!

George se vira para encará-la, seu rosto corado.

— O quê? — ele gagueja, — Eu não estava fazendo nada!

Sam alcança os gêmeos no momento em que Julia consegue sair da água, suas roupas pingando. Seu alívio ao ver sua filha fora do lago é passageiro quando ela vê o sorriso malicioso no rosto de seu filho.

— Não estava fazendo nada? Eu vou te mostrar o que é nada, seu merdinha! — ela grita, enquanto sua mão se levanta quase por vontade própria. Antes que ela possa descer, no entanto, ela sente uma mão forte agarrar seu pulso, segurando-o com força.

— Julia, entre e tire essas roupas molhadas, — diz Marcus com uma voz calma, mas firme. — George, acho que você deveria entrar e ir direto para a cama. Conversaremos mais de manhã.

— Mas não é minha culpa —, George começa a protestar, mas então parece pensar melhor em argumentar e desaparece atrás da irmã para dentro de casa.

Marcus solta o braço de Sam e diz:

— É melhor respirar fundo, amor. Você não quer fazer nada de que se arrependerá quando chegar a manhã.

Sam quase cai no chão, a adrenalina ainda correndo por suas veias.

— Eu... eu não acredito que ele fez isso... eu não acredito que quase bati nele... eu nunca levantei a mão para nenhum deles antes, Marcus. Mas só de ver Julia naquele lago de merda e George achando isso tão engraçado... eu só...

Marcus colocou uma mão no ombro de Sam.

— Eu sei, amor. Todos nós fazemos as coisas no calor do momento, e com o que aconteceu com sua mãe... É compreensível. Por que você não entra e toma outra taça de vinho para se acalmar um pouco?

Sam assente e começa a se afastar do lago quando percebe que Marcus não a está seguindo.

— Você não vem?

— Não, amor —, ele diz. — Vou fazer o que deveria ter feito no momento em que vocês chegaram. Vou tapar aquele maldito lago.

CAPÍTULO SEIS

— Acorde, mamãe! — Julia grita e pula na cama de solteiro de Sam.

Com a mente ainda presa entre as ervas daninhas e o mundo desperto, Sam, de alguma forma, consegue se impedir de atacar sua filha. Ela estava lutando contra algo em seus sonhos. Lutando por sua vida. Agora ela está lutando para respirar, o ar expulso de seus pulmões pelos joelhos afiados de Julia.

— Julia, — ela suspira, abrindo um olho, depois o outro. — Que horas são? Aconteceu alguma coisa?

Julia começa a pular para cima e para baixo.

— São quase seis, preguiçoso —, ela ri. — Vovô Marcus, George e eu estamos acordados há séculos, então é hora de você se levantar também.

Sam puxa o edredom de volta sobre a cabeça.

— É muito cedo, querida. Vá assistir TV ou algo assim. Desço em algumas horas.

O edredom desaparece do corpo de Sam, arrastado para baixo em um único movimento como um mágico tirando uma toalha de mesa de debaixo de um jogo de chá de porcelana.

— Não, mamãe, você tem que se levantar agora. Nós todos vamos sair hoje, lembra?

Sam geme quando a memória volta a ela. Ela disse a Marcus que se juntaria a eles no dia anterior à noite antes de ir para a cama. Parecia uma boa ideia na época. Fazia séculos que ela não tinha um dia de verdade com as crianças. Quando foi isso?, ela se pergunta. *Chessington* talvez? Cristo, isso deve ter sido há dois anos. Ela se sente envergonhada por não ter feito mais com as crianças, mas ela sempre esteve tão ocupada. Além disso, se ela se lembra corretamente, aquele dia no parque temático lhe custou bem mais de duzentas libras, o que não era uma quantia desprezível de dinheiro em seu salário. Ela geme, — Ok, ok, estou indo. Volte para baixo. Estarei aí em um minuto.

Julia salta da cama, pula para a porta e então se vira para encarar a mãe.

— Não volte a dormir agora, mãe. Como você faz num sábado quando bebe.

Uma nova onda de vergonha toma conta de Sam. Eu sou realmente tão ruim assim? Eu fico de ressaca com tanta frequência? Sim, ela percebe. Ela fica. Alguns drinques com Heidi depois do trabalho ou, se ela estiver viajando, apenas uma garrafa de vinho tinto na frente da TV. Era um evento regular de sexta à noite... que se transformou em alguns drinques no sábado para afastar os últimos resquícios de sua ressaca *além de alguns drinques no domingo*, é claro, para prolongar o fim de semana o máximo que pudesse. Isso se tornou um hábito sem que ela percebesse, ou pelo menos sem admitir para si mesma.

— Eu não estou de ressaca, querida. Não bebi nada ontem à noite.

Julia levanta a sobrancelha direita, de repente parecendo muito mais velha do que sua idade, e ela até coloca as mãos nos quadris. Em outras circunstâncias, poderia ter sido engraçado.

— De onde veio aquela garrafa de vinho então? As fadas do vinho a deixaram na mesa da cozinha para te causar problemas?

Sam balança as pernas para fora da cama e se levanta.

— Aí está. Já estou de pé —, ela diz, um pouco irritada. — Vou descer assim que tiver me lavado e escovado os dentes. Está tudo bem para você, majestade?

Julia parece satisfeita e sai correndo pela porta, gritando — Te amo, mamãe!— por cima do ombro.

Sam caminha penosamente ao redor da cama e abre as cortinas, enchendo o quarto com uma luz fraca. É sempre assim na fazenda. Mesmo depois que o sol nasce, demora uma eternidade para limpar as colinas adequadamente e para os primeiros dedos dourados de luz afastarem as sombras persistentes. Ela olha para *Miller's Pond* e descobre que Marcus cumpriu sua palavra. Em vez da superfície coberta de lentilhas, o lago foi coberto por pesados dormentes de ferrovia, aparafusados juntos em uma estrutura áspera. O alívio que ela sente é palpável. Como se o monstro que assombrava seus pesadelos tivesse uma estaca cravada em seu coração e enterrado. Pegando uma pilha de roupas limpas, Sam cambaleia até o banheiro para se preparar.

Ela desce as escadas quinze minutos depois, sentindo-se pelo

menos vagamente humana, se não totalmente acordada. Ela sente o cheiro de café fresco misturado ao delicioso aroma de bacon frito, e seu estômago ronca de apreciação. Marcus e as crianças sentam-se à velha mesa da fazenda com seus pratos empilhados com salsichas, bacon, ovos fritos, cogumelos, feijões assados e batatas fritas. Marcus toma uma caneca de café enquanto as crianças têm caixas de suco ao lado.

— Bom dia a todos —, ela diz, tentando ser alegre. — Espero que tenham deixado um pouco dessa comida para mim. O cheiro é delicioso.

Marcus sorri para ela.

— Bom dia, dorminhoca. Tem um prato esquentando no fogão, e o café está na cafeteira. Sirva-se.

Sam pega sua comida e então se serve de uma grande caneca de café antes de se sentar.

— Bom dia, George. Sinto muito pela nossa discussão ontem à noite, mas o que você estava fazendo era muito perigoso e eu fiquei com medo. Podemos deixar isso para trás?

George gira o tronco noventa graus para olhar para a parede e então coloca a mão no rosto para bloquear a visão periférica da mãe.

— George! — Sam diz, um pouco chocado e magoado. — Isso é muito rude. Você pode me responder quando eu falo com você, por favor?

George dá de ombros, mas mantém a mão no lugar, recusando-se a olhar para a mãe. Julia coloca a mão no braço de Sam e diz:

— Acho que ele ainda está bravo sobre a noite passada, mamãe. Por favor, não comece uma briga com ele, ou isso vai estragar o nosso dia.

Sam pondera isso e decide não forçar o assunto. Pelo menos, ainda não. Ela também está consciente de que sua filha tem sido a mais adulta das duas na casa esta manhã.

— Tudo bem, — ela suspira. — Então, Marcus, qual é o plano para o dia?

O tio dela sorri para ela.

— Isso seria revelador, não é? — O homem mais velho pisca para Julia, que começa a rir. Até George parece estar sorrindo por trás das mãos. — Estou esquecendo de alguma coisa? —, ela pergunta.

Julia solta uma risada bufada com isso, e George está visivelmente tremendo atrás da mão, embora ainda não esteja

preparado para olhar a mãe no rosto. Sam de repente sente que ela está do lado de fora da unidade familiar, olhando para dentro, e é uma sensação da qual ela não gosta — nem um pouco.

Ela lança um olhar interrogativo para Marcus e ele diz:

— Nada para se preocupar, amor. A jovem Julia estava fazendo uma imitação sua ontem, e ela estava bem certa.

Julia dá um tapa leve no braço de Marcus, gritando, — Vovô! Você não deveria ter me dedurado! Você é um dedo-duro!

Marcus sorri de volta para Julia.

— Culpado como acusado. Agora, vá lavar seus pratos. Não iremos a lugar nenhum até que todos esses pratos de café da manhã estejam guardados.

Para o choque de Sam, Julia recolhe toda a louça, enche a pia e começa a lavar. Para aumentar seu espanto, George então pega um pano de prato e começa a secar os pratos limpos antes de guardá-los no armário.

— OK —, ela diz a Marcus, — quem são esses dois impostores e o que você fez com meus filhos verdadeiros?

— Eles têm sido tão bons quanto ouro desde que estão aqui. Você fez um ótimo trabalho com eles. Por quê? Eles não ajudam em casa?

— Não! — Sam diz com alguma aspereza. — Eles não fazem isso. Se eu sequer sugerir, eles agem como se eu tivesse pedido para comerem cacos de vidro. Não sei o que você está fazendo com eles, mas, por favor, continue fazendo isso. — Marcus faz uma pequena saudação a Sam, — Aye, capitão —, ele diz, então se inclina para as crianças. — Certo, vocês dois. Peguem suas coisas. Estamos saindo em cinco minutos.

Julia e George não precisaram de mais incentivo e correram para a porta da frente, calçando os sapatos com entusiasmo.

Sam dá uma última mordida em seu café da manhã e faz seus elogios a Marcus.

— Então, conte tudo. Para onde estamos indo?

— Ah —, diz Marcus, dando-lhe um sorriso enigmático, — eu não gostaria de estragar a surpresa.

***

— Já chegamos?

Marcus se vira para olhar para Julia e diz:

— Não falta muito, querida. Se você ficar de olho, pode começar a ter algumas pistas sobre para aonde estamos indo.

Julia começa a pular para cima e para baixo no banco traseiro da caminhonete velha e grita o nome em cada placa para ver se aquele é o destino deles. Para cada uma, Marcus sorri e dá a mesma resposta.

— Não.

Sam estica o pescoço para ver George olhando para seu *iPad*. Ela não consegue se impedir de comentar.

— George, — ela diz, — se você continuar olhando para o *iPad* enquanto estamos dirigindo, você pode ficar enjoado. Você gostaria de brincar de espião comigo em vez disso?

— Estou bem —, diz George, passando os dedos na tela.

Sam balança a cabeça e se pergunta se é possível que a puberdade comece aos oito anos de idade.

— Vou brincar com você, mamãe —, diz Julia, desistindo de tentar adivinhar o destino.

Sam sorri, grata por sua filha feliz e alegre. As duas gêmeas não poderiam ser mais diferentes. George sempre existiu mais dentro de sua cabeça, sujeito a humores sombrios, assim como a própria Sam. Julia era muito mais como Brian tinha sido. Ela é tão enérgica e entusiasmada e não tem um pensamento que entra em sua mente que ela não verbalize. Ela ama seus dois filhos, mas Julia é definitivamente a mais fácil de lidar do par, além de seus terrores noturnos.

— OK, — ela diz. — Eu espio, com meu olhinho, algo começando com… Z!

Julia franze a testa e começa a olhar ao redor.

— Ah, mamãe. Você escolheu uma bem difícil para começar —, ela diz. Então, a menina percebe a placa marrom aparecendo com um elefante. — É um zoológico? Vamos ao zoológico? Ai, meu Deus! —, ela grita e começa a pular para cima e para baixo no banco de trás com força suficiente para balançar a suspensão.

— Sim, moça. Bem adivinhado. Vamos ao Cumbria Safari Zoo. Comprei os ingressos *online* ontem.

Sam balança a cabeça em apreciação.

— Oh, Marcus, você não deveria ter feito isso. Deve ter custado uma fortuna.

— Não se preocupe com isso. Do jeito que eu vejo, tenho alguns aniversários e Natais para compensar. Além disso, — ele diz, piscando para ela, — achei alguns *vouchers online*. Os pequenos entram de graça com dois ingressos de adulto. Isso significa que

sobra algum dinheiro para que eles possam alimentar os animais também.

Julia quase acaba no banco da frente quando ouve isso.

— Nós podemos alimentá-los? OH MEU DEUS! Quais animais, vovô Marcus? Posso alimentar os macacos? E as girafas? E os pandas vermelhos?

O velho solta uma risada calorosa.

— Descobriremos quando chegarmos lá, querida. Agora, acalme-se um pouco, ou você vai jogar minha velha caminhonete para fora da estrada.

Julia se senta em seu assento com um sorriso enorme no rosto, torcendo as mãos de excitação. Sam não consegue se lembrar da última vez que viu sua filha tão feliz, e ela promete a si mesma naquele momento em que ela vai arranjar tempo para fazer mais com as crianças. Elas estão crescendo tão rápido, e o tempo está apenas passando. Ver a alegria desenfreada de Julia envia uma onda de calor através do peito de Sam. Até George abriu um sorriso apesar de si mesmo, mas quando ele percebe que Sam notou, o sorriso desaparece mais uma vez.

Depois de mais alguns minutos, eles chegam ao zoológico, e Marcus estaciona sua caminhonete sob a sombra de um grande sicômoro. Julia sai do carro quase antes de o veículo parar de se mover.

— Julia, não fuja — e cuidado com o trânsito! — Sam grita para a menina, que já está indo direto para a entrada. Julia acena para a mãe, ignora completamente suas instruções e quase corre para o portão. Sam balança a cabeça e admite a derrota. Os animais são as coisas favoritas de Julia no mundo, e a viagem que Marcus organizou é o mais perto do céu possível para a menina. Ela começa a seguir a filha, então percebe George ficando para trás, com a cabeça baixa, as mãos enfiadas nos bolsos.

— Marcus, — ela diz, — você pode alcançar Julia e ficar de olho nela, por favor? Preciso falar rápido com George.

Marcus acena e então trota pelo estacionamento até Julia. Sam caminha até seu filho e pergunta o que há de errado.

— Nada —, ele murmura sem levantar os olhos.

— Não é nada. Você ainda está bravo por causa da noite passada? Ou tem outra coisa porque, honestamente, não sei o que fiz de errado. Estou ficando bem cansado disso. Marcus gastou muito dinheiro com você aqui, e você vai acabar estragando tudo

para todo mundo se não sair desse clima.

O garoto levanta a cabeça e olha Sam nos olhos pela primeira vez em dias. Seu olhar é branco e ardente.

— É você! Você sempre vai embora. De novo e de novo. Você nos deixa com a vovó Janet, depois nos deixa com o vovô Marcus, ou sai com a tia Heidi e nos deixa com a babá. Você nos odeia! Você não quer ficar perto de nós, e agora está nos deixando de novo.

— Oh, George. Estou bem aqui. E sinto muito por estar tão ocupado, mas você entende que eu tenho que trabalhar, certo? Para ganhar dinheiro para que possamos ter coisas boas. Se seu pai ainda estivesse por perto, eu não teria que trabalhar tanto, e poderia passar mais tempo com você, mas não foi assim que as coisas funcionaram.

George tira a mão da dela,:

— Todas as nossas coisas são lixo, e eu não quero coisas de qualquer jeito. Eu quero minha mãe!

Sam envolve os braços em volta do filho,

— Oh, querido, me desculpe. Me desculpe muito. Sei que não estive muito ao seu lado ultimamente, mas estou aqui agora, então podemos ter um bom dia juntos. E tentarei ser melhor no futuro, eu prometo.

George se afasta dela.

— Mentirosa! Você vai embora de novo amanhã.

Sam se esforça para manter a voz firme quando responde.

— Eu sei, George. Tenho que ir a algum lugar amanhã, mas não tenho escolha. Mas prometo a você uma coisa: quando terminar este trabalho, vou tirar um tempo de folga e podemos passar um tempo juntos de verdade antes de você voltar para a escola. Eu só... não posso fazer nada sobre amanhã.

George vira as costas para ela, murmura algo ácido e corre atrás dos outros.

Sam se junta a eles depois que ela enxuga suas lágrimas e se recompõe. Apesar de ser cedo em uma manhã de sábado, o zoológico não está particularmente movimentado, com apenas algumas outras famílias e pequenos grupos à frente deles. Julia corre para um grande mapa, fora de si de excitação, e ela grita com a escala do lugar.

— Ah, podemos ver os pandas primeiro? Eu adoro os pandas vermelhos! Ou os macacos? Não! As girafas!

Marcus coloca a mão no ombro dela e sorri para a garota.

— Temos o dia todo, querida, mas olha, aqui está a programação. Vamos primeiro aos pinguins. Depois são as girafas, lêmures, ursos e os pandas vermelhos. Você pode alimentá-los todos se quiser. Que tal, hein?

Julia examina o mapa, localizando o recinto dos pinguins, então ela agarra a mão do irmão e praticamente o arrasta pelo caminho.

Marcus se vira para Sam e diz:

— Está tudo bem, amor? Eu vi você e o jovem George tendo uma pequena discussão no estacionamento, e você parecia chateado.

Sam suspira.

— Ele está bravo porque eu nunca estou por perto. Ele diz que eu sempre o deixo, e ele está certo. Ele está certo! Eu tento o meu melhor, Marcus, mas é tão difícil fazer isso sozinho. Às vezes, eu me pergunto se seria melhor viver de benefícios e cuidar deles adequadamente em vez de me matar fazendo esse maldito trabalho. Não é como se meu salário fosse muito melhor. Eu não quero que eles cresçam, ressentindo-se de mim do jeito que eu...

Ela cobre a boca, horrorizada com as palavras que estavam prestes a surgir. Marcus pega a mão de Sam e a afasta gentilmente. Ela olha para ele, aflita, tomada pela culpa e pela vergonha. Demonstrações de afeição do tio são estranhas para ela.

— Está tudo bem, amor. Pode dizer. Eu sei bem o suficiente. O jeito que você se ressentiu de mim.

Sam aperta a mão do tio.

— Sinto muito, mas é verdade. Isso é tão confuso. Vejo como você é com eles, e então lembro como você era comigo e... Acho que eu só queria que as coisas tivessem sido diferentes. — Ela lhe dá um sorriso triste. — Por mais estranho que pareça, eu tenho tido ciúmes.

— Sinto muito, amor. Sinto mesmo. A perda da sua mãe me atingiu duramente. Mais duramente do que eu esperava. Por muito tempo, não sabia como continuaria. Eu me fechei para você porque tinha medo de me aproximar demais. Eu simplesmente não achava que conseguiria passar por isso de novo, então mantive distância. Tentei fazer o certo por você, mas estava tão envolvido na minha dor que nunca considerei o que isso estava fazendo com você. Você precisava mais de mim do que de comida na mesa ou de um teto sobre sua cabeça. Foi o que meu terapeuta disse, de qualquer forma, e eu vejo isso. Quero melhorar.

Sam levanta uma sobrancelha.

— Você tem um terapeuta? Nunca pensei que você seria o tipo. Você tem sido cheio de surpresas nos últimos dias.

Marcus ri.

— É, eu também não teria pensado nisso. Não pareceu fazer muito sentido remexer no passado. Meu amigo Graham viu o que isso estava fazendo comigo, no entanto, e me colocou em contato com alguém que ele conhece. Bom homem, esse Graham. Demorou um pouco para eu aceitar as coisas, mas eu consegui no final. Eu só... Sam, eu só espero que você consiga encontrar em seu coração a capacidade de me perdoar.

Sam puxa o tio para um abraço apertado antes que ele perceba os olhos dela marejando. Ela ainda não está pronta para chorar na frente dele.

— Está tudo bem. Eu entendo. Eu realmente entendo. E você estava certo de certa forma. Não faz sentido ficar remoendo o passado. Não podemos fazer nada sobre isso; tudo o que podemos fazer é garantir que não continuemos cometendo os mesmos erros estúpidos. Oh, Marcus, o que eu vou fazer? George tem tanta raiva dentro dele, mas eu não sei o que posso fazer sobre isso. Estou fazendo com ele todas as mesmas coisas estúpidas pelas quais eu estava com raiva de você.

— Você é uma boa mãe, querida. Nunca se esqueça disso. E um dia, ele verá os sacrifícios que você fez por ele e sua irmã. Ele é jovem e não entende. Dê tempo a ele, e ele aceitará o quadro geral.

Sam dá outro aperto forte no tio e então o solta.

— Obrigada, Marcus. Espero que você esteja certo, espero mesmo.

— Eu sei que estou, amor. Não se preocupe. Vou falar com ele mais tarde e explicar as coisas para ele. Agora, é melhor alcançarmos os jovens, ou perderemos os pinguins.

Sam sorri e desce o caminho de cascalho atrás dos filhos. Ela sente que um peso foi tirado, embora não totalmente removido.

O show está prestes a começar quando eles chegam ao recinto dos pinguins. Uma série de pássaros de aparência inteligente se alinham enquanto o tratador do zoológico anda para cima e para baixo, contando às famílias reunidas sobre os vários nomes e personalidades.

— Você chegou bem na hora. O show vai começar! — Enquanto Sam se senta na cadeira ao lado dela, o nariz de Julia enruga, e ela

sussurra — Mamãe? Eles deveriam cheirar tão mal assim?

***

Sam está exausta quando eles retornam ao caminhão e começam a jornada de volta para a fazenda. Ela honestamente não consegue se lembrar de ter se divertido tanto por muito tempo. Até George saiu do seu humor quando teve a chance de alimentar um leopardo com um grande pedaço de carne preso a um longo poste de metal. Ele nunca pareceu tão emocionado em sua vida. A comida lixo, refrigerantes e sorvete mantiveram as duas crianças hiperativas e animadas enquanto voavam de show em show. Sam pensou que Julia poderia tentar contrabandear um dos pandas vermelhos em sua bolsa, e a observou como um falcão, mas ela se contentou com um panda de pelúcia caro. As duas crianças agora estavam dormindo profundamente no banco de trás do caminhão de Marcus, enquanto os dois adultos estavam sentados em um silêncio confortável, ouvindo músicas antigas no rádio.

Eles começaram a etapa final da jornada, seguindo por estradas familiares. A sensação de nostalgia é reconfortante agora, em vez da desorientação que ela sentiu alguns dias antes. Finalmente, ela se vira para Marcus e diz:

— Eu estava pensando sobre o que você disse antes. Eu estava imaginando como você se sentiria se as crianças e eu nos mudássemos um pouco mais para perto? É só um pensamento no momento, mas acho que pode ser bom para mim me mudar para longe da cidade. Se eu aceitasse um trabalho menos exigente aqui, eu poderia passar mais tempo com as crianças, e você poderia passar mais tempo com elas também. E comigo.

A umidade parece se acumular no canto dos olhos do velho, preenchendo as rachaduras e rugas com rastros prateados.

— Amor, não há nada que me faria mais feliz. Sério. Eu sei que nada está definido em pedra ainda, mas se é isso que você acha que é melhor, sempre haverá um lar para você aqui. Para todos vocês.

Sam aperta sua mão.

— Obrigado, Marcus. Isso significa mais do que você imagina. Como eu disse, é só um pensamento por enquanto, e haveria muita coisa para resolver com escolas e coisas assim. E algo mais permanente precisaria ser feito sobre aquele maldito lago. Mas se pudéssemos viver aqui, isso poderia resolver muitos problemas.

O caminhão ronca sobre a grade de gado e ao longo da trilha

sinuosa que leva à fazenda. Conforme eles se aproximam da casa principal da fazenda, os ombros de Marcus enrijecem. Há um Audi novinho estacionado perto da porta traseira.

— Isso é estranho. Você estava esperando visitas?

Marcus balança a cabeça.

— Não. Você?

— Não consigo entender por que alguém viria aqui me procurar. Ninguém realmente sabe que estou aqui, e ninguém no trabalho poderia pagar um carro tão bom.

O caminhão para no lugar de sempre, e então Marcus e Sam saem, deixando as crianças dormindo no banco de trás. Quando eles começam a andar em direção ao carro, a porta se abre e uma mulher alta, loira e elegantemente vestida sai.

— Heidi! O que diabos você está fazendo aqui?

— Preciso de um motivo para visitar minha melhor amiga? —, pergunta Heidi, pisando cautelosamente na lama. Ela abraça Sam e a beija nas duas bochechas, então estende a mão para Marcus. — Oi, você deve ser o tio. Eu sou Heidi. Tenho certeza de que Sam lhe contou tudo sobre mim. Obrigada por cuidar dela em sua hora de necessidade.

A porta traseira do caminhão se abre de repente, e as crianças praticamente se atiram na mulher.

— Tia Heidi! —, Julia grita, abraçando-a ferozmente.

Sam sorri para a amiga, mas ela está um pouco perplexa.

— É incrível ver você, H, mas você ainda não me disse o que diabos está fazendo aqui?

Heidi descarta.

— Quando você me contou o que aconteceu com aquele hotel nojento, decidi mudar de tarefa. Estou fazendo uma matéria sobre uma nova grife em Manchester agora, então posso te ajudar a sair dessa confusão. Consegui que a revista pagasse por uma suíte no Hilton pelas próximas duas semanas. Há muito espaço para você e as crianças dividirem comigo, e podemos aproveitar direito. Você merece umas férias. Vou fazer as entrevistas, principalmente à noite, para que os monstrinhos e eu possamos ver os pontos turísticos enquanto você termina sua matéria. Não vai ser legal? Você pode relaxar no colo do luxo em vez de se impor ao seu querido e velho tio aqui.

Sam balança a cabeça

— Não sei o que dizer, H. Você não precisava fazer isso. E

estamos indo bem aqui. Sério.

— Eu sei que você pode ser durona com os melhores deles, querida, mas é terrivelmente... rural, não é? E você não precisa sofrer. Tia Heidi para o resgate! Vou deixar você fazer a primeira rodada para me agradecer.

— Primeira rodada? O quê?

Heidi pisca para Sam

— Bem, já que seu adorável tio está feliz cuidando dos filhotes por mais uma noite, acho que você pode me mostrar os pontos turísticos da sua cidade natal. Então vamos lá! Vista suas roupas alegres. Já faz tempo que precisamos de uma noite das garotas.

CAPÍTULO SETE

— Querido, chegamos! — Heidi exclama, abrindo as portas duplas do bar.

Sam se arrasta atrás dela, sentindo-se um tanto constrangida. Heidi está vestida para matar, como sempre. Ela usa um vestido justo com uma estampa floral acentuando cada curva. Se alguém conseguir tirar os olhos disso, verá um par de *Jimmy Choos* em seus pés e uma bolsa Armani que, provavelmente, custou mais do que o salário mensal de Sam. Em contraste, Sam está usando uma de suas blusas de trabalho mais bonitas e uma saia na altura do joelho, com sapatos de trabalho que francamente já viram dias melhores. Ela não deveria estar surpresa, diz a si mesma. É assim que sempre foi. Ela aceitou seu papel como a amiga mais simples e menos extravagante que tende a desaparecer no fundo. No entanto, a última coisa que Sam esperava fazer era sair para uma noite na cidade quando fez as malas para a viagem, e seu despreparo apenas acentua as diferenças. Heidi se ofereceu para emprestar uma de suas roupas, mas, dada a diferença de formas e alturas, Sam tinha certeza de que ela pareceria alguém que embrulhou um balão cheio de água em filme plástico, então ela educadamente recusou.

Heidi pega uma mesa perto da pista de dança e acena para um garçom, pedindo para os dois. Heidi adora festa, e isso faz Sam hesitar. O *modus operandi* de sua amiga é aumentar seus níveis de álcool o mais rápido possível, e então se soltar.

O bar é um ataque de neon e cromo aos sentidos. A pista de dança parece uma bola de espelhos, com um mosaico de peças reflexivas sob o que parece ser vidro temperado. Sempre que as luzes de laser do teto passam por ela, os feixes ricocheteiam em todas as direções diferentes. As paredes também são espelhadas, com letreiros de neon e prateleiras cromadas em todo o comprimento do lugar. É bem intenso. Na frente do bar há uma área de estar onde eles ainda estão servindo comida para alguns dos clientes mais conservadoramente vestidos enquanto a multidão da

festa se infiltra para beber e dançar à noite. Sam está dolorosamente ciente de que ela e Heidi são, pelo menos, uma década mais velhas do que as outras dançarinas, mas Heidi está alheia. A música é Magaluf puro, com uma linha de baixo que bate nos ossos.

— O que você pediu para nós? — Sam grita por cima da música.

— Coquetéis dois por um, baby! Temos um mojito e um blue lagoa cada, além de duas *jägerbombs* para começar.

Sam geme.

— Você sabe que eu não posso dormir tarde, certo? Vou encontrar alguém para trabalhar às sete da manhã amanhã. Não posso fazer isso morrendo de bunda.

Heidi faz beicinho.

— Você não é mais divertida. Mas eu prometo ser boazinha. Não se preocupe, Cinderela; eu te trarei para casa até meia-noite.

Sam não acredita em nada do que diz, mas promete a si mesma que estará em um táxi bem antes disso, não importa o quanto Heidi reclame e implore.

As bebidas chegam, e Heidi levanta sua *jägerbomb*.

— Aqui está para tirar você dessa fazenda e longe do seu tio assustador.

Ela vira a bebida de uma vez e vira o copo na mesa. Sam joga sua própria bebida de volta, então toma um gole de seu mojito para se livrar do gosto. Ninguém bebe *jägerbombs* por prazer, ela se lembra. Elas têm um propósito específico. Pelo menos o elemento energético deve acordá-la. Ela ainda está bem exausta depois do dia no zoológico.

— Na verdade, — ela diz, balançando um dedo, — Marcus tem sido ótimo nesses últimos dias. As crianças o amam, e nós dois resolvemos muitas coisas.

— Sério? Desde que te conheço, tudo o que você fez foi me dizer que babaca ele é. 'Um foda frio, distante, indiferente e miserável' era a frase, eu acredito.

Sam dá de ombros.

— O que posso dizer? Já faz muito tempo, e ele mudou muito. Ele viu um terapeuta e tudo.

— Foda-se esse barulho. Você viu o olhar que ele me deu quando eu saí do carro? Ele queria me dar uma machadada.

— Para ser justa, querida, você foi meio vaca com ele. 'Em algum lugar menos... rural', eu acho que você disse?

Heidi esvazia metade de sua *Blue Lagoon* e sorri.

— Bem, dificilmente é *Texworld Evolution Paris*, não é? Mais como *Texas Chainsaw Massacre*!

— Além de ser em *Lancashire* em vez do Texas?

— OK, eu vou admitir esse ponto. Mas eu te pergunto isso. Marcus tem uma motosserra?

Sam solta uma risada.

— É. Uma grande. Ele a usa para cortar lenha e depois a vende. Ele dirige caminhões de toras para fazendas vizinhas para seus queimadores de toras.

— Aí está! — Heidi diz com uma expressão triunfante estampada no rosto. — Eu encerro meu caso. Quanto mais cedo levarmos você e os filhotes de volta à civilização, melhor.

Sam toma um grande gole de seu mojito, sentindo os cubos de gelo tilintarem contra seus dentes. Ela não está ansiosa para a próxima parte da conversa.

— Bem, eu não sei se quero, H. Ainda não, pelo menos. As crianças estão se divertindo muito, e Marcus parece estar tendo um impacto real sobre elas. Elas o escutam. Cristo, elas até começaram a lavar a louça do café da manhã. E está fazendo um bem enorme para elas sair para tomar ar fresco. E conhecer uma avó que é um pouco menos... Janet.

Uma expressão de mágoa passa pelo rosto de Heidi, apenas por um segundo antes que a máscara volte ao lugar mais uma vez.

— Justo, eu acho. Não tenho certeza se trocar *Annie Wilkes* por *Leatherface* é a melhor escolha, mas entendo que você queira que sua escolha de modelos adultos pobres seja bem equilibrada.

— Sério, ele não é tão ruim assim. Pelo contrário, na verdade. Ele tem sido brilhante. — Sam faz uma pausa, preocupada sobre como sua amiga reagirá à próxima parte da conversa. — Tanto que estou pensando em ficar aqui em cima depois que terminar a tarefa. Um novo começo, sabe.

Heidi coloca sua bebida na mesa e franze a testa.

— Um novo começo? Você não está falando de férias, está? Você está realmente pensando em se mudar para cá! Por que diabos você iria querer fazer algo assim?

— Você não sabe o quão difícil tem sido para mim, Heidi, esses últimos anos.

— O que diabos você quer dizer com isso? Quem mais se senta com você noite após noite, ouvindo você desabafar sobre seu trabalho de merda e sobre a vadia que Janet é, e como seus lindos

filhos pequenos são uns merdas de verdade, se eu soubesse, hein? Quem largou tudo para ficar com você quando Brian...

Heidi morde o último pedaço, envergonhada por sua explosão. Ela vira o resto de sua *Lagoon*. Sam estica o braço sobre a mesa e pega a mão da amiga.

— Não é isso que eu quero dizer. E eu realmente aprecio tudo o que você fez por mim. Mas H, eu mal consigo pagar o apartamento com meu salário. Pense em como será em um ou dois anos quando as crianças começarem a precisar de quartos separados. Vou precisar de um lugar com três quartos e Londres é muito cara. Tenho trabalhado todas as horas que Deus manda só para manter minha cabeça fora d'água, e estou perdendo a infância deles. Não posso continuar a entregá-los a Janet; isso está realmente afetando-os — George especialmente. Ele estava tão bravo comigo hoje porque eu nunca estou por perto. Deus sabe o que passar todo esse tempo com Janet está fazendo com eles. Ela vai dar a eles problemas que durarão a vida toda.

— Eu entendo tudo isso, abóbora, mas pense no que você está dizendo aqui. Você está falando sobre se afastar de toda a sua vida, dos seus amigos e da sua carreira para brincar de família feliz com alguém que você mal conhece.

— Mal sabe? Ele me criou, H.

Heidi começou a tomar seu mojito, consciente dos olhares que eles estavam começando a atrair. Ela abaixou a voz para um sibilo. — E como isso funcionou para você? Hm? Você tem tantos problemas de abandono que prefere ficar solteira do que arriscar um novo relacionamento.— Ela olha ao redor, escolhendo três, quatro, cinco pessoas com quem ela poderia se ver indo para casa hoje à noite.

— Sério, Sam, quando foi a última vez que você teve uma trepada? Foi com aquele filho da puta esquisito na sua festa de Natal do trabalho há dois anos, aposto, a menos que você estivesse me escondendo alguma coisa. E então você o abandonou.

Sam puxa a mão para trás e encara a amiga.

— O que você é, uma psicóloga treinada agora? Aqui estou eu pensando que você era apenas uma idiota superficial que transa com qualquer coisa que tenha pulso e gasta todo o dinheiro que sobra em preenchimento labial porque não suporta a ideia de envelhecer!

O rosto de Heidi cai, e lágrimas se formam no canto dos seus

olhos. 7— Que porra é essa, Sam?

— Oh Deus, Heidi, eu sinto muito. Eu não quis dizer isso. Eu só...

Heidi levanta a mão.

— É. Não se preocupe com isso. Mas acho que você deveria ir agora.

Sam se levanta, chocada com sua própria veemência e veneno. Ela tenta se desculpar, abraçar sua amiga, se reconectar, mas Heidi a empurra para longe, e se cala. Sam fica ali por um momento, impotente.

— H, você sabe que eu não quis dizer tudo isso. Estou apenas estressada. E puta com o mundo. Por favor…

— Eu sei, querida. E minha oferta do quarto continua de pé. Você sabe que sim. Mas, como você disse, você tem que começar cedo amanhã, e vai me levar mais alguns coquetéis para processar tudo isso. Amanhã a gente conversa, tá?

Com isso, Heidi esvazia o último gole de sua bebida e atravessa a pista de dança em direção aos banheiros, deixando Sam à deriva, sozinho. Ela começa a sentir o peso dos olhos sobre ela, predatórios, calculistas. É a última coisa de que ela precisa agora.

— Puta merda, — Sam geme, se preparando. Ela liga para um táxi e aguenta o desconforto até que ele chegue.

***

Heidi sai cambaleando da boate por volta das duas da manhã. Sua cabeça gira de tanto beber, e seus sapatos caros machucam seus pés. A noite passou rápido depois do set, e ela fez o melhor que pôde para afastar a discussão da mente. Ela tem sido a vida e a alma da boate, dançando todas as músicas com abandono selvagem. Ela beijou quatro jovens de vinte e poucos anos perplexos e ficou um pouco atrevida com um quinto no banheiro. Apesar da bebida e da dança, ela não está com vontade de trazer um jovem inexperiente de volta para seu quarto de hotel. A farpa de Sam sobre a idade continua voltando à sua mente. Ela decide que vai tomar um banho quente em seu quarto, esvaziar o frigobar e aproveitar um tempo sozinha.

Preston não é uma visão agradável em nenhum momento. Às duas horas da manhã de domingo, as ruas estão cheias de bêbados cambaleando pelas estradas. Homens jovens urinam abertamente em portas e ruas laterais ou vomitam do lado de fora de lojas de *kebab*. Grupos deles cambaleiam pela estrada, de braços dados,

entoando hinos de futebol incoerentes e empurrando uns aos outros de bom humor. Garotas *chavvy* se acotovelam nos pontos de táxi, e pelo menos três brigas acontecem; uma delas sai seriamente do controle. Duas garotas arranham o rosto uma da outra com mãos em garras, cuspindo e gritando vingativamente. Os policiais presentes interrompem essas brigas, e os infratores mais agressivos são firmemente colocados nas vans de choque, com algemas nos pulsos.

Heidi repassa a discussão com Sam em sua mente e balança a cabeça. Estava longe de ser a primeira vez que os dois brigavam. Caramba, na época da universidade, eles acabavam gritando um com o outro na maioria das noites de sábado, mas tudo era perdoado e esquecido no dia seguinte. Desta vez, porém, parecia... diferente. Ela sabia que tinha reagido mal ao que Sam tinha dito, mas era mais profundo do que isso. Era a finalidade de tudo. Sam queria sair, e não havia nada que Heidi pudesse fazer para mudar de ideia. A verdade simples era que ela não queria perder sua amiga. Apesar de sua vida social agitada, ela se mantinha distante da maioria das pessoas. Ela se envolvia com eles nas redes sociais, festejava com eles no Soho e aproveitava ao máximo suas saídas à noite, mas era até onde ela deixava as coisas irem. Eles nunca se aproximavam. Ela fez conhecidos em vez de amigos, e embora a intimidade do sexo nunca tenha sido um problema para ela, ela não estava em um relacionamento real há quase cinco anos. Cristo, ela estava pior do que Sam. Ela disse a si mesma que não queria ser amarrada, mas estava com medo. Seu último namorado sério a machucou severamente. Ela chegou em casa inesperadamente um dia e o encontrou na cama com uma vagabunda do trabalho, e foi isso. Nem era como se a vagabunda fosse tão atraente. Ela queria uma perna para cima e ele queria uma perna para cima. Eles eram a combinação perfeita. Ela soltou uma risada amarga.

— Talvez Sam não seja o único com problemas de abandono. Foda-se —, ela diz e começa a curta caminhada de volta para o hotel. Ela ligará para Sam amanhã e resolverá tudo. Ou tentará. Ela culpará a bebida como sempre faz e acalmará as coisas. Uma coisa que ela sabe no fundo é que não permitirá que Sam e as crianças simplesmente desapareçam de sua vida. Talvez ela possa conseguir um emprego para ela na revista. Sam não é exatamente uma fashionista, mas com algum treinamento e um novo guarda-roupa, Heidi acha que pode conseguir. E com o dinheiro adicional que isso

trará, pode tirar qualquer pensamento de mudança da mente de sua amiga. Não é como se elas não pudessem vir aqui nos feriados. Ninguém precisa se machucar. Todo mundo ganha.

Ela sorri, apoiada por seu plano de ação, e segue em frente, evitando as poças de vômito. Ela está quase de volta ao hotel quando dois policiais saem de um beco. Um deles, um homem alto de meia-idade, diz:

— Srta. Richelle? Heidi Richelle?

Heidi estreita os olhos, de repente cautelosa. Morando em Londres, ela aprendeu bem o suficiente que um uniforme policial não significava que um homem era confiável. Houve muitos incidentes de estupro, agressões e assassinatos ao longo dos anos, perpetrados pelos garotos de azul, e qualquer confiança entre o público e a polícia havia murchado. Um pensamento grita em sua mente: como diabos eles sabem o nome dela?

O outro policial sorri para ela.

— Nada com que se preocupar, Srta. Richelle. Mas precisamos falar com você sobre Samantha *Ashlyn*. É bem urgente.

Isso chama a atenção dela.

— Sam? Por quê? O que aconteceu com ela? Ela está bem?

O policial mais alto dá um passo à frente, com as mãos para cima.

— Nada disso. Sam está bem, tenho certeza. Só precisamos falar com você sobre ela.

A preocupação de Heidi rapidamente se transforma em aborrecimento.

— Então por que diabos você está me incomodando às duas da manhã? Escute, foi uma noite longa; eu só quero ir para o meu hotel e dormir um pouco. Se você precisar falar comigo, eu irei alegremente à estação amanhã à tarde, ok?

O oficial mais alto balança a cabeça.

— Temo que isso não seja possível, Srta. Richelle.

Seu mundo explode em uma explosão branca de dor, então tudo fica escuro.

***

A consciência de Heidi nada de volta das profundezas de um pesadelo. Ela está ciente da dor primeiro: uma sensação de queimação no lado direito do pescoço. Parece familiar, mas ela não consegue identificar de onde veio. Então a náusea ataca, grandes

ondas arrebatadoras de enjoo que encharcam seu corpo em suor frio e arrepios. Ela tenta rolar para fora da cama, sua mente fragmentada lutando para lembrar onde fica o banheiro do hotel, apenas para perceber que está deitada em uma pedra fria, úmida e inflexível. Ela tenta se lembrar do que aconteceu, mas seus pensamentos são escorregadios, evasivos, como se tentasse remover óleo da água com os dedos. Uma onda de calor percorre seu corpo, uma queimadura ácida bombeando caminhos de suas entranhas. Ela não consegue se conter e se vira, vomitando no chão, sentindo a sujeira espirrar contra suas mãos e o sabor amargo da bile cáustica e cruel no fundo de sua garganta.

Ela geme e abre os olhos, esperando entender onde está, mas tudo o que vê é escuridão total. Ela sente o primeiro nó frio de terror se formar em seu estômago e, com esforço, se força a se sentar.

Sua cabeça lateja no ritmo das batidas rápidas de seu coração, e ela sente o gosto de algo mais acima do gosto forte de seu vômito. Algo químico, quase medicinal.

Eu estava drogada? Ela se pergunta. O que diabos aconteceu comigo?

Ela tenta juntar os eventos da noite anterior. Ela tinha saído com Sam, e houve uma discussão, ela se lembrava disso. Ela afogou suas mágoas em coquetéis e champanhe, naturalmente. Dançando. Alguns beijos e alguns dedos. Mais dança. Então ela saiu do clube e conheceu... Sim, ela conheceu aqueles dois policiais.

Ah, merda!

Ela alcança o pescoço e toca a marca de queimadura deixada pelo taser, estremecendo enquanto seus dedos sondam a carne macia. Os bastardos a eletrocutaram, e enquanto a colocavam na parte de trás da van, ela teve uma vaga consciência de um pano fedorento sendo segurado sobre seu rosto. Então nada.

Heidi se dobra e vomita novamente, mas não há mais nada para trazer à tona. Leva alguns minutos para o vômito seco passar, então ela rola para longe da poça e tenta avaliar sua situação.

Eu ainda estou vivo, então isso é alguma coisa, ela pensa, embora haja pouco consolo ali. Tudo o que isso significava era que seus captores não pretendiam matá-la. Pelo menos ainda não. Sua mente se enche de imagens vívidas do que eles poderiam fazer com ela primeiro. Ela já havia sido estuprada uma vez antes, e isso a assombrava. A violação foi mais do que física. O pânico aumenta,

ameaçando dominá-la, então ela tenta controlar sua respiração. Não adianta gritar. Ainda não. Tortura? Ela conseguia imaginar. Mantida em cativeiro na escuridão, à mercê de seus impulsos sádicos, gritando e implorando até se cansarem de mim? NÃO! Pare de pensar assim. Eles não me amarraram, então ainda posso me mover. Lutar. Arrancar os olhos deles se eu tiver a chance. Fisicamente, ela sabe que não é páreo para dois homens adultos, mas nenhum deles é jovem — cinquenta e poucos anos era seu melhor palpite, e o mais baixo dos dois parecia bem gordinho. Fora de forma. Se ela pode aleijar o primeiro com um chute nas bolas, ela pode ter uma chance com o outro. Não é muito para se agarrar, mas esse fragmento de esperança lhe dá um pouco de força.

Ela se senta novamente e passa as mãos no chão. É irregular. Áspero ao toque. Não é uma masmorra de porão, então. Mais como uma formação natural. Uma caverna, talvez? A pequena e bruxuleante chama de esperança fica um pouco mais brilhante. Se for uma caverna, então talvez eu possa encontrar uma saída, ou algum lugar para me esconder, pelo menos. Talvez até encontrar uma arma de algum tipo. Uma grande pedra para esmagar suas cabeças bastardas seria o suficiente.

Ela força os olhos arregalados, esforçando-se para ver algo na escuridão que tudo envolve, mas não há nenhum indício de luz, nem de movimento — nada além de escuridão total. Em seguida, ela tenta se acalmar e ouvir o que está lá fora. Talvez ela ouça algo que a guie para fora daqui. Seu coração bate forte no peito, e ela jura que quase consegue ouvir o sangue pulsando em suas veias, mas quando ela se concentra, consegue distinguir outra coisa: o leve balbucio musical de água fluindo em algum lugar à sua direita.

Então, atrás dela, ela ouve outro som. Um arrastar de pés e o clique de várias coisas duras contra a pedra. Garras, para seus ouvidos. Como um cachorro, mas mais lento, mais deliberado.

Heidi sufoca o soluço que amassa seu peito, e ela varre as mãos pelo chão, desesperadamente, sem se importar com o vômito, até que as pontas dos dedos pegajosos batem em algo sólido: uma pedra que rola para longe com um leve estalo. Ela se lança para frente, enrolando os dedos em torno da superfície áspera. Sim! Algo sólido e reconfortante neste pesadelo.

Uma voz sibila através da escuridão. É feminina, ela julga, mas rachada, seca e antiga, como o vento através de folhas mortas.

— Eu posso sentir seu cheiro, linda…

Apesar de seus melhores esforços, o soluço estrangulado escapa de seus lábios, e ela se afasta daquela voz terrível, até sentir uma pedra fria contra suas costas — uma pedra talvez, ou a parede da caverna.

— Eu também posso ouvir você… — a voz sibila de alegria, os estranhos sons de arrastar e estalar se aproximando cada vez mais.

— Fique para trás, porra! — Heidi coaxa. — Eu tenho uma arma. Vou esmagar a porra da sua cabeça.

Um estranho barulho de tosse irrompe com isso. Ela demora um momento para reconhecer como uma risada.

— Eu acho que não, mas estou feliz que você esteja aqui. Eu tenho estado tãão sozinha aqui embaixo no escuro. E com fome também. Tãão faminta.

Heidi balança a pedra descontroladamente na escuridão. O barulho se aproxima, quase correndo agora como um inseto hediondo. Então ele para, e ela sente o ar viciado se mover contra sua bochecha. Ela balança a pedra novamente, com a maior força possível, e é recompensada por um estalo seco quando a pedra se conecta, seguido pela queda de um corpo atingindo o chão em algum lugar à sua esquerda com um gemido.

— Ooooh, você não deveria ter feito isso, minha linda, — a voz sibila em uma melodia cantada, de cima dela dessa vez. — Você não deveria ter feito isso de jeito nenhum.

Algo pousa no ombro de Heidi e se enrola em seu corpo. Membros finos e ossudos com unhas afiadas que se cravam em sua pele. Seu agressor tem muito pouco peso — não mais do que uma criança pequena, embora seu alcance pareça muito longo. É como quando ela brinca de luta com George e Julia juntos, todos os dedos fazendo cócegas, se não fosse por aquelas garras terríveis. O corpo da criatura é seco, quase desidratado, e dolorosamente fino.

— Você vai me beijar? —, ele sibila em seu ouvido, perto o suficiente para que ela possa sentir seu hálito podre.

Ela balança a pedra novamente, para cima, nas costelas da criatura, mas ela não recua. A pedra escorrega de seus dedos suados, fazendo barulho na escuridão. Heidi joga o braço entre ela e a criatura, seus dedos agarrando, tentando encontrar apoio para empurrá-la para longe dela.

Ela sente uma dor repentina e excruciante nos dedos, e grita alto e longamente. A criatura arrancou todos os quatro dedos dela e está esmagando-os com um estalo úmido e nauseante de ossos e carne

rasgada.

A dor e o terror crescente dão a Heidi uma onda de força, e ela agarra o monstro, arremessando-o para longe dela. Mesmo enquanto ele voa para trás, suas longas unhas serpenteiam para fora, esculpindo longas tiras de carne de seu braço e ombro, deixando Heidi enfraquecida e tremendo, sangrando e dolorida.

Por um momento, tudo o que ela ouve na escuridão é o riso tossido e cru e o estalo enjoativo de sua refeição. Então silêncio.

Ela gira, debatendo-se na escuridão. Ela está ciente da dor quente e pulsante dos dedos perdidos e da sensação escorregadia, úmida e ardente dos arranhões em seus braços, mas eles mal registram. Sua mente está focada inteiramente em onde a criatura desapareceu.

Algo cai sobre ela, da direita dessa vez, e ela sente dentes rombudos arrancando um pedaço de carne de seu ombro. Ela grita e tenta atacar seu agressor, mas ele cai no chão e arranca uma longa tira de carne de sua perna direita. Ela grita e chuta a escuridão, apenas para perder o equilíbrio e cair com um baque de quebrar ossos no chão duro da caverna. Então a criatura está em seu peito. Ela grita e tenta arrancá-lo enquanto ele afunda os dentes em seu seio esquerdo, arrancando seu mamilo e cerca de metade do tecido macio e sensível. Heidi grita no escuro enquanto seu agressor invisível a come viva, um bocado de cada vez, até que finalmente encontra sua garganta, e seus gritos de dor e horror se transformam em um gorgolejo molhado enquanto ela fica em silêncio.

CAPÍTULO OITO

Seus olhos se abrem, de repente, no momento em que o primeiro raio de sol atravessa suas cortinas, e *Noah Davis* quase pula da cama. Seu despertador marca 06h13, o que é dezessete minutos adiantado. Noah sabe que terá problemas se entrar no quarto dos pais antes das 06h30 e não quer estragar nada do dia de hoje, não quando está ansioso por isso há tanto tempo. Isso vai arruinar a viagem de pesca deles se o pai estiver de mau humor, e Noah não pode deixar isso acontecer.

Ainda assim, dezessete minutos é muito tempo para ficar sentado em silêncio. É uma eternidade para alguém como Noah. Noah aguenta o máximo que pode, então começa a pensar em uma maneira de contornar o problema. Se ele não pode ir para o quarto dos pais, talvez ele possa, de alguma forma sutil, deixar seu pai saber que ele está acordado. Afinal, o pai pode estar acordado agora, com medo de perturbar o sono de Noah.

O garoto sai da cama e vai até o grande baú de madeira encostado na parede do quarto, pisando o mais silenciosamente que pode. Ele se imagina como *Scooby-Do* e Salsicha se esgueirando na ponta dos pés por um fantasma. Muito lentamente, ele abre o baú para evitar que ele ranja e cuidadosamente pega seu *iPad* de dentro. Tudo bem até agora. Ele respira fundo e permite que a tampa se feche, correndo de volta para sua cama enquanto xingamentos abafados explodem do quarto de seus pais.

A cabeça do pai aparece na porta do quarto alguns momentos depois. Inicialmente, Noah pensou que deveria fingir estar dormindo, mas percebeu a falha quase imediatamente. Tem que parecer real e acidental. Além disso, se ele fingir estar dormindo, o pai pode voltar para a cama. Não. Em vez disso, ele se senta ereto com o *iPad* nas mãos e faz o possível para parecer apologético.

— Que barulho é esse, Noah? —, seu pai pergunta irritado, enxugando o sono dos olhos.

— Desculpe, pai —, Noah diz, sinceramente. — Eu não conseguia

dormir porque estava muito animado com o dia de hoje, então fui pegar meu *iPad*, mas meus dedos escorregaram e o baú fechou com força. Eu não queria.

Papai levanta uma sobrancelha, não totalmente convencido pela performance de *Noah*, mas não força mais as coisas.

— OK —, ele diz. — Como já estou acordado, acho que podemos começar a nos preparar, mas você precisa ficar quieto. Teremos um grande problema se você acordar sua mãe.

Noah faz uma pequena saudação ao pai e sorri de orelha a orelha.

— Vou ficar quieto como um ratinho de igreja, eu prometo.

— Mais silencioso do que isso —, diz papai, então dá uma grande piscadela para Noah. — Agora, escove os dentes — corretamente dessa vez — e se vista. Vejo você lá embaixo em dez minutos.

Noah se veste em tempo recorde e desce as escadas bem antes do pai. Ele já está com os sapatos e a jaqueta quando o pai desce os degraus.

— Caramba, você está um pouco entusiasmado, não é? Vai ser um longo dia. Tem certeza de que não quer tomar café da manhã primeiro? —, diz o pai com uma piscadela.

Esta é uma conspiração praticada. A mãe de Noah se tornou vegana seis meses antes, e quase da noite para o dia, a comida virou papelão. Os *nuggets* de frango de *Noah* tinham uma textura estranha agora. A carne moída e a massa em seu espaguete à bolonhesa tinham um gosto estranho, e até o leite em seu cereal estava errado. Às vezes tinha gosto de nozes, outras vezes um pouco de coco. Era nojento. Noah decidiu que tinha gosto de doente e se recusou a tocar em qualquer coisa. Era para ser melhor para o planeta, mas na opinião de Noah, não era melhor para ele. Se ele não tivesse insistido em jantares escolares em vez de lanches embalados (com o pai lhe dando um cheeseburger estranho), ele poderia ter definhado até nada.

O pai coloca os dedos nos lábios e então aponta para as escadas. Isso significa que a mãe está acordada e provavelmente ouvindo. Isso também significa que o pai tem um plano diferente para o café da manhã. Noah quase consegue sentir o gosto do McDonald's.

Noah retribui a piscadela do pai.

— Estou bem, pai —, ele diz alto, — acho que não vou me incomodar com o café da manhã esta manhã. Talvez eu leve uma maçã comigo.

Eles saem para o carro, fechando silenciosamente a porta da frente atrás deles. *Noah* senta-se pacientemente no banco da frente enquanto o pai pega o equipamento de pesca na garagem e carrega a parte de trás do velho carro da propriedade.

— Você está pronto? —, pergunta papai enquanto entra no carro.

— É! Vamos lá! —, ele diz, quase pulando para cima e para baixo em seu assento de excitação.

— Ah sim, mais uma coisa — papai diz, tirando um pacote mal-embrulhado do banco de trás. — Feliz aniversário, companheiro.

Noah rasga o papel e grita de alegria. Sua própria caixa de pesca! Completa com tudo o que ele vai precisar. Isso significa que hoje não será uma viagem única. Significa que ele cresceu o suficiente para ir pescar com o pai regularmente. Toda semana, talvez!

Ele joga os braços em volta do pai e o abraça com força.

— Obrigado, pai! Adorei.

O pai beija o topo da cabeça dele.

— E eu te amo. Vamos indo, hein? Esses peixes não vão se pegar sozinhos.

***

— Isso é uma perda de tempo.

— Bom dia, *Sunshine*, — Chris grita para Sam enquanto ela caminha penosamente em sua direção, suas mãos enfiadas fundo nos bolsos do casaco. Ela está com uma expressão que coalharia o leite.

— Você é um desses chatos matutinos, não é? —, ela resmunga em resposta.

— Culpado conforme a acusação. — Chris está realmente sorrindo, o filho da puta presunçoso. — Aqui, — ele diz, entregando a ela uma grande xícara de café de papelão. — Imaginei que não haveria um *Starbucks* em nenhum lugar entre sua casa e aqui.

Sam pega a xícara dele, o primeiro vislumbre de um sorriso brincando em seus lábios.

— Obrigada. Você não tem ideia do quanto eu preciso disso. Tive uma noite mais tarde do que eu pretendia, e não foi bem. Você teve que ir até a cidade para isso?

— Nah, parei no serviço no caminho. Tive que abastecer e pegar um café da manhã de qualquer maneira, o que me lembra... — Chris tira um pãozinho de bacon da mochila. — Provavelmente não está tão quente quanto estava, e eu tive que adivinhar o molho que

você gostaria. Tomate, ok?

Sam arranca o pãozinho dele e enfia um terço na boca de uma só vez.

— Meu Deus, você é um salva-vidas —, ela murmura entre garfadas. — Meu tio e as crianças já estavam de pé e saindo quando meu alarme tocou. — Sam verifica seu telefone. — Jesus! Sete e vinte em uma maldita manhã de domingo. Não sei como você me convenceu a fazer isso. Minha amiga, Heidi, apareceu inesperadamente ontem, e tivemos uma noite de garotas. Sinto como se tivesse dormido cerca de quatro horas. Na verdade, quando voltei para a casa de Marcus e terminei uma garrafa de pinot, acho que quatro horas podem ser otimistas.

Chris anda até a traseira do carro e abre o porta-malas.

— Bem, essa é a única pista real que você tem para sua história, e pode ser minha última chance de provar que não sou apenas um caso mental. Não é como se tivéssemos muitas opções, não é? E, no que diz respeito à ressaca, vou ser o cara maior e não retribuir o cuidado e a simpatia que você demonstrou por mim no dia em que nos conhecemos.

Sam dá de ombros.

— Justo, eu acho. O que tem aí dentro, afinal? Arma de arpão? Lançador de foguetes?

Chris se vira para encará-la, segurando uma câmera de aparência muito cara com uma lente tão longa quanto seu antebraço. — Eu posso tirar uma foto cristalina a um quarto de milha de distância com isso. Ah, e um par de binóculos para você. Confie em mim, eu não tenho a mínima intenção de chegar mais perto dessa coisa do que eu preciso. Ela cravou os dentes em mim uma vez; eu não vou dar outra chance a ela.

— É, bem, supondo que eu acredite em uma palavra do que você está dizendo, eu me sentiria melhor com algo para me defender. Então, qual é o plano real, afinal? Só ficar por aqui e esperar que o que diabos essa coisa seja apareça e destrua alguém enquanto tiramos fotos?

Chris bate a tampa do porta-malas com força suficiente para fazer Sam pular.

— Você tem uma ideia melhor?

Sam solta um longo suspiro.

— Não… É só que… Eu não sei como me sinto sobre simplesmente deixar algo acontecer a alguém.

Chris coloca a mão no ombro de Sam.

— Isso também não está certo para mim, e talvez estejamos errados. E se não estivermos e houver algo que possamos fazer, então, é claro, tentaremos ajudar. Mas não faz sentido nos preocuparmos com algo que ainda não aconteceu.

— Além disso —, ela diz, — eu ainda acho que é um monte de besteira.— Sam estala as costas e toma um longo gole de café, olhando ao redor para a paisagem. O estacionamento é uma mistura de cascalho e asfalto rachado, levando a uma grande extensão de água aberta. Um muro ameado desce até uma longa passagem que leva ao meio do reservatório. À esquerda deles, uma placa de sinalização observa passivamente e agressivamente que os prédios do outro lado da água pertencem a uma pescaria de trutas e a um estaleiro. Pequenos bosques de pinheiros pontilham as encostas distantes. O vento sopra sobre a água aberta, gelado pela noite em desafio ao dia que se aproxima. Sam está muito ciente de quão perto este lugar é da fazenda de seu tio. Não mais do que cinco milhas de distância, em linha reta. Ela tenta suprimir o arrepio que percorre sua espinha ao pensar em *Miller's Pond*. Quando ela retorna à fazenda hoje à noite, ela decide ver se consegue persuadir Marcus a levar as crianças para longe por alguns dias, talvez para *Blackpool.* Ela não quer que eles cheguem perto do lago dos *Millers* até que ela chegue ao fundo dessa história e os leve em segurança de volta para Londres, mesmo que Marcus tenha fechado a porta. Talvez ela devesse aceitar a oferta de Heidi de dividir sua suíte por alguns dias. Ela precisa encontrar uma maneira de pedir desculpas, afinal. Marcus não ficará feliz, é claro. Ele ficará magoado, mas ela tem certeza de que pode fazê-lo entender. Ela rapidamente envia uma mensagem de texto que diz. Sinto muito, H. Vejo você em breve. Te amo x

— OK, — ela diz para Chris. — O que vem depois?

— Bem, só tem um outro carro aqui por enquanto —, ele diz, apontando para uma velha e enferrujada perua Ford estacionada no outro extremo. — Pescadores, provavelmente. Vamos descobrir onde eles estão, então sentar em algum lugar onde possamos ficar de olho neles. — Ele lança seus olhos para a extensão escura, que muda lentamente, e uma sombra passa por seu rosto. — De preferência bem longe daquela porra de água.

***

Sam põe o telefone de lado e solta um longo suspiro. Apesar dos motivos para eles estarem ali, ela não consegue deixar de começar a relaxar, talvez pela primeira vez em meses. Ela esperava se sentir ansiosa por estar tão perto de um grande corpo d'água, mas os dormentes da ferrovia que fecham o *Miller's Pond* parecem ter acalmado um pouco seus velhos medos. As águas do reservatório batendo suavemente na costa, e os gritos dos pássaros marinhos enquanto circulam a pesca de trutas nas proximidades a embalam em um estado de calma que contrasta completamente com a agitação da vida em Londres. Ela olha para as águas planas e cintilantes ou para os montes abertos e o céu amplo e sente que pode respirar novamente. O ar fresco e o café até baniram sua ressaca.

No entanto, eles estão aqui há algumas horas e, apesar do ambiente tranquilo, ela está começando a ficar um pouco entediada. Há muito pouca recepção de telefone aqui, e sua conexão de internet é esporádica, para dizer o mínimo. Chris parece contente em sentar-se e relaxar, examinando as águas com seus binóculos e, ocasionalmente, pegando sua câmera para fotografar algumas aves aquáticas na margem distante. Ela inicialmente apreciou essa confortável sensação de quietude. Muitas pessoas com quem ela entra em contato parecem estar apaixonadas por suas próprias vozes, balbuciando cada pensamento que surge em suas cabeças. O silêncio dele foi revigorante. Agora, porém, está começando a irritá-la.

— Então, — ela diz. — Qual é a sua história? Pelo estado do seu apartamento, imagino que você não seja casado. Tem algum pequeno Chris correndo por aí?

Chris continua tirando fotos da vida selvagem enquanto responde a ela.

— Eu fui casado por um tempo. Não deu muito certo. Sem filhos.

— Oh. Sinto muito. Eu não deveria meter meu nariz na sua vida.

— Mas é seu trabalho. Certo? Não se preocupe. Já faz alguns anos, e honestamente, foi um alívio quando quebrou. Nós só queríamos coisas diferentes da vida. Na verdade, não, nós queríamos exatamente as mesmas coisas. Esse era o problema.

— Que coisas?

Chris dá um sorriso irônico.

— Uma carreira, um marido amoroso e filhos.

Quando a testa de Sam franze, Chris tenta elaborar.

— Ela simplesmente não era meu tipo, e eventualmente, ela descobriu. Nós dois descobrimos.

Sam ainda se sente confusa e um pouco ofendida em nome da feminilidade.

— Não é seu tipo? O quê, você prefere loiras ou ruivas? Algo assim?

Chris balança a cabeça.

— Foi um pouco mais fundamental do que isso. Ela é adorável. Só que do gênero errado.

Sam cora quando a ficha finalmente cai.

— Oh… merda, me desculpe.

Chris sorri tristemente.

— Nada para se desculpar. Nós nos conhecemos quando éramos jovens, e eu pensei que estava apenas passando por uma fase. Acontece que não estava. Ela me confrontou sobre isso, concordamos em nos separar, e então ela conheceu alguém no *Tinder* tipo... uma semana depois. Eles se casaram no outono passado. Está tudo bem.

Sam limpa a garganta com uma tosse nervosa e envergonhada.

— Então, você tem um parceiro agora?

Chris balança a cabeça.

— Não. E eu também não vou, pelo menos não enquanto eu ainda estiver na força, por quanto tempo isso durar. Há uma certa... atitude no serviço policial. Eles me dariam uma bronca se fosse de conhecimento público — principalmente coisas de vestiário, com as quais eu consigo lidar, mas aí eu começaria a ser empurrado para as margens. Excluído das coisas sociais, e eu acharia minhas oportunidades de carreira limitadas. É uma vida solitária, ser um policial. Deprimente, na verdade. A maioria dos membros do público foge quando descobre o que você faz para viver, então acho que eu apenas guardei para mim. Não quero piorar ainda mais as coisas.

Sam estende a mão e pega a mão de Chris.

— Puta merda, Chris. Sinto muito. Ninguém deveria ficar sozinho. Mas, sabe, talvez toda essa merda acabe bem. Talvez você consiga um novo emprego onde possa ser você mesmo quando tudo isso acabar?

— Talvez, mas o pensamento me assusta pra caramba. Ser um policial é tudo o que eu sei. Não é como se eu pudesse simplesmente sair e conseguir um emprego na ASDA.

— Você ainda é jovem, e há opções por aí. Não é tarde demais para mudar as coisas se você não está feliz.

Chris, no entanto, parou de ouvi-la. Ele está olhando por cima dos ombros dela em direção à água, a pele empalidecendo de horror.

***

Noah sorri enquanto seu pai explica as diferentes iscas e atrativos na caixa de pesca. Ele mal entende alguma coisa, deixa os detalhes passarem por ele em vez de interromper. Ainda assim, ele escuta atentamente e sente que entendeu o básico.

— Então —, diz seu pai, selecionando um pequeno pedaço de metal em forma de peixe de sua caixa. — Esta é uma isca de peixinho. As trutas serão atraídas pela isca e então, esperançosamente, irão atrás da isca. — Ele abre uma caixa de plástico para viagem, e *Noah* torce o nariz para as minhocas marrons com cheiro de mofo e se contorcendo dentro dela. Seu pai enfia uma das minhocas em um anzol farpado, junto com um grão de milho doce. — Esse milho doce é o ingrediente secreto. As trutas enlouquecem por ele.

Noah aceita o que seu pai está lhe dizendo como um evangelho absoluto, mesmo que nem sempre faça sentido para ele. Ele está desesperado para se juntar ao pai em uma de suas viagens semanais de pesca há anos, e este é o melhor presente de aniversário que ele poderia esperar. Ainda é cedo, mas o sol brilha forte sobre os pântanos, e eles têm o lugar só para eles, o que é perfeito para *Noah*. Ele se juntou ao pai uma vez antes, mas Steve também estava com eles, e ele trouxe cerveja. Os dois passaram a maior parte do dia bebendo na margem do rio, e quando *Noah* reclamou que estava com frio e entediado, seu pai disse para ele ir e esperar no carro. Eles chegaram em casa muito tarde naquela noite e sua mãe enlouqueceu. Foi horrível. Desta vez, porém, são apenas os dois. Nada de Steve. Apenas seu pai — mostrando a ele as cordas —, o que é uma coisa estranha de se dizer, *Noah* pensa, porque a linha de pesca é ainda mais fina do que barbante.

O pai dele termina de montar as duas varas — a sua nova e cara e a mais velha que ele está deixando Noah usar. Ele coloca a vara de *Noah* no suporte e então tira uma pequena catapulta da bolsa de isca. *Noah* quase explode ao vê-la.

— OK, então primeiro vamos atirar algumas bolinhas na água

para deixá-los interessados. Vamos tirá-los do esconderijo. Então vamos lançar naquela área ali, embaixo daquela árvore pendurada e vamos enrolar a linha de volta lentamente. Agora escute, *Noah.* É importante não fazer muitos movimentos bruscos. Queremos que os peixes pensem que isso é algo natural.

Isso não faz sentido para *Noah* — milho doce não nada, então por que o peixe vai pensar que ele está nadando? Ele mantém a boca fechada, no entanto, e simplesmente acena com a cabeça. Seu pai fica irritado se ele faz muitas — perguntas idiotas. Ele aprendeu há muito tempo que é melhor apenas sorrir, acenar com a cabeça e então tentar resolver as coisas sozinho depois. Infelizmente, esta parece ser uma dessas vezes.

— Então lançamos a linha. Você segura a vara assim e dá um movimento de pulso assim… assim. Viu?

A isca voa para a área abaixo da árvore, caindo na água exatamente onde seu pai atirou os *pellets*. Ele é um especialista, é pai.

— Então, nós apenas o enrolamos de volta, bem firme e firme, e faremos isso de novo e de novo até que um dos peixes vá atrás dele. Você acha que consegue fazer isso?

Noah assente. A linha serpenteia em direção a eles pela superfície até ficar pendurada na ponta da vara mais uma vez. Tanto a minhoca quanto o milho doce ainda estão no lugar.

— OK, agora você vem aqui, — seu pai diz rapidamente, gesticulando para *Noah* ficar na frente dele. — Agora, segure a vara aqui, atrás das minhas mãos, e faremos de novo. Mas não tente fazer nada. Eu farei os movimentos. Você só precisa ter uma ideia do que estou fazendo.

Noah agarra a vara e tenta imitar os movimentos do pai enquanto a linha voa novamente. *Noah* tensiona os braços em antecipação, sacudindo a vara, e a linha acaba presa nos galhos do salgueiro.

O pai grita irritado.

— Agora, olha o que você fez! Está preso na árvore. — Noah choraminga, o que só piora as coisas. — Só... só sente ali enquanto eu solto isso.

— Eu não queria, pai —, ele funga, segurando as lágrimas. Se tem uma coisa que o pai odeia mais do que 'perguntas idiotas do caralho', é choramingar.

Depois de alguns minutos de grunhidos e xingamentos, seu pai

provoca a linha para soltá-la dos galhos e a enrola de volta. Ele olha para *Noah* e faz um esforço visível para se acalmar, embora sua voz ainda carregue um tom áspero.

— Certo, dessa vez, apenas sente-se aí e observe como eu faço, ok? Então você pode enrolar.

Noah assente, com medo de falar, enquanto seu pai lança a linha novamente. Ela espirra na água escura sob o salgueiro. Desta vez, no entanto, a boia desaparece abaixo da superfície. O humor de seu pai muda em um instante.

— *Noah*, olha! Temos uma mordida! —, ele grita animadamente, e *Noah* pula de pé com excitação.

— Acho que é um grande —, ele diz, e começa a soltar mais um pouco de linha. — Teremos que brincar com ele. Cansá-lo antes de enrolá-lo. — Ele sorri para *Noah*, mas então a vara é arrancada de suas mãos e desaparece no lago.

— O quê? Que porra é essa? —, ele grita. Ele já está tirando os sapatos e as meias. Ele começa a entrar na água turva. — Nunca um desses bastardos fez isso comigo antes. Deve ser um monstro de verdade! — Há irritação em sua voz, mas também excitação. Este será um peixe que vale a pena pescar. Um para a parede do local, talvez. Um verdadeiro troféu. Ao chegar à área sob a árvore, ele começa a varrer os braços sob a água, procurando sua vara.

Então, de repente, ele se foi.

Há apenas um círculo de ondulações se expandindo lentamente, saindo de onde ele estava.

— Pai? — *Noah* grita. — Pai, onde você está? — Ele está incerto. Seu pai está brincando com ele? *Noah* corre ao redor do banco até o salgueiro, onde seu pai desapareceu. Ele está vagamente ciente do movimento do estacionamento. Há outro carro lá em cima que ele não tinha visto antes. Um homem e uma mulher os observam. A mulher grita algo e começa a correr em sua direção, mas tudo o que importa para *Noah* é seu pai.

Ele vê uma forma abaixo da água. Seu pai deve ter escorregado. Ele está em apuros! *Noah* agarra um galho de árvore e se inclina sobre a água escura e rodopiante, sua mão estendida.

— Pegue minha mão, pai. Eu te peguei. Eu tenho

Uma mão irrompe de debaixo d'água e se fecha em volta da dele. Mas não é a mão do pai. Não há nada quente ou reconfortante nela. Os dedos são anormalmente longos, finos, como pernas de aranha. Ele grita, longo e alto, então *Noah* é arrastado de seus pés para a

água gelada.

***

— Porra! Alguma coisa está acontecendo!

O estômago de Sam se revira ao ouvir essas palavras, e ela se vira novamente para a água, temendo o que verá.

O menino está correndo pela margem do reservatório, chamando por seu pai, que desapareceu.

Ela se levanta e corre em direção à criança, gritando:

— Para trás! Afaste-se da água! — a plenos pulmões.

Ela quase chega até o menino quando vê uma mão verde, de dedos longos e nodosos, surgindo na superfície para agarrá-lo e arrastá-lo para dentro.

Sam não hesita. Nem pensa nisso. Ela mergulha de cabeça na água atrás do garoto, avança em direção a ele e, de alguma forma, consegue agarrar seu jeans.

Ela planta os pés no chão escorregadio do reservatório e fica de pé, com água até o peito. Então, ela começa a puxar a perna da criança com toda a sua força.

Por um momento, parece que ela está chegando a algum lugar. O garoto escapa das garras da criatura, e ela o arrasta para a superfície. Ele tosse água, seus olhos selvagens e desfocados. Ela começa a andar para trás, murmurando palavras para acalmá-lo, pisando suavemente, com medo de escorregar. Então, duas mãos de aranha agarram os ombros do garoto por trás, reivindicando seu prêmio. O garoto é puxado dela novamente e desliza para baixo da superfície da água. Sam agarra ambas as mãos dele e segura com toda a sua força. Ela grita de terror e raiva. Então, respirando fundo, ela se abaixa para baixo da superfície.

Aquelas mãos de aranha estão enfiando o garoto em uma boca escancarada, larga como a de um tubarão, mas assustadoramente humana. Ele olha para ela sem compreender, olhos arregalados de choque. Sam sente os espasmos dos músculos da garganta da criatura através dos braços do garoto enquanto ela o leva para baixo, engolindo-o inteiro. A criança é puxada de suas mãos com um enorme gole e desliza pela garganta da criatura enquanto a boca se fecha em um sorriso satisfeito. Ela pode ver o contorno contorcido de seu corpo no estômago da criatura por um momento. Então o monstro se foi, tecendo através da água para a escuridão.

Sam se levanta mais uma vez, com água no peito e gelada até os

ossos, atordoada demais para se mover. Mãos a agarram por trás, e ela solta um grito primitivo de terror e desespero. Seu pesadelo é real.

Ela desmaia em seus braços enquanto Chris a arrasta para fora da água, e só recupera os sentidos quando sente o asfalto sob seus pés. Então ela começa a lutar contra ele.

— Não! Não! Temos que salvá-lo! Temos que... — Sua voz murcha e morre, substituída por soluços devastadores.

Chris a puxa para perto e a segura contra ele.

Quando ela finalmente se recupera sob alguma aparência de controle, ela se afasta e enxuga o rosto.

— Eu vi, *Chris*. Eu vi, porra.

— Diga-me. O que você viu?

— Parece… parece uma mulher. Você estava certo. Seja lá o que for, parece uma mulher do caralho.

CAPÍTULO NOVE

Sam está sentada na sala de entrevistas, tremendo. Suas roupas ainda estão molhadas, e uma poça está se formando no chão, abaixo de sua cadeira. Há um espelho bidirecional na parede à sua direita, a porta está atrás dela e seus cotovelos estão apoiados em uma mesa de aparência barata aparafusada ao chão. Um antigo gravador duplo está torto sobre a mesa. As paredes são pintadas com o tipo de verde insípido que só é usado em prédios públicos. O chão é coberto com um linóleo barato cuja cor original há muito desbotou. Sam esteve em várias salas como esta ao longo dos anos, e cada uma delas é praticamente idêntica, apesar da distância geográfica e cronológica entre elas.

Chris ligou para o 999 imediatamente. Ele só pediu uma ambulância, mas dois carros de polícia chegaram também, os policiais brilhantes e alertas. Então, depois que a equipe da ambulância terminou de examiná-la, ela e *Chris* foram colocados em carros separados e levados para a delegacia de polícia de Preston. A única concessão ao estado meio afogado de Sam é uma toalha puída.

Ela entende a tática empregada: deixe-a sentar-se em miséria encharcada por um tempo antes que eles façam qualquer pergunta. Deixe-a se concentrar em querer sair daqui e se aquecer novamente o mais rápido possível. Isso vai soltar seus lábios, encorajar alguma honestidade. No entanto, parece uma maneira bastante extrema de tratar uma testemunha de duplo homicídio, e ela não tem certeza sobre a legalidade. Ela ficou em choque quando a colocaram no carro da polícia, caso contrário, ela certamente teria dito a eles para deixá-la ir para casa para se trocar antes de dar uma declaração. Ou prendê-la, se achassem que tinham causa. Algo está acontecendo. Disso ela tem certeza.

Ela se levanta e vai até a porta da sala de entrevista. Trancada como esperado. Sam bate nela, subitamente furioso.

— Entrem aqui agora, ou me deixem ir, seus idiotas. Vou pegar

minha morte aqui!

Nenhuma resposta vem, então ela mostra o dedo para a câmera de CFTV no teto, tira a roupa até ficar só de sutiã e calça e se enrola na toalha. Poucos minutos depois, a porta se abre e dois policiais entram na sala. O homem parece ter uns quarenta e poucos anos, uma barriga de cerveja esticando os botões da camisa branca, cabelos grisalhos ralos raspando sobre o couro cabeludo avermelhado. A mulher é mais jovem, provavelmente não mais do que vinte e cinco anos. Há uma frieza por trás dos olhos dela. Sam nota uma aplicação excessiva de preenchimento labial que faz a mulher parecer um pato. A imagem faz Sam sorrir, e a mulher retribui com dentes brancos brilhantes. Seu sorriso parece tão falso quanto seus lábios.

O homem faz sinal para que ela se sente, insere duas fitas cassete no gravador antigo e aperta o botão de gravação.

— Entrevista com *Samantha Ashlyn*. Dezessete de agosto, onze e quinze da manhã. O detetive sargento Wilder e o detetive policial Crow estão presentes —, diz o homem com uma voz entediada. Então ele olha para Sam. — Então, Srta. *Ashlyn*. Você pode explicar exatamente o que estava fazendo no reservatório *Barnfold* esta manhã?

Sam não gosta do tom acusatório do homem. Ela sorri docemente para DS *Wilder* e diz:

— Observação de pássaros.

O homem não se eleva ao sarcasmo dela.

— Entendo. E você estava… observando pássaros com o policial Buchanan, eu suponho?

— Isso mesmo. Um ornitólogo e tanto, esse é o Chris.

— E como você conhece o policial *Buchanan*?

— Nós nos conhecemos em um site de namoro: Plenty of Birds. Você conhece?

— Não posso dizer que sim, Srta. *Ashlyn*. Você poderia, por favor, descrever os eventos desta manhã? Com o máximo de detalhes possível, se não se importar.

Sam fecha os olhos e tenta afastar a imagem do menino desaparecendo naquela boca escancarada.

— *Chris* e eu estávamos sentados, conversando, quando notamos algo errado perto da água. O pai do menino estava com problemas, e o menino estava tentando alcançá-lo. Ele deve ter escorregado ou algo assim, porque caiu na água. Corri para ajudá-lo, mas não

consegui encontrar nenhum dos dois. *Chris* ligou para o 999, e você me trouxe aqui. Isso cobre tudo?

DC Crow revisou suas anotações, esclarecendo uma série de pontos com Sam até que ela estivesse satisfeita, e durante tudo isso *Wilder* olhou carrancudo. Quando a policial abaixou a caneta, ele se inclinou sobre a mesa e soltou uma bomba.

— Engraçado como você não menciona como o Sr. Davis foi decapitado, nem menciona o fato de que você estava em uma cena de crime semelhante ontem. Então, vou perguntar de novo...

Sam se inclina para frente, perto o suficiente para sussurrar.

— Então, você está admitindo que as mortes estão relacionadas? Posso citá-lo sobre isso?

O rosto de DS *Wilders* fica vermelho.

— Eu não disse nada disso, e não, você certamente não pode me citar.

Sam sorri para o policial.

— Certo, então. Você tem minha declaração e, até onde eu sei, não estou preso. Se estiver tudo bem para você, vou para casa agora, tomar um longo banho quente e vestir roupas limpas. Estou quase terminando. A menos que esteja planejando me acusar de alguma coisa?

O rosto do homem ficou ainda mais vermelho.

— Eu poderia acusá-la de obstrução, Srta. *Ashlyn*.

— Faça isso. Então deixe-me fazer meu telefonema, e então eu ligo para meu editor e faço todo o departamento jurídico do meu empregador pular na sua cabeça de merda. Ou então, abra a porta e saia da minha porra do caminho. Essa entrevista acabou.

DS *Wilder* olha para seu colega e suspira.

— Entrevista suspensa às onze e dezenove da manhã. — Ele bate o dedo no botão para parar a fita, então os dois policiais saem da sala, trancando a porta atrás deles.

Sam se recosta na cadeira e começa a contar. É só uma questão de tempo. Eles terão que deixá-la ir.

Depois de alguns minutos, a porta se abre, e um homem alto, de cabelos prateados, com quase 60 anos, entra. Ele fecha a porta silenciosamente atrás de si. Não há nada apressado em seus movimentos, nenhum sinal de preocupação ou frustração. A luz vermelha na câmera de CFTV pisca quando o homem se senta em frente a ela, e de repente é Sam quem está suando. O homem empurra uma sacola de roupas secas sobre a mesa e se recosta sem

dizer uma palavra.

Sam tamborila os dedos na mesa, tentando manter o rosto neutro enquanto sua mente gira. O homem parece contente em olhar para ela. Ele nem está tentando pesá-la. Ele se senta com a confiança de um homem que já venceu, enquanto seu oponente ainda não percebeu.

Eventualmente, Sam se cansa do jogo.

— E você é?

— Estou aqui para pôr fim a esta farsa. Meu nome é Superintendente Chefe *Graham Shelley*.

— Vou ser o mais honesto possível com você, Srta. *Ashlyn*. Infelizmente, você tropeçou em uma investigação em andamento. Algo que é altamente confidencial e considerado uma questão de segurança nacional.

Sam se recosta na cadeira e estala os nós dos dedos.

— Escute, senhor *Shelley* ou quem quer que seja. É meu dever manter o público informado, e é seu dever protegê-lo. Mas você falhou, não é? As pessoas estão morrendo por aí — estão morrendo há anos, e você sabe disso. Se alguém como eu consegue descobrir o padrão dos ataques, então vocês devem ter descoberto, anos atrás, então agora eu tenho que começar a me perguntar por que vocês, seus filhos da puta, estão deixando essa coisa matar pessoas em vez de explodi-la para o reino do além?

O homem sorri tristemente.

— Receio não poder discutir nenhum detalhe operacional com você, Srta. *Ashlyn*, e devo pedir que cesse suas investigações sobre esse assunto imediatamente.

— E eu devo dizer 'vá se foder'. Eu sou um jornalista profissional, senhor *Shelley*. Eu conheço meus direitos.

Ele balança a cabeça.

— Temo que você não entenda sua situação, Srta. *Ashlyn*. A Segurança Nacional supera tudo. Estou autorizado a fazer o que for preciso para proteger este país. Não tenho escrúpulos em detê-la, e há muito mais que posso fazer se necessário. Você entende o que estou dizendo aqui, Sam?

— Você não me assusta —, diz Sam, mas de repente ela percebe a posição precária em que está. Ninguém sabe que ela está aqui.

O Superintendente Chefe *Shelley* se inclina para frente em sua cadeira e diz em voz baixa:

— Se eu sair desta sala sem o resultado que desejo, todos os

registros de sua entrada nesta delegacia desaparecerão. Você será levado deste lugar, e ninguém mais ouvirá falar de você. A mesma coisa vale para o Policial *Buchanan*. Ou você coopera comigo agora mesmo, ou vira estatística. Isso esclarece a situação?

Sam sufoca um soluço. Sua cabeça gira, e ela sente que está prestes a vomitar, desmaiar, ou possivelmente ambos. Depois de alguns segundos, ela resmunga.

— Tudo bem. Certo. Eu vou cooperar. O que você quer que eu faça?

Os olhos de *Shelley* brilham como vidro quebrado.

— É bem simples. Você vai cessar qualquer investigação adicional sobre sua história e vai entregar qualquer evidência documental que tenha encontrado. Você vai escrever um artigo que conclui que não há evidências de uma conexão entre esses incidentes e nunca vai revelar o que encontrou a ninguém. Se concordar com isso, pode retornar à fazenda do seu tio e chamaremos isso de fim do assunto. Se não... bem, acho que você entende o que vai acontecer. Temos um acordo?

Sam não consegue falar. Sua garganta está apertada a ponto de qualquer tentativa de vocalizar seu assentimento a reduzir a inundações de lágrimas histéricas. Então, em vez disso, ela apenas concorda.

— Bom, — diz a Superintendente Chefe *Shelley* e empurra uma prancheta e uma caneta sobre a mesa para ela. — Agora, se você assinar esta cópia do Ato de Segredos Oficiais, eu a deixarei voltar para sua família.

***

Sam mal consegue se segurar enquanto espera o sargento da polícia de plantão abrir a porta. Sua cabeça gira, espessa com uma sopa de emoções. O horror e a devastação do encontro daquela manhã se misturam ao medo tangível que o Superintendente Chefe *Shelley* havia incutido nela e um senso negro de futilidade. E ainda assim, de alguma forma, esses ingredientes emocionais díspares estão se destilando em algo muito próximo da raiva. Ela sai furiosa da delegacia e atravessa a rua, então ouve alguém chamá-la pelo nome. Ela se vira para ver *Chris Buchanan* correndo no trânsito em sua direção.

— Sam, — ele suspira, — graças a Deus você está bem. Eu pensei que eles

— Eles quase fizeram isso —, ela diz, interrompendo-o, sua voz um rosnado sarcástico. — Tive que beijar a bunda daquele bastardo e assinar o ato de segredos oficiais antes que eles me deixassem ir. Caso contrário, eu estaria a meio caminho de algum *bunker* com um saco preto na cabeça agora. E você?

Ele franze a testa.

— O mesmo, mais ou menos. Mais, suspensão imediata sem remuneração e acusações criminais por uso não autorizado de sistemas de TI da polícia. Aquele trabalho na ASDA não parece tão ruim de repente.

Sam balança a cabeça em desgosto.

— Os bastardos realmente fizeram um alvo na gente, hein? Vamos lá. Vamos tomar uma bebida e pensar no nosso próximo passo.

Chris parece genuinamente chocado.

— Próximo passo? Que 'próximo passo'? A menos que eu esteja esquecendo de algo, eles nos foderam de verdade. Sua história está morta e enterrada, assim como minha carreira. Não temos nenhum próximo passo a dar.

— Ah, bolas para a história. Eu não dou a mínima para isso mais, mas não vou deixar eles saírem impunes. Precisamos descobrir que porra é essa coisa, e de onde ela veio.

Os ombros de Chris caem.

— Por quê? Qual é o ponto?

A boca de Sam se curva em um sorriso irônico.

— Porque nós vamos matar a porra da coisa.

Eles andam um pouco mais adiante na rua em silêncio, então entram no primeiro bar que encontram — um bar decadente com tinta descascada nas janelas e um carpete que parece sugar as solas dos sapatos de Sam. O bar cheira a cerveja velha e ao fantasma persistente de tabaco, impregnado na mobília. Ela se acomoda em uma cabine nos fundos do pub enquanto Chris vai pedir as bebidas. Ele retorna alguns minutos depois com duas canecas de cerveja sem graça, então volta para pegar dois copos de *shot*.

Sam levanta as sobrancelhas enquanto ele se afunda na cabine em frente a ela.

— O que é isso? Vamos para uma sessão?

— Não. O conhaque duplo é para aliviar a tensão. Podemos tomar a cerveja enquanto conversamos.

— Não dá para discutir com isso —, Sam diz e vira o conhaque

de volta. Seu rosto se enruga, e ela tosse longa e alto. — Porra, essa merda é nojenta —, ela suspira depois.

Chris sorri, então vira sua bebida.

— Mas vai dar conta do recado.

— Não há como negar isso. Nada mais depois, no entanto. Ainda tenho que dirigir para casa para trocar de roupa em algum momento.

Chris levanta sua cerveja e toma um gole.

— Eu não me preocuparia. Você provavelmente estará sóbrio quando terminarmos de beber essa porcaria. Então, vamos começar com o que sabemos.

— O mais próximo de tudo que você pode chegar.

— Não é verdade. Sabemos que ele vive na água e está trabalhando em um ciclo de 25 anos. Sabemos que ele devora suas vítimas; que ele ataca essas vítimas basicamente nos mesmos lugares todas as vezes; que ele se parece mais ou menos com uma mulher.

— Então o que estamos pensando? — Sam diz. — Algum tipo de sereia assassina?

— Não sei. Talvez. — Ele toma outro gole. — Porra, isso é nojento. Certo. Olha, eu rastreei essa coisa há vinte e cinco anos, mas acho que ela existe há muito mais tempo. Acho que devemos começar a investigar lendas locais.

— Há uma dama no monte. Quem ela é, eu não sei… — Sam murmura, franzindo a testa.

— O que?

Ela balança a cabeça.

— Algo que uma senhora disse enquanto eu estava dando minhas entrevistas. 'Ginny pegou ele', ela disse. Eu pensei que ela estava louca na época. Mas ela não era daqui. *Scouser. Liverpool* fica o quê...? A quarenta milhas de distância?

— Ginny? Espera aí… — Chris diz e tira o telefone do bolso. — Recebi alguns e-mails estranhos ontem. Eles foram direto para a pasta de spam, então quase os perdi. Aqui, dá uma olhada.

Ele rola pelas mensagens até encontrar as que quer e mostra a tela para Sam. O primeiro e-mail contém um link para o site do jornal *Liverpool Echo*, com um *banner* dizendo

— Este é o fantasma de *Jenny Greenteeth*? — junto com uma fotografia borrada e indistinta de uma forma humana nas profundezas de um arbusto espinhoso. O segundo e-mail tem uma

imagem anexada a ele, novamente um recorte do *Liverpool Echo*, mas muito mais antigo. Homens com bonés e pás estão em volta de uma estátua desenterrada de uma mulher, com a cabeça inclinada para o céu e os braços estendidos. A legenda abaixo da fotografia simplesmente diz — *Ginny Greenteeth*.

Sam tem que cerrar os punhos para impedir que suas mãos tremam.

— Porra! Sinto como se alguém tivesse acabado de passar por cima do meu túmulo. Quando você disse que recebeu isso?

— Uma ontem à noite, a outra enquanto estávamos sendo interrogados na delegacia. Ambas vieram de endereços de e-mail diferentes, e eu não sabia o que fazer com elas até você dizer o nome.

Sam abre seu próprio telefone e digita o nome *'Jenny Greenteeth'* no mecanismo de busca, então se recosta e toma um longo gole de sua bebida.

— Jesus, ouça isso. *'Jenny Greenteeth*, também conhecida como *Bruxa Jenny* ou *Ginny Greenteeth*, é uma figura do folclore inglês. Uma bruxa do rio que puxava crianças ou idosos para a água e os afogava.'

— Parece que está certo. Tem mais alguma coisa?

Sam rola pelos resultados da pesquisa.

— Há muitos. Páginas e páginas disso, mas eles parecem mencionar principalmente *Liverpool, Cheshire* e *Lancashire* como as fontes mais comuns do mito.

— Liverpool é onde o padrão faz uma pausa. Dez anos ele espera, então ele volta a subir em direção a Preston e além.

— Liverpool é uma cidade grande. De onde estamos falando?

Chris pega seu telefone e abre o aplicativo de mapa.

— Lá. As mortes parecem começar e parar em volta do Cemitério St. James. Que fica bem ao lado da catedral.

— St *James Mount*. Há uma senhora no monte…

Chris empurra sua cerveja rançosa para longe dele.

— Acho que precisamos de uma viagem de carro até Liverpool. Ver o que podemos encontrar.

Sam estica o braço sobre a mesa e pega a mão de Chris. — Quanto tempo, *Chris*? Até a próxima?

— Amanhã, se o padrão se mantiver.

Sam esvazia sua bebida, então termina a de *Chris* também.

— Precisamos ir, então. Agora mesmo. É melhor você dirigir;

estou acima do limite.

CAPÍTULO DEZ

A viagem para Liverpool deve levar apenas uma hora, mas as obras na estrada que Sam encontrou alguns dias antes parecem ainda piores indo nessa direção. Filas de tráfego parado serpenteiam pelo horizonte. Motoristas irados registram sua frustração trocando de faixa para uma que eles percebem como mais rápida, geralmente em meio a um coro de buzinas de carros raivosas. *Chris* dirige na faixa lenta, contente em sentar-se atrás de um caminhão articulado. Sam inveja sua calma. Ela se pergunta no que ele está pensando. Ele não disse uma palavra em quase quarenta minutos, e Sam não está gostando do silêncio. Muito tempo sozinha com seus pensamentos. Ela continua repetindo o rosto do menino olhando para ela de baixo da superfície da água, os olhos arregalados de terror e esperança. Não importa o que estivesse acontecendo com ele, ele acreditava que ficaria bem porque um adulto havia chegado. Ele ainda tinha aquela expressão no rosto quando aquela porra o engoliu. É essa esperança que Sam está achando mais difícil de lidar porque ela falhou com ele. Ela apenas... observou aqueles lábios horríveis se fecharem sobre o rosto dele, e ele desaparecer no estômago da criatura.

Sam enxuga as lágrimas do rosto e se vira para *Chris*.

— Então, qual é o plano quando chegarmos a *Liverpool*? Equipar-nos com armas? Lendas locais são uma coisa, mas não consigo deixar de sentir que faríamos melhor com uma bazuca.

Chris tamborila os dedos no volante e suspira.

— Encontrei alguém *online* enquanto você estava se arrumando na fazenda. Um especialista em folclore local que trabalha no cemitério. Ele concordou em nos encontrar e, esperançosamente, nos dar uma ideia do que estamos enfrentando.

Sam arqueia uma sobrancelha.

— Sério? Você simplesmente fez esse especialista aparecer do nada? Parece que o encontraram em um prazo muito curto.

Chris volta seu olhar para o trânsito parado.

— Não foi tão difícil. Eu olhei no site do Cemitério St. James enquanto você estava se trocando na casa do seu tio, e havia um número de telefone do cara que mantém a seção de história local, então eu liguei para ele. Ele disse que ficaria feliz em nos encontrar.

— O filho da puta poderia ter conversado pelo telefone. Teria nos poupado de arrastar nossas bundas por essas obras na estrada.

— Não dá para discutir com isso. Mas você é jornalista; sabe como são esses tipos. Ele provavelmente passa meses sem falar com outro ser humano e anos sem que alguém realmente ouça. Vamos tirar mais proveito do sujeito se fizermos a vontade dele.

— Alguma ideia de quem te enviou esses e-mails?

— Nem uma pista. Eles fizeram de tudo para esconder a identidade, no entanto. Tentei fazer uma pesquisa do endereço IP de origem dos e-mails e um parece ter vindo das Filipinas, enquanto o outro parece ter sido enviado da China. Tenho certeza de que os caras do crime cibernético poderiam fazer melhor, mas isso é o máximo que meu próprio conhecimento escasso me levou.

— OK, então em vez de quem, vamos pensar no porquê. Por que alguém nos enviaria exatamente o que estávamos procurando? Quem saberia que você está investigando isso?

Chris balança a cabeça e diz:

— Estou em branco sobre isso também. Alguém claramente queria nos dar essa parte do quebra-cabeça, então deve ser alguém que sabe o que está acontecendo. Talvez um parente de uma das vítimas que fez sua própria pesquisa?

— Ou —, diz Sam, — alguém que esteja envolvido no encobrimento?

— Mas isso não faz sentido. Se eles fazem parte do encobrimento, então por que nos contar o que estamos enfrentando? Por enquanto, acho melhor aceitar que alguém está tentando ajudar, mas vamos manter a cabeça no lugar. Com alguma sorte, teremos uma ideia melhor depois de falar com esse cara.

É a vez de Sam soltar um longo suspiro. — Eu suponho, mas vai ser um dia longo pra caralho. Para que fique registrado, eu prefiro minha ideia da bazuca.

Chris lhe dá um sorriso irônico.

— Você realmente sabe onde conseguir uma bazuca?

Apesar das circunstâncias, Sam solta uma risada.

— Temo que não. Eu esperava que você pudesse ajudar com isso. Extorquir seus contatos do submundo e tudo mais.

— Acho que talvez você tenha assistido a muitos programas policiais americanos. Além disso, sou um mergulhador policial. Não é tanto o submundo, mas sim contatos subaquáticos que faço, e todos tendem a ser trutas. Talvez uma carpa estranha. Muito pouco em termos de artilharia pesada.

— Engraçado, eu sempre penso em peixes em tanques.

Sam e Chris riem muito mais da piada absurda do que ela justifica. Há uma ponta de desespero e tristeza em tudo isso, mas Sam se sente melhor do que há horas. A conversa é relaxada e fácil quando eles saem da rodovia e chegam aos limites da cidade de *Liverpool*.

São quase quatro da tarde quando Chris estaciona o carro em uma rua lateral perto da catedral. O edifício imponente domina o horizonte, elevando-se sobre as fileiras de terraços de tijolos vermelhos. Quando saem do carro, Sam sente uma pontada de apreensão no estômago.

Eles seguem até a frente da catedral, então entram em um túnel inclinado alinhado com lápides antigas — que se abre para uma passarela que serpenteia para o antigo cemitério. Sam estremece, apesar do calor do dia. Há algo sobre este lugar que ela realmente não gosta. Uma estranha sensação de *déjà vu*, embora ela nunca tenha estado em Liverpool antes. E há algo mais. Nenhum pássaro está cantando nas árvores. Na verdade, não há nenhum som natural, apenas o barulho de seus pés no caminho de cascalho e o zumbido distante do tráfego. O cemitério em si é muito bonito — todas as bordas bem cuidadas cobertas de flores, manchas abertas de grama e caminhos sinuosos de cascalho serpenteando — que dão a impressão de um parque. Não parece monótono ou sombrio de forma alguma. Ainda assim, Sam consegue sentir arrepios percorrendo seus braços, e a pontada de apreensão que ela sentiu antes começa a aumentar, a ponto de ser difícil para ela não sair correndo do local e se trancar no carro.

Um homem gordinho, de meia-idade, com manchas grisalhas no cabelo espetado, levanta-se de um banco e vai até eles. Ele ajusta seus óculos redondos e estende a mão para *Chris*, com um largo sorriso no rosto.

— *Chris Buchanan*? Eu sou *William Shelley*. Nós conversamos pelo telefone esta manhã.

Chris pega sua mão e a aperta brevemente.

— Obrigado por nos encontrar, William. Este é meu amigo, Sam.

Nós realmente apreciamos seu tempo em tão pouco tempo.

O sorriso de William se alarga, e ele quase salta no lugar. É uma energia nervosa, excitável, semelhante à de uma criança na noite anterior ao Natal.

— Não, não, é um prazer, realmente. Estou sempre feliz em falar com as pessoas sobre o cemitério. Há algo em particular que você queira discutir?

— Houve algumas mortes no cemitério alguns anos atrás —, diz Sam. — Perdoe-me, tenho certeza de que é um tópico delicado, mas queríamos perguntar a você sobre quaisquer lendas locais que possam se relacionar a eles.

William bate palmas de alegria.

— Ah, você está aqui por causa da Jenny! Eu não deveria estar surpreso, suponho. Ela é uma das histórias mais duradouras ligadas a este lugar.

— Jenny? — Sam pergunta, fingindo inocência. Ela aprendeu com a experiência que é melhor deixar as pessoas falarem sem serem solicitadas em entrevistas, e ela ainda se sente desconfortável com os e-mails enviados para Chris.

— *Jenny Greenteeth*. A velha bruxa da água em pessoa. Algo como uma especialidade minha, por acaso. O que você gostaria de saber, exatamente?

Sam dá a William seu sorriso mais vencedor.

— Gostaríamos de saber tudo, se possível? Todas as lendas, o folclore e a história.

William assente.

— OK, então vamos dar uma volta. Vou te contar o que sei.

O sol brilha intensamente no alto, lançando sombras dançantes e salpicadas enquanto as árvores balançam na brisa. A trilha serpenteia pelo cemitério, com a catedral dominando o horizonte acima dos imponentes muros de pedra. Um grande edifício circular ornamentado fica à distância, e é em direção a ele que o trio segue seu caminho. Apesar do ambiente deslumbrante, o desconforto de Sam cresce a cada passo que ele dá na necrópole.

— De acordo com a lenda, *Jenny Greenteeth* já foi uma mulher chamada *Jenna* ou *Ginny Green* que fazia parte de um *coven* em algum lugar de *Lancashire* —, diz William. — Quando seu irmão adoeceu e morreu, Jenna tentou ressuscitá-lo. Pelo que pude perceber, isso não foi bem, e quando o resto do *coven* descobriu, eles a baniram por praticar magia negra.

William senta-se nos degraus de pedra de um mausoléu e acende um cigarro, dando uma longa tragada antes de continuar.

— Dizem que ela finalmente encontrou o caminho até o feiticeiro, *Manannán mac Lir*, que deu nome à Ilha de Mann. *Manannán* teve pena da jovem bruxa e a tornou sua aprendiz. Eventualmente, eles se tornaram amantes, mas quando a esposa de *Manannán, Fand*, retornou para ele, ela ficou com ciúmes da bruxa, e Jenna foi forçada a fugir em um barco. O mar ficou selvagem com a raiva de Fand, o barco virou, e a meio afogada Jenna acabou sendo levada para a praia aqui.

— Jenna não era de definhar em infortúnios, então, usando seus poderes, ela fez surgir uma fonte da rocha. Em pouco tempo, as pessoas construíram uma vila ao redor da nova fonte de água doce — a piscina vitalizadora da qual tiramos nosso nome — e começaram a adorá-la como uma divindade. Ela viveu assim por muitos anos, construindo seus seguidores e poderes antes que *Fand* a localizasse. A batalha entre elas foi feroz, mas breve. Eventualmente, *Fand*, sendo um ser sobrenatural em vez de uma simples bruxa, venceu *Jenna.* Em vez de matá-la, *Fand* condenou sua rival à escuridão eterna. Ela amarrou seu espírito a uma estátua de madeira e então enterrou *Jenna* e a estátua nas profundezas da terra. Esse deveria ter sido o fim de sua história. No entanto, parece que foi apenas o começo.

— A comunidade dela permaneceu perto da fonte e continuou a adorá-la. Havia contos de sacrifício humano para sua deusa, e depois de um tempo, parece que *Jenna* conseguiu escapar de sua prisão de alguma forma. Contos surgiram de um monstro aterrorizante, vivendo nas profundezas das cavernas de calcário sob a cidade em crescimento. Uma mulher da água, como os tritões e as sereias. Ela se alimentava daqueles que se aproximavam demais para continuar sua meia-vida amaldiçoada. E aí está. A lenda de *Jenny Greenteeth*.

Sam se senta em um pedaço de luz do sol enquanto William conta sua história, puxando os joelhos mais para cima em direção ao peito a cada revelação. Sabendo que seu inimigo não fez nada para aliviar seus medos. Se alguma coisa, agora que o monstro tem uma origem, sua missão parece ainda mais sem esperança. Se essa criatura existe há centenas, se não milhares de anos, como eles podem esperar destruí-la?

— Há mais alguma coisa na história? — pergunta Chris. — Mais

algum detalhe? Falar sobre como acabar com a maldição, talvez? Ou fraquezas?

William balança a cabeça.

— Não que eu saiba. Desculpe. No entanto, a fonte que mencionei antes fica logo ali —, ele diz, apontando para uma alcova de tijolos nas paredes de arenito contendo uma placa. — E quando eles estavam construindo a catedral no início dos anos 1900, desenterraram uma estátua de madeira em tamanho real de uma mulher junto com os restos do que pareciam ser antigas moradias dispostas ao redor dela. A estátua estava em perfeitas condições. Sem podridão alguma e pintada de verde brilhante. Eu vi uma fotografia dela nos arquivos do *Liverpool Echo* uma vez. Então, a estátua desapareceu quase imediatamente e nunca mais foi vista. Mas dá um certo sabor e alguma credibilidade a partes da lenda. Se você passar algum tempo aqui, começará a notar símbolos ocultos esculpidos na rocha em vários pontos da área, embora alguns deles estejam bem desgastados pelo tempo agora. Parte do ritual de ligação que eles realizaram, talvez, hein?

Ele está claramente amando tudo isso, mas Sam sente que vai vomitar. O nó de ansiedade força ácido pelo esôfago, queimando o fundo da garganta. Eles desperdiçaram um dia inteiro por nada mais do que contos populares e contos de fadas. Eles não sabem mais como lutar contra o monstro, o que significa que outra pessoa está condenada a encontrar seu fim nas mandíbulas da criatura. Ela reprime o sentimento de desesperança e desespero que ameaça dominá-la e diz:

— E esse ritual de ligação? Você disse que ela estava ligada a este lugar, mas conseguiu escapar?

William ri:

— Você quase parece pensar que ela é real.

Sam força um sorriso.

— Não, claro que não. Sou jornalista de profissão, mas estou pensando em escrever um romance baseado neste lugar e na lenda. Só quero manter os detalhes consistentes.

William parece satisfeito com isso e diz:

— Bem, houve relatos de avistamentos na área, algumas mortes que nunca foram explicadas e alguns outros mistérios. Depois que a estátua desapareceu, eles parecem ter se tornado mais difundidos, mas eu atribuiria isso mais a uma maior conscientização da lenda do que qualquer outra coisa. Mas para o seu romance, suponho que

você poderia dizer que a remoção da estátua enfraqueceu ou alterou o encantamento de ligação original?

— Então —, diz Chris, — se a estátua fosse encontrada e enterrada de volta no cemitério, o encantamento original poderia se reafirmar?

William dá de ombros.

— Acho que sim. Mas a estátua em si está desaparecida há mais de cem anos. Mas pode funcionar no contexto da sua história se você precisar de uma resolução.

Chris aperta a mão de William, agradecendo pelo seu tempo, e então leva Sam da necrópole de volta ao seu *Range Rover*.

Assim que eles saem do túnel de arenito, Sam sente seu mal-estar diminuir um pouco, como se o próprio cemitério estivesse pesando sobre ela, alimentando seu estado emocional. Ela aperta a mão de *Chris* em gratidão.

— Tem mais alguma ideia brilhante? Ou vamos ver se conseguimos encontrar aquela bazuca no eBay? — Apesar de sua tentativa de humor, Sam está muito ciente de sua voz vacilante.

Chris lhe dá um meio sorriso irônico.

— Não é uma perda de tempo completa. Pelo menos sabemos qual é a história agora.

Sam abre a porta do passageiro e se deposita no banco da frente, soltando um suspiro de exasperação.

— Então… qual é o plano? Onde *Jenny* deve aparecer em seguida?

Chris pega seu telefone e abre o aplicativo de mapa, dando *zoom* em um alfinete vermelho brilhante. Ele mostra o telefone para Sam.

— Aí está. Até onde eu sei, a próxima morte ocorrerá em algum momento nas próximas vinte e quatro horas neste lugar ou em algum lugar próximo.

A boca de Sam se abre.

— Você tá de sacanagem comigo? Meu Deus, *Chris*. Temos que voltar para lá. Agora mesmo, porra.

O rosto de *Chris* se enruga em confusão.

— Qual é o problema? Por que o pânico repentino?

— Porque esse alfinete está bem na fazenda do meu tio.

***

William Shelley observa o carro guinchando para longe das sombras dentro do túnel de entrada do cemitério. Ele espera até que ele

desapareça na esquina com um guincho de borracha no asfalto, então tira o telefone do bolso. Ele seleciona um contato da lista e liga para o número. Depois de dois toques, alguém atende.

— Está feito?

— Eles acabaram de sair.

— O que você disse a eles?

— Só o suficiente. Não muito. Como combinamos.

— Você acha que eles acreditaram em você?

— Bem, eles acabaram de ultrapassar o limite de velocidade ao sair daqui, então, a menos que sejam parados na M6, eu diria que eles estão vindo em sua direção agora.

CAPÍTULO ONZE

A viagem de volta para Preston é torturante. *Chris* empurra o *Range Rover* o mais rápido que o trânsito permite, mas o sol está apenas mergulhando abaixo do horizonte quando eles chegam. Sam sai do carro e corre em direção à casa da fazenda antes que ela termine de parar na entrada da garagem.

— George! Julia! — ela grita enquanto abre a porta da frente. As luzes estão acesas na sala de estar, e o cheiro da refeição da noite ainda paira no ar, junto com uma série de pratos sujos empilhados na pia. — George? Julia? Marcus...? — ela grita, mas a casa está em silêncio.

Chris entra na casa atrás dela, e Sam se vira para ele, sentindo a onda de pânico crescer em seu peito.

— Eles não estão aqui! Oh Deus, *Chris*, eles não estão aqui! E se chegarmos tarde demais? E se algo acontecer enquanto estivermos presos naquelas obras de merda? Eu... eu...

Chris coloca a mão no ombro dela.

— Sam, você precisa respirar fundo. Você está surtando. Eles poderiam ter ido às lojas ou algo assim.

Sam balança a cabeça e se afasta dele.

— Não! O caminhão ainda está aqui. Algo aconteceu com eles. Eu sei.

— Respire, Sam. Longo e devagar. Eles podem ter ido dar uma volta. Podem estar brincando de esconde-esconde. Vamos dar uma olhada na casa, caso tenham deixado um bilhete ou algo assim, depois daremos uma olhada do lado de fora. OK?

Ela consegue engolir o medo por tempo suficiente para concordar, então os dois sobem as escadas para verificar o quarto das crianças.

Como Sam temia, não há nenhum bilhete nem sinal das crianças em seus quartos. Seu *iPad* está indesejado na cama de George. Ela sai do quarto e está prestes a descer correndo as escadas quando percebe a porta do escritório entreaberta. Ela nunca viu Marcus sair

daquele quarto destrancado. Certamente não quando criança e não desde seu retorno. A luz está acesa, e o brilho fluorescente de um monitor de computador transforma a luz amarela suave da lâmpada do teto em um azul mais forte. Ela empurra a porta e suspira.

As paredes do escritório estão adornadas com fotografias dela, mas não de sua infância — essas fotos são recentes. De Londres. E elas cobrem cada centímetro quadrado do espaço da parede. Seus olhos são atraídos para algumas que não são obviamente fotografias de longo alcance dela. Há uma de sua porta da frente. Uma da vovó Janet. Há até uma foto dela deixando as crianças em casa. Uma foto de seu escritório. Uma foto dela e Heidi tomando uma bebida em um bar de vinhos. Então, seus olhos são atraídos para outra fotografia, e um soluço oco escapa. É uma foto do acidente de carro que matou *Brian*. É de perto, tirada antes da polícia chegar ao local. Há o corpo de *Brian*, preso no assento, a cabeça submersa no riacho que o afogou quando o carro parou.

Ela não consegue processar seus pensamentos; o conceito de assassinato é muito escorregadio e fantástico.

Marcus estava lá quando *Brian* caiu. Marcus o deixou lá para morrer.

Ele matou o noivo dela?

Ela desaba na cadeira do escritório, incapaz de acreditar no que está vendo, e seus olhos percorrem rapidamente a tela do computador. O aplicativo de e-mail está aberto, e entre a lista de contas há várias que pertencem a ela. Sua conta pessoal do Gmail e seu e-mail de trabalho estão abertos em abas separadas do navegador.

Ela se força a olhar os e-mails. Há uma mensagem da creche que Sarah havia contratado, confirmando seu cancelamento. Na própria conta de e-mail de Marcus, há uma série de correspondências com seu chefe, solicitando que ela cobrisse a história, com links para um grupo do Facebook e a oferta de um pagamento de dez mil em dinheiro se Jason os ajudasse a se reconciliarem. Marcus havia pago seu chefe de merda para trazê-la aqui! E— Porra! Em outra conta está o e-mail de confirmação do vencedor para *Janet* pelo cruzeiro com todas as despesas pagas que ela fez, junto com o recibo da reserva, pago da conta bancária pessoal de Marcus.

Foi tudo Marcus. Ele orquestrou a coisa toda. Jesus! Ele vem manipulando a vida dela há anos para trazê-la a esse lugar, a essa hora. E agora ele tinha os filhos dela. Mas por quê?

Então ela vê a bolsa. A bolsa Armani de Heidi que ela estava carregando no dia anterior. Escondida fora de vista atrás de uma pilha desorganizada de livros didáticos de TI. Sam sente seu estômago embrulhar e tira o telefone do bolso com as mãos trêmulas.

— Não, não, não... — ela murmura enquanto liga para a amiga. A bolsa começa a vibrar no ritmo dos tons de chamada. — Seu filho da mãe! —, Sam grita, e bate os punhos no teclado, fazendo com que várias teclas voem pela sala. Então ela percebe uma carta lacrada abaixo dela, endereçada a ela na caligrafia característica do tio.

Ela rasga o envelope e pega o papel com as mãos trêmulas.

Sam, a essa altura, você já deve ter percebido que nada disso é um acidente. Pelo que vale, eu realmente sinto muito pela dor que você teve que suportar ao longo dos anos. Eu odiei fazer o que fiz, mas foi necessário. As crianças estão seguras e estão comigo. Estaremos esperando por você nas cavernas abaixo da velha casa em ruínas. Por favor, venha sozinho. Não será seguro para seu amigo lá embaixo. Eu prometo que tudo isso fará sentido em breve.

Todo meu amor.

Marcos.

Sam atira a carta na parede e então joga o teclado e o monitor da mesa com um grito de raiva.

— Aquele filho da mãe! Era ele. O tempo todo, era tudo ele!

Chris deu um passo para trás no corredor para evitar os pedaços voadores do computador. O que você quer dizer?

— Olhe para tudo isso. Ele está me perseguindo há anos! Fodendo minha vida. Ele matou meu noivo, parece que matou minha melhor amiga. E agora ele está mantendo meus filhos de reféns.

— Jesus Cristo! OK, vamos esperar um minuto. Vou ligar para a polícia. Podemos enviar uma unidade de resposta armada atrás do bastardo. Ele não vai escapar dessa.

Ela balança a cabeça.

— Não podemos arriscar chamar a polícia. Não depois desta manhã. Tenho que ir atrás deles agora mesmo.

Sam se levanta da cadeira e caminha em direção à porta. Chris coloca as mãos nos ombros dela para contê-la, e Sam enfia o joelho nos testículos dele, então passa por ele.

— Sam, — ele resmunga, caído contra o batente da porta. — É

exatamente isso que ele quer que você faça. Você está apenas entrando em uma armadilha. Pense, pelo amor de Deus!

Sam para no topo da escada, emoções conflitantes a dilacerando. *Chris* está certo. Marcus deve ter previsto a resposta dela. O que quer que ele tenha em mente, depende de ela correr atrás dos filhos. Mas o puro terror maternal é avassalador.

— Você acha que *Shelley* não sabe sobre isso? Pense, *Chris*. Eles estão nisso juntos, de alguma forma.

Chris levanta uma mão para acalmá-la enquanto luta para ficar de pé.

— Eu sei. Não podemos seguir o caminho oficial, mas há outras ligações que posso fazer, pessoas em quem confio, então não vamos lá sozinhos.

Sam se afasta da escada, com um olhar de aço no rosto.

— Estou ouvindo.

***

Josh Fiskins desliga o aparelho de som.

— Temos certeza de que isso é uma boa ideia?

Mike, concentrando-se em estradas irregulares e desconhecidas, solta um longo suspiro. — Não sei, cara. Quando o vi alguns dias atrás, ele parecia estar se recompondo. Mas então aconteceu tudo isso esta manhã, e agora... Eu simplesmente não sei mais.

— O chefe estava inflexível de que era *persona-non-grata*. E ter um superintendente chefe vindo para reforçar a mensagem esta manhã praticamente a reforçou. Não gosto disso, *Mike*. No que ele se meteu?

— Não sei, cara. Algo não está batendo. Sei que *Chris* perdeu o controle naquele último mergulho, mas a coisa do álcool foi uma armação total. Ele nem estava acima do limite para dirigir. Você não joga alguém com a experiência dele na lixeira por isso.

Josh volta seu olhar para o campo. Está bem sombrio lá fora.

— Eu não teria pensado em nada sobre isso até que nos fizessem assinar o ato de segredos oficiais. Eu só... não tenho certeza se é bom nos envolvermos nisso, sabe? Eu gosto do meu trabalho, e a hipoteca não vai se pagar sozinha.

Mike bate a mão no volante.

— Guarda essa merda. *Chris* esteve lá por nós mais vezes do que eu posso contar. Não me importa o que o Superintendente diga, ele precisa da nossa ajuda. Se tudo o que podemos fazer é convencê-lo

a parar de qualquer bebedeira que ele tenha feito, ainda precisamos ir.

O carro sai da estrada rural para uma estreita trilha de cascalho que serpenteia por um campo aberto. À distância avistam-se as luzes cintilantes de uma casa de fazenda, apenas visíveis atrás de uma alta linha de árvores.

Mike estaciona ao lado do veículo 4x4 de *Chris* enquanto uma mulher com aparência um tanto maníaca corre até eles, com *Chris* logo atrás.

Os velhos amigos se abraçam.

— Pessoal, muito obrigado por terem vindo. Eu não sabia mais para quem ligar.

Mike e *Josh* trocam um rápido olhar, e *Mike* dá de ombros. *Chris* está barbeado e não cheira a destilaria. É um sinal encorajador. Ainda assim, os homens estão reservando o julgamento até ouvirem a história toda.

A mulher puxa o braço de *Chris*.

— Certo, seus amigos estão aqui. Podemos ir agora?

Mike levanta as mãos.

— Espere um minuto. Você ainda não nos disse por que estamos aqui ou por que nos fez trazer todo o equipamento de mergulho em cavernas.

Chris suspira.

— Desculpe, mas eu não queria falar muito pelo telefone. Aqui é *Sam Ashlyn*, um amigo meu.

Josh arqueia as sobrancelhas e diz:

— Espera aí, ela não é aquela repórter de merda que tem aparecido em cenas de crime? Ah, cara, foda-se isso. *Mike* e eu ainda temos uma carreira, mas não teremos se nossos nomes forem estampados em algum tabloide.

— Não é bem assim —, diz *Chris*. — Ela estava investigando uma história, mas parece que a coisa toda foi armada pelo tio dela para trazê-la aqui. Há uma sala lá em cima com todas as evidências. E tem isso.

Mike pega a carta amassada dele e rapidamente examina o conteúdo.

— Então, o tio enlouqueceu e levou os filhos dela para um sistema de cavernas? Por que nos ligar? Por que você simplesmente não ligou?

— Porque meu nome é uma merda agora, e honestamente, não

sei mais em quem confiar na delegacia além de vocês. A última coisa que precisamos agora é de Sam e eu sendo levados para uma sala de interrogatório enquanto a Super Chefe se diverte. Não enquanto os filhos dela estão potencialmente em perigo. Parece que uma amiga dela também está desaparecida.

— Então, o que você quer que façamos? —, diz *Josh*.

Chris dá um sorriso sombrio.

— Pensei que iríamos resgatar os filhos dela, depois arrastar aquele psicopata idiota até a delegacia e entregá-lo à Divisão de Crimes Graves. A menos que algum de vocês tenha uma ideia melhor?

Mike e *Josh* se entreolham. *Josh* dá de ombros, e *Mike* solta um longo suspiro.

— Provavelmente vou me arrepender disso, mas estamos dentro. OK, conte-nos tudo.

CAPÍTULO DOZE

Sam anda de um lado para o outro perto dos carros enquanto *Chris* e seus colegas descarregam o *Range Rover* e movem o equipamento para a casa em ruínas, onde fica a entrada da caverna. Embora ela esteja feliz por tê-los com ela, e profundamente reconfortante em vê-los trabalhando com eficiência praticada, ela está desesperada para encontrar seus filhos.

— Tudo isso é realmente necessário? —, ela pergunta a *Chris* enquanto ele realiza verificações de segurança em um regulador. — Marcus não os levou a lugar nenhum que precise de equipamento de mergulho.

Chris larga o equipamento e coloca a mão no ombro dela, apenas para ter sua mão firmemente afastada. — Não sabemos o que vamos encontrar lá embaixo. Sei que é difícil esperar, mas acredite em mim, é melhor ter tudo o que precisamos à mão e pronto para ir do que se arrepender depois. Não vai demorar muito mais, prometo.

— Bom, não demore muito. Quero tirar as crianças antes que a porra da *Jenna Greenteeth* ou sei lá o que for apareça —, ela retruca.

O rosto de *Chris* empalidece com o pensamento, e ele parece prestes a vomitar. Sam percebe que estava se concentrando em seus exercícios bem praticados para evitar pensar no que eles podem ter que enfrentar e sente uma breve pontada de culpa pela maneira como ela o está tratando. Para seu crédito, ele recupera a compostura rapidamente e entrega a ela uma roupa de mergulho de uma das bolsas.

— Vai estar frio e provavelmente molhado lá embaixo. Isso deve mantê-lo aquecido. Troque de roupa em casa, se quiser. Já teremos terminado quando você voltar.

Sam olha de volta para a casa e vê *Mike* e *Josh* caminhando em direção a eles com mais bolsas de equipamento.

— Você acha que deveríamos contar a eles? Sobre o que pode estar lá embaixo?

Chris balança a cabeça.

— Não. Eu pensei sobre isso, mas eles pensariam que nós o perdemos. É melhor eles descobrirem por si mesmos. Bem, é melhor entrarmos e sairmos antes que *Jenny* chegue, mas você sabe o que quero dizer. Eles são policiais experientes, e *Mike* é ex-militar. Eles serão capazes de lidar com qualquer coisa que encontrarmos lá.

— E se estivermos errados? E se chegarmos tarde demais?

Chris desabotoa uma fivela do cinto e saca uma faca de aparência cruel.

— Não é uma bazuca, mas é afiada pra caramba. Se aquela bruxa estiver lá embaixo, vou cortar as tripas dela.

***

Sam retorna alguns minutos depois, vestindo o traje de neoprene apertado, para encontrar os homens envolvidos em uma discussão acalorada. Tanto *Mike* quanto *Josh* parecem menos do que felizes, enquanto *Chris* tem as mãos levantadas em súplica.

— O que está acontecendo?— ela pergunta.

— *Mike* e *Josh* acham que é um erro você ir lá conosco. Eles acham que você deveria ficar aqui e pedir ajuda se as coisas derem errado.

— Foda-se! Meus filhos estão lá embaixo, e Marcus pediu especificamente por mim. Se você for lá correndo sem mim, ele pode machucá-los. Não posso arriscar isso. Eu vou. Fim da história.

Mike levanta as mãos em exasperação. — Ok, tudo bem. Faça do seu jeito, mas ela vai ser uma porra de um problema lá embaixo. Você sabe disso. Ela não tem treinamento nem experiência. Se ela for morta ou ferida naquelas cavernas, não podemos ser responsabilizados. A culpa é sua, Chris. Entendido?

— Eu posso cuidar de mim mesma,— Sam rosna. Ninguém fará contato visual com ela.

Eles seguem seu caminho através dos escombros espinhosos da antiga habitação até um conjunto de pesadas barras de ferro no chão, esticadas sobre um buraco aberto. A entrada da caverna. O portão sempre foi protegido com um cadeado pesado, quando Sam era jovem, mas agora a fechadura está faltando, e o portão está escancarado. Ela ilumina a escuridão com sua tocha e vê uma passagem de pedra lisa que desce para dentro da terra em um ângulo íngreme.

Mike passa por ela e começa uma descida lenta em direção ao sistema de cavernas, com *Josh* seguindo atrás dele, depois Sam e

Chris fechando a fila.

— Parece bem direto até agora —, diz *Mike*. — Há um caminho desgastado na rocha. Parece que as pessoas vêm descendo aqui há muito tempo. Centenas de anos, talvez.

Sam não se consola muito com isso. A passagem é apertada; dois deles não conseguirão ficar lado a lado, e o teto é tão baixo que *Chris*, o mais alto do grupo, tem que abaixar a cabeça para não bater no teto. Ela olha para trás e vê a iluminação tênue da entrada, delineada ao luar, diminuindo a cada passo. Finalmente, o grupo segue o caminho para a direita, e ele desaparece completamente de vista.

Sam odeia isso. Espaços fechados são uma das coisas que ela menos gosta, perdendo apenas para grandes corpos d'água. Seu coração dispara no peito enquanto sua adrenalina dispara, e ela luta para suprimir a onda crescente de pânico. Ela não pode deixar nenhum de seus companheiros saber sobre seus sentimentos, no entanto. Se houver uma chance de que ela esteja prestes a ter um surto claustrofóbico, Mike e Josh insistirão para que ela volte à superfície. Não há como ela deixar isso acontecer. Então, em vez disso, ela tenta manter sua mente focada em seus filhos. Ela os visualiza seguros, de volta ao seu apartamento em Londres e longe deste lugar terrível. Ela percebe que se ressentiu das crianças em algum nível porque elas a lembravam de seu pai e da vida que eles poderiam ter tido juntos. Sam passou nove anos lutando como mãe solteira, equilibrando seu comprometimento com seus filhos com a necessidade de uma carreira. Mas ela sabe agora que descontou isso nas crianças de muitas maneiras, e, em razão disso, a culpa lhe inunda. Palavras raivosas cuspidas, quando amor e compreensão teriam sido melhores. Furiosa com circunstâncias além de seu controle enquanto as crianças estavam ao alcance da voz. Impaciência quando as necessidades das crianças conflitavam com as suas. Ela jura fazer melhor se puder trazê-las de volta, sãs e salvas.

O grupo viaja em silêncio pelo que parece uma eternidade. Ela perdeu a noção do tempo na escuridão, apenas colocando um pé na frente do outro, tentando ignorar o fato de que o espaço livre no túnel está diminuindo; até ela tem que abaixar a cabeça agora. Então o grupo para tão de repente que ela quase esbarra em *Josh*.

— Há uma bifurcação no túnel —, diz *Mike*. — Não consigo realmente distinguir qual é o caminho correto pelo desgaste no chão

— há trilhos desgastados em ambas as direções. Parece haver um pouco mais de espaço livre na passagem da esquerda, mas não muito. Então, a festa é sua, *Chris*. O que você quer fazer?

— Provavelmente deveríamos nos dividir e verificar cada túnel para ficarmos seguros. Se encontrarmos bloqueios ou um caminho livre, nos encontraremos aqui em trinta minutos e seguiremos juntos.

— Ok,— diz *Josh*. — O túnel da esquerda parece ser mais fácil de ir, então vocês dois vão para lá. *Mike* e eu vamos para a direita. Vejo vocês aqui em trinta.

— Rapazes, tenham cuidado, ok? Não sabemos o que estamos enfrentando aqui embaixo, e a ameaça naquela carta é bem específica. Mantenham suas cabeças baixas. Se encontrarem alguma coisa, voltem aqui, e nós elaboraremos um plano de ataque juntos.

Josh coloca o braço no ombro de *Chris* e diz:

— Não se preocupe, companheiro. Vamos com calma e calma. Vejo você em trinta. — Então, *Mike* e *Josh* seguem pela bifurcação da direita e desaparecem.

Chris observa as sombras tremeluzentes na parede da caverna, projetadas pelas tochas de seus amigos, até que elas desaparecem, então se vira para Sam.

— Como você está? —, ele diz.

Sam consegue dar um sorriso fraco. — Ah, estou simplesmente ótima. Congelando meus peitos e morrendo de preocupação, mas, fora isso, estou ótima. Que porra de cheiro é esse, afinal?

— É amônia. Essas cavernas provavelmente estão cheias de morcegos. É o guano deles que você está sentindo. Cuidado onde pisa. A merda dos morcegos é escorregadia pra caramba. É um dos perigos mais comuns em cavernas.

— Ótimo. Então, além de tudo, preciso tomar cuidado com a merda de morcego. Entendi.

Eles seguem em frente na passagem da esquerda. A caminhada é muito mais difícil do que parecia na bifurcação. A água escorre pelas paredes da caverna, e o chão antes liso se torna irregular, escorregadio e desafiador de navegar. Sam perde o equilíbrio várias vezes, machucando gravemente os joelhos. Ela ignora a oferta de ajuda de *Chris* e faz o possível para ignorar a dor.

— Você acha que temos uma chance? — ela diz para *Chris*. — Já era ruim o suficiente quando era só aquele monstro do caralho, mas agora temos que lidar com meu tio também. Não gosto da ideia de

lutar em duas frentes.

Chris a ajuda a passar por uma área acidentada coberta de pedras.

— Acho que nossas chances são boas. Contanto que não tenhamos que lidar com os dois juntos. Um homem de setenta e poucos anos eu posso lidar. Quanto à outra coisa... bem, vamos torcer para que possamos tirar as crianças antes de termos que lidar com isso. Como ele é, seu tio?

Sam solta um bufo de ar. — Além de aparentemente ser um maluco assustador adorador de monstros? Honestamente, não sei. Não tenho certeza se já fiz isso. Quando o encontrei novamente alguns dias atrás, foi a primeira vez em anos e, não sei... parecia que finalmente estávamos nos conhecendo. Deixar o passado para trás. Mostra o quanto eu sei. Parece que foi tudo só uma porra de uma encenação. Não sei mais no que acreditar.

Chris tosse sem jeito.

— Não, hum. Eu quis dizer — ele é gordo ou magro? Alto ou baixo? Algum especialista em artes marciais insanamente em forma ou um desastre físico pronto para um asilo? Quero saber contra quem vou lutar.

— Oh. Bem, ele é baixo, eu acho. Em forma e forte por trabalhar em uma fazenda a vida toda, mas duvido que ele saiba muito kung-fu. Acho que vocês três provavelmente vão conseguir lutar contra ele.

— Sem armas de fogo?

Sam exala.

— Sinceramente, não sei. Só estou aqui há alguns dias. Nunca vi uma, mas isso não significa muito. É uma fazenda, então há uma boa chance de que ele tenha uma espingarda escondida em algum lugar.

Eles dobram uma esquina e encontram o caminho obscurecido por pilhas de pedras caídas. O caminho parece estar completamente bloqueado.

— Parece o fim da linha —, diz *Chris.* — Vamos voltar pelo mesmo caminho que viemos, e torcer para que *Mike* e *Josh* tenham tido mais sorte.

O coração de Sam afunda. Ela começa a se virar quando vê algo metálico brilhar entre as pedras caídas. Ela empurra *Chris* e se abaixa para recuperá-lo.

— Olha —, ela diz para *Chris*, brandindo o distintivo da *Peppa*

Pig. — Isso pertence à Julia. Eles vieram por aqui!

— Tudo bem, — diz Chris. — Vamos pegar os outros, e tentaremos encontrar uma maneira de passar.

Sam balança a cabeça. Esta é a primeira prova de que seus filhos estão aqui embaixo neste lugar terrível, e não há como ela deixá-los por um segundo a mais do que o necessário.

— Você vai buscar os outros —, ela diz. — Eu vou trazer meus filhos de volta.

— Oh, pelo amor de Deus, Sam! Não podemos simplesmente sair correndo sem pensar. Precisamos…

Sam não está com humor para um sermão. Ela vira as costas para *Chris* e então começa a se espremer para passar pela pilha de pedras caídas, ignorando os apelos de sua amiga e os cortes que as pedras afiadas estão esculpindo em suas mãos e joelhos. Ela sente a mão de *Chris* roçar em seu pé enquanto ele tenta contê-la, então ela sente o ar vazio abaixo dela enquanto as pedras se movem, e ela cai de cabeça no vazio negro.

***

— Estou com um mau pressentimento sobre isso —, diz *Josh* enquanto escala uma pedra.

Mike coça o cabelo suado por baixo do capacete de segurança. — Você está dizendo isso há dez minutos, *Han Solo*. Há algo específico com que você esteja preocupado, ou você está apenas sendo um sujeito miserável no geral?

— Não sei, cara. A coisa toda parece estranha. Devíamos ter ligado assim que vimos a carta. Sei que o nome do *Chris* está na lama agora, mas poderíamos tê-lo mantido fora disso. Há evidências mais do que suficientes para trazer equipes de busca e resgate adequadas.

— E qual seria o nosso motivo para aparecer na casa do nada? Essa merda vai para o tribunal, temos que ser capazes de nos sustentar. Honestamente, estou começando a achar que a paranoia do *Chris* está ficando contagiosa. — Ele para, então. Suspira. — Vamos forçar um pouco mais, depois voltamos. Quando nos encontrarmos naquela encruzilhada, falaremos com os outros. Faremos com que eles façam o que deveríamos ter feito no começo e denunciaremos.

— Você não acha que deveríamos voltar agora?

Mike para e considera as palavras do amigo.

— Sabe de uma coisa, você está certo. Foda-se isso. Somos mergulhadores, não busca e salvamento em cavernas. Vamos voltar para... Espera... o que é aquilo ali?

Os dois homens apontam suas tochas para uma pequena forma peluda escondida atrás de uma pequena pilha de pedras. Um panda vermelho de pelúcia com Cumbria Safari Zoo escrito em uma etiqueta presa a ele. Sujo, mas relativamente novo.

— Bem, parece que temos algo —, diz *Mike*. — Você quer voltar e pedir reforços, ou ir mais um pouco, só por precaução?

Josh solta um longo suspiro.

— Dane-se. Vamos dar mais cinco minutos. Eu me sentiria uma merda se as crianças estivessem logo ali na esquina, e nós voltássemos antes de encontrá-las.

Mike coloca a boneca de volta onde a encontrou e continua pela passagem. Depois de cerca de cinquenta metros, ele para e levanta a mão.

Josh sussurra:

— O que foi?

— Não tenho certeza. Talvez haja uma fonte de luz à frente. — *Mike* desliga sua lanterna de cabeça e sinaliza para *Josh* fazer o mesmo. A caverna mergulha na escuridão em um instante. No entanto, conforme seus olhos se ajustam, eles percebem um brilho fraco na passagem à frente.

— OK, vamos devagar e em silêncio. Vamos dar uma olhada e ver o que é o quê. Talvez consigamos encerrar isso rapidamente.

Os dois policiais avançam lentamente em direção ao brilho fraco e constante à frente deles. O túnel começa a se abrir até se tornar uma vasta caverna, iluminada por fungos verdes e brilhantes. Do outro lado da caverna, uma pequena cachoeira deságua em uma grande lagoa preta. Estalactites pingam do teto, encontrando suas contrapartes estalagmites no chão abaixo. As formações dão a impressão de uma boca enorme com presas.

Mike nunca tinha visto nada parecido antes. O mais perto que ele chegou foi um mergulho em caverna bem conhecido no Japão, que ostenta algumas espécies de fungos brilhantes. Ainda assim, não chega nem perto deste lugar em termos de escala e beleza absoluta. Que crime que este lugar tenha sido mantido em segredo por tantos anos! Turistas vinham aqui de todo o mundo, especialmente devido ao acesso relativamente fácil. Eles não precisaram de nenhum de seus equipamentos até agora.

No extremo da caverna, o tênue brilho verde do fungo é ofuscado por um nimbo amarelo mais familiar de luz artificial. *Mike* dá um tapinha no ombro de *Josh* e chama sua atenção para ele. *Josh* acena em troca, e os dois homens começam a andar pela periferia da caverna, escolhendo o caminho com cuidado. Vozes podem ser ouvidas em meio ao rugido da cachoeira. Eles as encontraram.

Josh congela de repente no lugar e agarra o braço de *Mike. Mike* se vira para encará-lo, murmurando.

— O quê?

Com os olhos arregalados, *Josh* gesticula através da caverna, perto de onde eles emergiram da passagem. *Mike* precisa de alguns momentos para registrar o que está olhando. Há movimento. Algo está atravessando o chão da caverna em direção a eles. Lentamente, sinuosamente, silenciosamente. É difícil distinguir uma forma. A cor se mistura com o ambiente enquanto se aproxima deles. Seja o que for, não se move como um ser humano, nem como qualquer animal que *Mike* possa imaginar. Parece grande — quase do tamanho de um humano, embora seja difícil dizer dessa distância. Ele se move de quatro, principalmente, mas as patas traseiras são longas e angulares demais para ser um cachorro ou qualquer outro mamífero. Seus movimentos são suaves e rápidos enquanto ele corre em direção a eles, parando em alguns momentos, mantendo-se imóvel. É hipnótico. De alguma forma, inseto. E já está entre os dois homens e a passagem de onde eles chegaram.

Josh puxa o cotovelo de *Mike*, mas ele não responde. Ele está paralisado por uma mistura de horror e fascínio pela estranha criatura que vem em sua direção, então Josh lhe dá um soco no braço.

Mike vira a cabeça, irritado e assustado ao mesmo tempo. Então ele vê o que *Josh* está apontando.

Há mais criaturas. Muitas mais. Elas correm de rachaduras nas rochas acima, espiam por baixo das águas pretas e vítreas, escalam o teto e descem pelas estalactites — dezenas de coisas. Todas fazendo seu caminho inexorável em direção a elas.

CAPÍTULO TREZE

— Sam? Sam! Você consegue me ouvir? —, *Chris* grita na escuridão. Ele observou com consternação enquanto a mulher se contorcia pelo vão entre as pedras caídas e a parede da passagem, reagindo tarde demais quando as pedras abaixo dela se moveram e ela desapareceu de vista. Ele não tem como saber o quão longe ela caiu ou mesmo se ela ainda está viva. O aviso amargo de *Mike* ecoa em sua mente. Se algo acontecer com ela, se ela for ferida ou morta, isso é problema dele. Mas, é claro, se ela tivesse feito o que ele bem pediu, isso nunca teria acontecido! Ele afasta os pensamentos de sua mente e se concentra na questão imediata. Todo o resto é secundário.

— Sam! —, ele grita novamente, tentando se esgueirar entre as pedras caídas. Ele está ciente de que o barulho e o movimento podem potencialmente desencadear outra queda de pedra, mas que escolha ele tem? Ele não pode simplesmente deixá-la morrer.

— Estou aqui — ela chama, sua voz distante e ecoante. — Estou bem, eu acho, mas minha tocha já era.

Chris se contorce, iluminando a escuridão com sua tocha. É fácil ver o que ocorreu. Em algum momento, o teto da caverna desabou, abrindo um buraco no chão em outra caverna de calcário abaixo deles. O chão está cheio deles nesta área. Ele ilumina a tocha e encontra Sam, com água até a cintura, cerca de cinco metros abaixo dele.

— Tem certeza de que está bem? —, ele chama. — É uma distância e tanto. Consegue mover os braços e as pernas? Bateu a cabeça em alguma coisa?

Sam balança a cabeça. — Estou bem. Sério. A água amorteceu minha queda. Tirou meu fôlego, só isso. Estou um pouco dolorida, mas, tirando isso, estou bem.

— Jesus. Você tem alguma ideia da sorte que tem?

Sam coloca as mãos nos quadris e franze os lábios. — Podemos guardar o 'eu avisei' para mais tarde? Entendi. Agora, você pode

descer aqui, ou jogar uma corda ou algo assim?

Chris ilumina a câmara com sua luz. O buraco em que Sam está tem quatro pés de largura. A seção abaixo é muito mais larga, arqueando-se para longe da abertura alguns metros de cada lado. — Não há como descer até você, e não consigo ver que seus filhos vieram por aqui também. Você pode ficar parado por enquanto? Vou voltar e pegar os outros.

— Você vai mesmo me deixar aqui embaixo? — Sam responde, com uma ponta de pânico surgindo em sua voz.

— Sam, não tenho escolha. Vou precisar dos outros para ajudar a te puxar para cima.

— Foda-se! Não acredito que você está me chamando de gorda em um momento como esse.

Chris tropeça nas palavras, um terror antigo o preenche.

— Eu... eu não estou dizendo nada do tipo. Preciso que os outros ancorem a corda e me ajudem a puxá-lo para cima. O peso morto de qualquer adulto é significativo, e não quero correr o risco de deixá-lo cair.

— *Chris*… Estou brincando… Ou tentando. Desculpe, é como eu lido com as coisas quando as coisas ficam realmente ruins. Vá buscar os outros... mas *Chris*, por favor, se apresse.

Chris se inclina sobre o vão e balança uma de suas tochas extras.

— Aqui, pegue isso. E Sam — não se mova desse lugar, porra. Estou falando sério.

A tocha cai no ar para as mãos estendidas de Sam. Quando ele tem certeza de que ela está bem, ele se contorce de volta pela abertura para a passagem central.

Chris empurra para baixo o medo que borbulha enquanto ele faz seu caminho de volta pela passagem. Ele não pode deixar que isso o controle. O teto baixo significa que ele ainda precisa se mover com cuidado, mas avança o mais rápido possível. Ele faz os cálculos conforme avança. Eles levaram cerca de dez minutos para chegar aqui da bifurcação na passagem. Se ele se apressar, ele pode voltar em cinco. Isso o levará ao encontro com *Mike* e *Josh* quase dez minutos antes do previsto. Droga. Ele debate se deve correr de volta para a entrada da caverna e recuperar a corda, mas isso significará mais dez minutos em cada sentido. A essa altura, os outros podem ter decidido ir procurá-los.

Ele decide que deve perder o mínimo de tempo possível, então pega um marcador de saída de referência de plástico e rabisca 'Sam

caiu — foi pegar a corda — espere aqui!' nele. Ele o coloca no centro da junção, onde ficará claramente visível.

Então ele ouve os gritos.

***

Mike desabotoa sua faca, e *Josh* faz o mesmo. Há luz ambiente suficiente dos fungos luminosos para ver as criaturas correndo em direção a eles, mas nem de longe o suficiente para *Mike* se sentir seguro. O plano — tal como era — era manter suas lanternas de cabeça desligadas para manter o elemento surpresa. Essas criaturas, o que quer que sejam, estragaram tudo.

Josh parece estar pensando da mesma forma, e ambos os homens acendem suas lanternas de cabeça simultaneamente, lançando uma luz branca e forte sobre os pesadelos que se aproximam.

As criaturas parecem ter sido humanas um dia. Fêmeas, todas. Fios finos de cabelo pendem de seus crânios ósseos. Seus olhos são orbes brancos perolados, colocados profundamente em suas órbitas afundadas. Seus narizes apodreceram há muito tempo, mas as bocas anormalmente grandes contêm fileiras de dentes planos. Seus corpos são magros, tingidos de verde por algas. A carne coriácea é esticada firmemente sobre seus corpos ossudos e nus, lamentável e horrível de se olhar. Pior, de alguma forma, é o som de clique que eles fazem quando se aproximam. Seus dedos das mãos e dos pés são adornados com unhas longas e curvas que raspam e arranham a rocha.

Inicialmente, Mike pensa que a luz pode assustar as coisas. Se elas vivem aqui embaixo na escuridão, ele raciocina, elas não estarão acostumadas com uma iluminação tão brilhante. Ele leu o *Hobbit*. No entanto, as coisas mal registram isso. Elas são cegas; seus olhos estão atrofiados por anos abaixo do solo.

Um deles pisa diretamente na frente de *Josh* e ele tem sua primeira visão adequada disso. Dela. E seu coração quase para. Seu estômago foi rasgado ao meio. Alças secas de intestinos pendem de carne mumificada e arruinada, e ainda assim ela anda. Ele dá um passo involuntário para trás até ser empurrado contra a parede da caverna, brandindo sua faca na frente dele.

— Que porra é essa! Que porra é essa? — ele coaxa.

Como uma só, as criaturas inclinam suas cabeças em direção a ele e então avançam com uma velocidade assustadora.

Mike corta o primeiro que passa correndo por ele, mas a faca

desliza pelos ossos da criatura, desenhando uma linha fina que escorre um líquido espesso e escuro. A bruxa muda de direção, saltando sobre ele com suas garras estendidas. *Mike* estende o braço para afastá-la e meio que a pega. Ele fica surpreso com o quão pouco ela pesa.

A criatura cheira sua boca e então acaricia sua bochecha com uma garra em um movimento quase amoroso.

— Bonito... — ele sibila. *Mike* o joga para longe dele em repulsa.

Josh, enquanto isso, está quase sobrecarregado.

— Fique longe de mim, porra! —, ele grita enquanto se debate e chuta as monstruosidades que se aglomeram. Uma das criaturas cai a seus pés, com a faca enfiada até o cabo no olho. Ele pisa fundo, quebrando costelas.

— Com fome… — os *revenants* quase cantam em uníssono com uma dúzia de vozes sibilando como o vento sussurrando através de folhas mortas. Os outros *revenants* caem sobre ele, arranhando, mordendo e rasgando. *Josh* grita enquanto os dentes cegos das coisas rasgam sua carne. Ele está muito longe para notar, mas os pedaços sangrentos que eles engolem logo começam a cair das feridas abertas em seus abdomens, aterrissando com um respingo molhado no chão da caverna.

Os gritos de *Josh* sobem uma oitava enquanto ele luta contra a maré de *revenants* que o comem vivo. Então seus gritos se tornam um gorgolejo molhado enquanto um dos monstros rasga sua garganta. Mais criaturas surgem da escuridão para cair sobre o cadáver do policial caído, com mais sussurros de papel de — Com fome... tão... com fome... saboroso... se juntando ao refrão. Mais respingos molhados de carne caindo dos buracos abertos no abdômen do monstro enquanto partes de *Josh* desaparecem por goelas famintas em estômagos que não estão mais lá. Esses pedaços são então recolhidos por outras criaturas e enfiados em suas próprias bocas famintas.

Mike fica horrorizado, observando a carnificina, com a mão na boca. Ele não consegue ajudar o amigo. Ele nem consegue se mover. Ele viu coisas terríveis no Afeganistão e no Iraque: camaradas explodidos em pedaços diante de seus olhos; crianças de apenas oito anos detonando coletes suicidas em seus próprios pátios de escola; a parte de trás do crânio de seu melhor amigo foi baleada em patrulha enquanto eles estavam no meio de uma conversa. Coisas horríveis. Combustível de pesadelo. Mas ele nunca sentiu medo

assim. Suas pernas estão congeladas. As pessoas falam sobre reações de luta ou fuga, mas a realidade é que a maioria das pessoas congela em condições de combate, pelo menos na primeira vez que as encontram. Mike passou por isso em seu primeiro tiroteio durante a Guerra do Golfo, mas então o treinamento e a experiência assumiram o controle. Desde então, ele aprendeu a desligar essa parte de sua mente e continuar com o trabalho em mãos. Até hoje.

Ele sente o calor florescer dentro de sua roupa de mergulho enquanto sua bexiga se solta. A sensação é quase agradável no frio da caverna. Uma das criaturas se levanta do cadáver e fareja o ar.

— Bonito...? —, ele sibila, e Mike percebe com horror que este é o monstro que o atacou antes. Ele havia sido esquecido no frenesi da alimentação, mas agora a criatura se lembra da outra fonte de carne próxima.

Ele se levanta e se vira para encará-lo, com sangue escorrendo do buraco em suas entranhas.

— Você vai... me beijar, Bonitinha?

Mike consegue mover as pernas por um simples ato de força de vontade e começa a se afastar da massa que mama.

— Beij… meee. Eu quero sentir você… dentro de mim.

Mike dá mais um passo para trás de seu perseguidor, mas tropeça em uma pequena pedra. A coisa se lança antes que ele possa recuperar o equilíbrio, e agarra sua cabeça, envolvendo suas coxas ossudas em volta de sua barriga. Garras afiadas cravam-se na parte de trás de seu crânio enquanto o monstro esfrega sua virilha contra sua roupa de mergulho, sorrindo, sua boca desconfortavelmente aberta.

Ele vira o rosto para frente, cravando seus dentes verdes e pútridos na carne do rosto e começa a mastigar ruidosamente.

Ele grita de terror e agonia, mas tudo o que isso faz é chamar a atenção dos outros monstros, que caem sobre ele como gafanhotos.

Mike Garland leva apenas um minuto para morrer, mas para ele parece muito, muito mais tempo do que isso.

***

Sam observa a luz bruxuleante da tocha de *Chris* desaparecer e então desaparecer completamente, deixando-a fria, molhada e sozinha na caverna. A água tem uma corrente suave que empurra suas pernas. Está gelada. Ela lança a luz da tocha pela caverna e avista uma plataforma de rocha correndo ao longo da borda da

água em ambas as direções. Embora Chris tenha deixado claro que ela não se moveria, ela decide que não faria mal ser um pouco flexível. Ela mal consegue sentir os pés e não gosta de suas chances de mobilidade se permanecer — exatamente — onde está pela próxima meia hora ou mais.

Sam mira o facho da tocha no fundo do rio subterrâneo para que ela possa evitar quaisquer buracos ou pedras afiadas. Ela vai até a plataforma rochosa, então se puxa para fora, grunhindo com esforço. A plataforma deve ter estado no mesmo nível do fundo do rio, deixada para trás enquanto ele erodiu ao longo de milhares de anos. Ela se agacha tremendo na escuridão até que sua roupa de mergulho começa a fazer seu trabalho, aquecendo seu corpo com a camada de água presa. Seus pés e mãos permanecem congelados, por mais que ela os esfregue. Depois de um tempo, seu tremor diminui, e ela examina o facho da tocha ao redor da caverna, observando seus arredores.

A umidade paira no ar como poeira e estrelas. O rio subterrâneo emite um gorgolejo suave enquanto avança, com a intenção de encontrar o ponto mais baixo, mas, além disso, não há nenhum som. Sam se torna consciente e gradualmente irritada pelos sons de sua própria respiração. É ao mesmo tempo um lembrete do espaço vazio ao seu redor e do peso claustrofóbico da rocha acima. A plataforma em que ela se senta é relativamente plana, com poucas pedras ou mesmo seixos. Isso lhe diz que o nível do rio subterrâneo não é constante. É um pensamento desconfortável, e ela tenta se lembrar se alguma chuva foi prevista. Nada tornará seu dia pior do que uma torrente repentina e furiosa.

Ela se pergunta há quanto tempo Chris se foi. Sam verifica seu *smartwatch* e descobre que, embora tenha sobrevivido à queda ilesa, o mesmo não pode ser dito sobre ele. E quando ela tira seu celular do bolso, descobre que ele também sofreu uma rachadura fatal, enchendo-se de água.

É claro que ela tem preocupações maiores do que uma reivindicação de seguro.

— Vamos lá, seu babaca. Quanto tempo você leva para conseguir uma porra de uma corda? ela murmura para a escuridão.

Sam não espera que a escuridão responda.

Um grito emana das profundezas das cavernas atrás dela, seguido por outro, depois outro. Ela acha que ouve uma voz sussurrando na escuridão, dizendo:

— Hungreeeee…!

O coração de Sam quase salta da boca. Ela tenta racionalizar o que acabou de ouvir, mas não há como confundir. É uma voz. Quebrada, rouca, mas distinta. Não o vento assobiando pelos túneis. Não uma ilusão auditiva. Uma voz. Rascante, antiga e cheia de desejo. Até onde Sam sabe, apenas uma coisa poderia ter feito aquele barulho. *Jenny Greenteeth*. O monstro que engoliu *Noah Davis* inteiro, a coisa que deixou um rastro de corpos pelo noroeste da Inglaterra. A criatura que Sam veio matar se pudesse. Mas, droga, ela queria tirar as crianças primeiro! Ela olha para a lâmina em sua mão direita. É longa e afiada, mas de repente parece totalmente inadequada para a tarefa.

E quando algo espirra na água atrás dela — algo ofegante e curioso — ela também se sente inadequada.

CAPÍTULO QUATORZE

Sam corre para a escuridão, para longe da voz terrível. Mais respingos e algo como uma briga. É curioso. Para uma criatura acostumada à água, ela esperaria que *Jenny Greenteeth* fosse mais... elegante. Então ela percebe que não está sozinha. Pelo menos três dessas coisas a perseguem, cada uma ansiosa para ser a primeira. Embora ela tenha a vantagem de estar em terra firme, ela não tem ideia de quão rápido elas podem se mover na água. Se elas forem parecidas com o monstro que levou *Noah*, elas podem se mover tão rápido na água quanto ela pode sair dela. Merdamerdamerdamerdamerda. Ela se pressiona contra as paredes de pedra, mantendo-se o mais longe possível do riacho negro.

Ela se vira, espiando a escuridão, e vê uma forma negra mais densa saindo da água, muito perto. Ela levanta sua tocha com as mãos trêmulas para pegar a coisa. É humanoide em forma. Fêmea. Fios finos de cabelo grudam em seu couro cabeludo, e ela consegue distinguir o contorno do que antes eram seios. A criatura está enrolada em um tecido esfarrapado e manchado de sangue com uma estampa floral familiar — um padrão que ela viu Heidi usando pela última vez no clube. Só que Heidi não está mais de posse do vestido. Sam choraminga, e a criatura inclina a cabeça como um cachorro. Sam acelera o passo, não correndo totalmente, mas o mais perto que ousa, desesperada para colocar alguma distância entre ela e o monstro que levou sua melhor amiga. Ela corre pela escuridão até que, surpreendentemente, a plataforma rochosa termina contra uma parede íngreme. Abaixo, o rio subterrâneo despenca por uma abertura na face da rocha. O rugido da água fala de uma cachoeira caindo nas profundezas inexploradas do sistema de cavernas.

Ela gira o facho da tocha, procurando desesperadamente por outra saída. Seu perseguidor está um pouco mais atrás dela do que antes, cauteloso enquanto se aproxima. Ele inclina a cabeça e fareja

o ar, tentando localizar sua presa, e Sam agora percebe que ele é cego. Isso lhe dá alguma vantagem, mas não muita. Ela está presa no domínio da criatura.

Seu facho de luz atravessa a parede de pedra, momentaneamente destacando uma área onde as sombras são mais profundas. Alguma fissura na pedra. É pequena — grande o suficiente para ela se espremer. E pode não levar a lugar nenhum. Mas que escolha ela tem? Ela tira a mochila, deita-se de bruços, se contorce e se arrasta para dentro da fissura.

O teto é tão baixo que ela tem que manter a cabeça de lado. Não há espaço suficiente para manobrar os braços corretamente, então ela tem que se contorcer e empurrar com as pernas para fazer qualquer progresso. É tudo o que ela pode fazer. Sua claustrofobia é avassaladora. A rocha inflexível esmaga seus pulmões, deixando-a sem fôlego e chorosa, ensanguentada e selvagem. Ela tenta manter sua mente no que está diante dela, cada milímetro uma esperança de que ela emergirá em alguma caverna maior, encontrará seus filhos e sairá deste lugar infernal. Não no milhão de toneladas de rocha caindo sobre ela. Não no pensamento de ficar presa e simplesmente morrer de fome aqui embaixo no escuro. Não nas paródias horríveis de mulheres que a perseguem.

Como se estivesse na deixa, ela ouve a voz novamente, áspera, ofegante e perdida. — Onde você foi, linda? Onde você está se escondendo da doce Sheila?

Sam congela. Cada respiração dela parece um suspiro, raspando em seu peito. As paredes estão se contraindo ao redor dela, sepultando-a.

— Eu posso sentir seu cheiro, linda, — a criatura sibila. Sam tem certeza de que sente algo preso em seu pé e grita. — Simmm! Aí está você! Fique aí, linda. Eu tenho estado tão sozinha. E com fome. Com tanta fome.

Sam tenta se contorcer mais rápido, mais para dentro do túnel, toda a pretensão de furtividade agora perdida. Sua cabeça bate contra o teto baixo do túnel, deixando-a atordoada, e sua tocha se apaga. Ela não tem como saber se ela está quebrada ou se foi desligada pelo impacto.

Uma mão ossuda puxa seu pé e Sam chuta, desalojando seu agressor por alguns segundos preciosos. Ela tenta se contorcer para frente, mas descobre que ficou presa. A pedra pressiona contra ela, prendendo seus ombros e segurando-a com força. Então as mãos

retornam para agarrar seu tornozelo, cravando unhas afiadas em sua carne.

A maré de pânico que Sam estava segurando irrompe pelas margens. Ela grita incontrolavelmente, se debatendo descontroladamente. E nessa agitação, algo se rasga — a roupa de mergulho talvez, ou talvez sua pele, mas seja o que for, permite que um ombro se mova e, de repente, como se estivesse dando à luz, ela desliza pela abertura, o suficiente para usar os cotovelos como apoio. Sam se arrasta para a frente, desesperada para colocar alguma distância entre ela e a coisa babando e triste atrás dela.

— Não vá, Bonita. Não vá!

Sam rasteja para frente, uma polegada de cada vez, cada vez mais fundo nas entranhas da terra, escorregadias de suor e sangue. Ela tenta ignorar a sujeira do ar que está sugando para os pulmões, bloqueia os apelos e o chiado de frustração atrás enquanto a própria criatura fica presa. Ela apenas se concentra no movimento para frente, se contorcendo e abrindo caminho até que, mais à frente, vê um tênue brilho verde.

Sam redobra seus esforços, a dor em suas extremidades machucadas e arranhadas é quase esquecida na repentina onda de esperança, e ela finalmente emerge em uma vasta caverna coberta de fungos verdes brilhantes.

Ela fica deitada na entrada do túnel por um momento, ofegando enquanto tenta se controlar novamente. Então seus olhos são atraídos para o brilho de halogênio no lado mais distante da caverna.

Marcus está ao lado de uma lanterna, com George ao seu lado. Julia está aninhada em seus braços, inconsciente ou dormindo, é impossível dizer. De cada lado de *Marcus* estão dois homens que ela reconhece: *William Shelley*, o suposto especialista com quem ela e *Chris* falaram em *Liverpool*, e *Graham Shelley*, o policial bastardo que a ameaçou naquela manhã. Pelo menos o acobertamento policial faz sentido agora, ela pensa, embora ela pudesse se chutar por não ter conectado os sobrenomes dos dois homens antes. Cada um dos homens tem as mãos nos ombros de um menino, ambos com cerca de oito ou nove anos. Seus filhos? Eles têm esse olhar sobre eles. E mantidos à distância, de alguma forma, obedientes ou assustados, dezenas de criaturas se agacham. Bruxas. Assustadoras, mas de alguma forma tristes.

— É bom ver você, moça, — diz Marcus, acenando para ela. —

Eu estava começando a me preocupar que você tivesse se perdido. Estávamos esperando por você. Por muito tempo.

***

As criaturas se reúnem em um semicírculo solto ao redor dela, bloqueando qualquer via de fuga. Outro grupo, à sua direita, está avidamente pegando pedaços molhados de carne e enfiando-os na boca, perdidos em algum tipo de êxtase. Os homens e as crianças estão a cerca de quinze metros de distância dela na margem de um lago subterrâneo. Atrás de Marcus está uma estátua de madeira em tamanho real de uma mulher, com os braços estendidos e a cabeça inclinada em direção ao teto da caverna. A mesma estátua dos e-mails enviados a *Chris*.

Ela ignora *Marcus* por enquanto, mal consegue olhar para ele. Em vez disso, ela se concentra em seu filho.

— George, — ela chama. — Venha aqui, querido.

O garoto balança a cabeça, e Marcus dá um tapinha no ombro do garoto.

— O lugar dele é aqui comigo. — George se levanta e pega a mão do avô.

O medo e o horror que estavam sufocando Sam se transformam instantaneamente em fúria.

— Que porra você fez com meus filhos, seu psicopata?

O sorriso de Marcus se alarga.

— Eu os tenho educado, só isso. Um pouco de história da família. Ah, não se preocupe com Julia, moça. Ela só tomou algo para ajudá-la a dormir com seu chocolate quente. Ficou um pouco excitada antes. George aqui entende, no entanto. Ele sabe que é certo; disse que queria assistir. Deus o abençoe, ele aceitou mais rápido do que eu quando me contaram pela primeira vez. Ele ficou bravo no começo, mas logo o convenci. O ajudei a entender.

— História familiar, é assim que você chama isso? Eu chamo de sequestro. Eu chamo de assassinato. Eu chamo de culto. Vocês, idiotas, não deveriam estar usando túnicas ou algo assim?

O sorriso vacila no rosto do velho, só por um momento, então a fachada calorosa retorna.

— É assim mesmo, amor. Como tem sido por gerações. Nossa família é abençoada. Nós servimos a deusa e ela provê. Nós, homens — eu, William e Graham aqui — somos seus cuidadores — os descendentes de seu irmão, enquanto você — e eventualmente, a

jovem Julia aqui — tem a honra de ser seu recipiente. De carregar seu espírito dentro de você por um feitiço. E em troca, você receberá a vida eterna. Agora, isso não parece ótimo?

Sam lança seus olhos ao redor da câmara para as servas enrugadas e manchadas de sangue, e isso a atinge como um martelo. Essas são suas antepassadas.

— Você quer dizer que, depois que aquela porra de bruxa nos usa, nós acabamos como essas... coisas? Rastejando no escuro? Foda-se isso. Foda-se isso e foda-se você. Isso acaba. Agora!

Os dedos de Sam se fecham em volta da faca, e ela avança, determinada a acabar com isso. Quaisquer horrores que ela tenha imaginado anteriormente, nada se compara ao destino que Marcus tem reservado para ela e para Julia. É inconcebivelmente sombrio. Viver para sempre naquele estado terrível, essa paródia medonha de família, escondida na escuridão, caçando aqueles que pisam perto. É a pior coisa que ela pode imaginar. Ela enterrará sua lâmina na garganta do tio se puder. Na sua própria se não houver outra escolha, mas ela está condenada se o deixará fazer isso com ela.

— As servas são suas honradas protetoras. Nossas ancestrais. Suas avós e bisavós, remontando em uma linha ininterrupta por mais de dois mil anos. É um dever sagrado. Um privilégio.

As servas correm pelo chão da caverna agora para formar um anel protetor ao redor de Marcus e os outros. Não há como ela chegar até o velho. Sam levanta a lâmina e a apoia contra seu pescoço enquanto uma, depois outra serva desliza em sua direção.

— Eu farei isso, Marcus. Eu me matarei. O que sua deusa monstro fará então? Ela precisa de mim, não é? É como um salmão nadando contra a corrente para desovar e morrer. E se não me tiver como hospedeiro, acho que será isso, o fim da cadela de dentes verdes.

Marcus balança a cabeça.

— Você está longe de ser a primeira a ter essa ideia, moça, e arrisco-me a dizer que não será a última. Por que acha que trouxe Julia? Se tirar a própria vida, ela terá apenas sua filha. George será o pai da próxima geração com o tempo, e o ciclo glorioso continua. Olhe...

Sam segue o gesto do velho e, para sua consternação, vê que algumas das servas são, de fato, pouco mais que crianças.

— Seu filho da mãe. Como você pôde fazer isso? Você me criou por todos esses anos, fingiu se importar com meus filhos, mas para

quê? Para isso? Para que você possa nos alimentar para essa coisa? Por que você escolheria isso em vez da sua própria família?

Uma lágrima escorre pela bochecha de Marcus, e ele balança a cabeça.

— Você entendeu tudo errado, moça. Eu te amo, assim como amei minha irmã. E eu amo seus pequenos também. Carinhosamente. Mas a deusa vem antes de tudo. Ela também é família, assim como suas servas. Este é o nosso destino. Nossa sagrada incumbência. Nosso legado.

Sam cai de joelhos, chorando incontrolavelmente.

— Dane-se, Marcus. Você é só mais um babaca, destruindo a vida das mulheres porque sempre foi assim. Você acha que isso é algum tipo de bênção? Não é. É a pior coisa do mundo. Espero que você morra gritando, seu bastardo iludido e maligno.

Marcus balança a cabeça.

— Me dói ouvir você dizer isso. Sério. Mas você verá as coisas de forma diferente em breve. Você verá o caminho e me agradecerá por isso. Olha, — ele diz, apontando para algumas novas ondulações se formando na superfície preta espelhada. — Aí vem sua mãe. Ela vai te ajudar a entender.

CAPÍTULO QUINZE

Chris chega enquanto eles acabam com *Josh* e então os observa se voltarem contra seu amigo mais antigo. Ele fica imóvel, horrorizado nas sombras, mal ousando respirar, observando-os despedaçarem *Mike*, brigando por pedaços de sua carne. Ele se despreza por sua covardia, mas sabe que é tarde demais. Atacar para frente agora seria um gesto fútil. Se há algo a ser ganho com sua morte, é que *Chris* agora entende que as criaturas são cegas. Ele não pode fazer muito sobre seu odor, mas pode muito bem ficar quieto como uma estátua. Isso não ajuda muito a acalmar seus nervos.

Então Sam chega na caverna, e *Chris* espera que ela encontre o mesmo destino macabro de *Mike* e *Josh*. Mas, em vez disso, as coisas emaciadas a conduzem para onde seu tio está, junto com seus filhos, o folclorista e o superintendente chefe *Shelley*. *Chris* só consegue entender trechos da conversa de onde está — o suficiente para entender o que são as servas e o papel que *Marcus* quer que Sam desempenhe.

As probabilidades parecem intransponíveis. *Chris* conta vinte e oito deles, todos com unhas e dentes afiados. Depois, há o tio louco e os outros dois homens para enfrentar. *Chris* simplesmente não vê como pode salvar Sam e as crianças. As chances de eles saírem de lá vivos parecem remotas.

Então ondulações começam a se formar na superfície negra do lago subterrâneo, seguidas por uma onda borbulhante e espumosa sob a água. Finalmente, o monstro dos pesadelos de *Chris* emerge do lago. Primeiro, um braço longo e fino com uma mão como uma aranha esticada rompe a superfície e agarra a margem de calcário do lago. Então outro braço, seguido por uma cabeça pingando adornada com cabelo preto liso emaranhado com ervas daninhas, emerge das águas escuras. *Chris* sente que está prestes a desmaiar, ter um ataque cardíaco ou ambos. A criatura é semelhante às servas, mas sua carne é flexível, quase jovem em vez dos corpos enrugados e ressecados das outras. Seu rosto poderia ser a imagem

espelhada do de *Sam*, se você ignorasse o lodo verde pingando de sua boca ou as fileiras de dentes afiados como navalhas. Então ele percebe algo estranho. Todas as servas param o que estão fazendo e caem de joelhos diante de sua deusa, com as cabeças baixas e os braços estendidos. Marcus, seus co-conspiradores e seus garotos fazem o mesmo, cantando palavras de admiração e amor. Apenas Sam se mantém firme, encarando a bruxa sozinha. *Chris* a vê tremendo de todo o caminho em seu esconderijo, mas ela nunca desvia o olhar. Nunca recua nem um passo. Se alguma coisa, ela parece estar estudando isso. Tentando ver além do mal — procurando por qualquer indício de sua mãe dentro do monstro. Chris a ama naquele momento. Embora a oportunidade tenha se apresentado para ele recuar e escapar, ele não pode deixá-la enfrentar seu destino sozinha.

Ele começa a andar pela borda da caverna, movendo-se o mais rápido e silenciosamente possível. Uma pedra chutada ou um arranhão acidental e tudo estará acabado. Ele tem uma chance de acabar com esse pesadelo, e está determinado a aproveitá-la. Porque se as outras criaturas estiverem ligadas à original, talvez matando-a, ele acabará com todas elas. Se não... bem... pelo menos sua morte será rápida.

***

A bruxa da água sai do lago com um movimento quase lânguido e líquido. Está de costas para Sam, mas, apesar do tom verde da pele da criatura e do emaranhado de lentilha-d'água em seus ombros, há algo terrivelmente familiar sobre a forma da criatura.

Ela fica em frente à estátua, então se vira para sua congregação, levantando os braços para o céu para espelhar a pose da estátua. Sam não consegue evitar gritar. Tudo o que Marcus disse é verdade. Além do tom esverdeado da pele e fileiras de dentes verdes e afiados, ela está olhando para o rosto de sua mãe, exatamente como era vinte e cinco anos antes. Ela procura na criatura por algum vestígio de sua mãe, mas não há nada. Não há nenhum vestígio da mulher que ela amava naqueles olhos cruéis ou mesmo na linguagem corporal ou na maneira como se move. Ela está usando a pele de sua mãe e isso é tudo.

— Meus filhos —, diz em uma paródia áspera e terrível dos tons musicais de sua mãe. — Senti tanta falta de todos vocês. Ficar longe de vocês por tanto tempo é o pior tipo de tortura. Mas é muito

melhor do que aqueles séculos em que ficamos presos, mesmo estando juntos.

Ele olha para Sam como se a notasse pela primeira vez, então se move em sua direção. Uma mão gotejante e parecida com uma aranha se levanta para acariciar a bochecha de sua filha.

— Sam. Meu amor. Faz tanto tempo. Você não imagina como senti sua falta. O quanto eu ansiava por esse dia.

É preciso cada grama de força de Sam para não recuar diante do toque da criatura. Em vez disso, ela levanta a cabeça e trava os olhos na coisa que veste a pele de sua mãe.

— Você poderia ter dito olá ontem. Se apresentado em vez de levar aquele garotinho.

A criatura sorri.

— Ah, querida. Você ainda tem seu fogo. Eu queria ter poupado você de ver isso, mas eu tinha que me preparar. Vou precisar de toda a minha força para o que vem a seguir.

A repulsa de Sam se transforma em raiva.

— E o que seria isso? — Ela cospe as palavras.

A mãe abre bem os braços.

— Por que, querida, nós podemos ficar juntos, você e eu. Marcus não explicou?

Os lábios de Sam se curvam em um rosnado.

— Ele andou na ponta dos pés, mas eu entendi. Você não é minha mãe. Não realmente. Apenas *Jenna Green*, agarrada por suas unhas sujas, com muito medo de morrer. — Ela solta uma risada seca. — Você chama isso de vida? Roubar nossos corpos e usá-los? Deixá-los como cascas secas? É patético. É cruel. Não. Vamos passar, obrigada.

A boca da bruxa se abre em um sorriso medonho, seus dentes verdes brilhando.

— Minha querida, — ela diz. — O que te faz pensar que você tem alguma escolha no assunto? — E sua boca se abre ainda mais.

Sam chuta a bruxa na virilha o mais forte que pode.

— Porque eu tenho amigos, seu monstro de merda! — ela grita.

Chris aproveita o momento e salta de trás da estátua, enfiando sua faca nas costas da criatura, repetidamente, até que seu rosto e braços fiquem cobertos por qualquer substância preta e suja que a coisa usa para fazer sangue.

Ela cai de joelhos, gritando de surpresa; as servas gritam indignadas; Marcus tropeça para frente com um rugido, decidido a

salvar sua deusa.

Ele não precisava ter se incomodado. A bruxa se contorce no aperto de *Chris* e agarra seu pulso. O estalo de seu braço é audível, mesmo acima dos uivos das servas, e um fragmento afiado de osso irrompe através de sua pele. A cor desaparece de seu rosto quando *Jenny Greenteeth* se vira para encará-lo adequadamente, deslizando a outra mão em volta de sua garganta e levantando-o de seus pés.

Ela o arremessa para longe com força sobrenatural. Ele voa de volta pela caverna, colidindo com uma pedra com um estalo molhado.

Sam cai de joelhos, lágrimas escorrendo pelo rosto. Ela viu *Chris* se esgueirando atrás da criatura e esperou contra todas as esperanças que ele pudesse matá-la. Agora seu corpo é uma pilha amassada e sangrenta de ossos quebrados perto da estátua do monstro. Ela falhou com sua amiga, falhou com seus filhos e agora falhará consigo mesma. O que resta a ela além de uma escolha impossível? Ela pode lutar e morrer, condenando sua filha ao seu destino hediondo, ou pode deixar o monstro levá-la e dar uma chance à sua filha. Vinte e cinco anos para viver sua vida, de qualquer forma, antes que a mesma coisa aconteça com ela.

No final, não há escolha alguma.

Sam larga a faca e olha nos olhos da mãe.

— Leve-me, então. Estou pronta.

Jenna Green sorri e avança, segurando os ombros com dedos longos.

— Obrigada, Sam. Eu te amo. E agora você vai ser parte de mim para sempre.

A visão de Sam fica turva com lágrimas quentes, e enquanto ela pisca para afastá-las, tudo o que ela consegue ver é uma enorme garganta escancarada. A mandíbula da criatura se desarticula da mesma forma que uma cobra engoliria sua presa. É então que Sam percebe precisamente o que está prestes a acontecer. Ela luta e tenta se libertar, se debatendo e gritando, mas as mãos da bruxa agarram seus ombros com força. Então a bruxa move sua cabeça para frente, lentamente, quase sensualmente, e empurra a cabeça de Sam em sua boca aberta e faminta.

Sam grita em pânico quando sua cabeça é envolvida pela garganta larga de uma cobra. Ela engasga com o fedor de sepultura e tenta gritar, mas não consegue mais respirar, sufocada como está em carne fria. Leva apenas alguns segundos para a boca de *Jenny*

Greenteeth descer até seus ombros, então a bruxa levanta o corpo de Sam, inclinando sua cabeça para trás para que a gravidade possa fazer o trabalho duro.

Sam grita enquanto desliza para dentro do estômago da bruxa. Primeiro, sua cabeça e ombros são engolidos pelos confins escuros e apertados do corpo da bruxa, então suas pernas se juntam a ela, e apenas seus pés permanecem do lado de fora. Então, com um único gole, o resto dela desliza pela garganta da bruxa para ficar dentro do estômago da criatura.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Dor é a primeira coisa que *Chris* sente enquanto seu corpo machucado tenta voltar à consciência. Começa como um pulso vermelho na escuridão, abrangente, espalhando-se por seu corpo quebrado. Sua cabeça lateja horrivelmente, e ele tem certeza de que pode sentir sangue escorrendo por seu rosto. O gosto quente e acobreado enche sua boca. Ele provavelmente está com concussão. O menor movimento faz sua mente nadar em desorientação. Ele tenta mover os dedos. A lança branca de agonia que atravessa seu braço lhe diz que está quebrado em termos inequívocos. Cada respiração parece alguém triturando vidro quebrado em seu peito, então ele adiciona costelas à lista de danos. O pior, porém, é que ele não consegue sentir suas pernas. Na verdade, ele não consegue sentir nada abaixo da cintura. Então suas costas também estão quebradas.

Seus olhos se abrem bruscamente, e ele observa o ambiente. Ele ainda está na caverna. Sua mente luta para juntar os acontecimentos. Ele se lembra de atacar a criatura — esfaqueando-a repetidamente com sua faca de mergulho. Então ela o jogou para longe como um brinquedo. Então... nada.

Oh, Deus. Sam!

Ele tenta mover a cabeça para ver o que está acontecendo e é recompensado com uma onda de náusea. Ele contém a vontade de vomitar — por pouco. Vomitar seria terrivelmente doloroso com esses ferimentos. Ele se dá alguns segundos para se preparar contra a dor e então olha ao redor novamente.

As servas se foram, o que é uma pequena misericórdia. *William* e o inspetor-chefe *Shelley,* seu antigo chefe, também partiram com seus descendentes. Apenas *Marcus* permanece na margem do lago com *George* ao seu lado e Julia dormindo em seus braços.

Não há sinal de Sam. Apenas *Jenny Greenteeth.*

O monstro está de joelhos, passando as mãos pelos cabelos em êxtase, ou talvez seja agonia — *Chris* não consegue dizer. O estômago da coisa está inchado em proporções não naturais, e o movimento pode ser visto na carne esticada. É o contorno do corpo de uma mulher, se contorcendo e se contorcendo para se libertar. Um soluço escapa de seus lábios enquanto ele observa os momentos finais de seu amigo.

O contorno de uma mão pressiona contra as paredes do estômago, seguido pelo formato de um rosto. *Chris* pode ver o contorno da boca de Sam esticada em um grito silencioso.

Outra mão se junta à primeira, empurrando para fora, desesperada para se libertar. A pele se estica ainda mais sob esse ataque, tornando-se quase transparente e então, milagrosamente, a barriga da bruxa se abre, derramando Sam em uma maré fétida de cor verde.

A bruxa agarra os restos de sua barriga como se tivesse sido pega meio despida e grita de consternação e desespero. A esperança surge em *Chris*. Se Sam escapou, ainda pode haver uma chance para os dois, apesar de seus ferimentos. Ele tenta chamá-la, mas tudo o que consegue é um coaxar.

Sam se agacha e fica de pé, enquanto uma gosma verde escorre do seu corpo e forma uma poça no chão.

Ela se vira para encará-lo e sorri para *Chris* com a boca cheia de dentes verdes e pontudos.

— Estou tão feliz que você ainda esteja vivo. Estou faminto, e você estava tãão gostoso.

— Sam, por favor. Você tem que lutar contra isso.

— Oh, Sam não está aqui. Eu a coloquei em um lugar seguro e protegido. Mas não se preocupe. Ela pode ver, ouvir e saborear tudo. Você sabia que ela se sentia atraída por você? Mesmo depois de saber de suas... inclinações.

A coisa que habita seu amigo caminha lentamente em sua carne em direção a ele, tomando seu tempo, acentuando seus quadris em alguma tentativa horrível de sedução. — Qual é o problema, *Chris*? Você está honestamente dizendo que uma pequena parte de você não queria experimentá-la? Você não ficou acordado à noite, imaginando como seria ter esse corpo pressionado contra você?

Chris cospe sangue e rosna.

— Você não é Sam. Você é uma abominação. Você me dá nojo.

A coisa Sam faz beicinho com o insulto dele.

— Você pode não gostar de mim, *Chris*, mas eu estou usando o corpo dela. Tem certeza de que não queria estar dentro dela? Porque é para lá que você está indo.

Chris grita de horror e dor enquanto a criatura levanta os pés e vira o corpo até ficar deitado de costas. Ele consegue sentir ossos quebrados rangendo em sua espinha, enviando raios de agonia branca por seu corpo. A boca da coisa Sam se abre, muito mais do que deveria, e ela desliza os dois pés na abertura, sugando-os de uma forma que seria sensual se não fosse tão horrível. Então a boca se fecha e *Chris* ouve, em vez de sentir, os ossos se quebrando enquanto os dentes do monstro mordem seus tornozelos. Ele mantém suas pernas eretas, ambos os pés faltando e sangue jorrando dos tocos. A criatura mastiga, triturando ossos e carne antes de engolir a massa polpada que costumava ser os pés de *Chris* e sorri para ele.

***

Marcus se vira para George enquanto os gritos de *Chris* atingem novos patamares e o barulho começa:

— Tudo bem, rapaz. É hora de irmos para casa. Você não precisa ver isso.

George parece confuso.

— Não entendi, vovô Marcus? Pensei que ele fosse amigo da mamãe? Por que ela está comendo ele?

— É preciso muita energia, o que sua mãe acabou de passar. Ela precisa comer para recuperar as forças. — Ele bagunça o cabelo do garoto. — Assim como nós, hein? Você deve estar morrendo de fome. Vamos para casa e comer alguma coisa.

George puxa de volta, sem vontade de ir embora ainda.

— E a outra? Vovó?

Marcus olha para o corpo arruinado de sua irmã, e uma velha tristeza o apunhala. Ele respira fundo, estremecendo, então desvia o olhar novamente, fechando seus sentimentos. Ela tem seu destino, assim como Julia. Melhor não pensar nisso.

A nova criada levanta a cabeça, choque e raiva estampados no rosto.

— Marcus! Como você pôde?

A casca rasgada estende a mão para ele, mas ele a chuta de volta e a deixa soluçando.

— Podemos comer pizza hoje à noite, vovô Marcus?

O velho sorri para o garoto.

— Você pode ter o que quiser, rapaz. É um dia especial para nós. Uma celebração.

George olha por cima do ombro para onde sua mãe está agachada, terminando sua refeição. — Mamãe vai ficar bem?

Marcus vira a cabeça do garoto para a frente e o empurra para fora da caverna. Ele sabe por experiência própria que a deusa precisará de mais de um sacrifício para recuperar sua força. Melhor não estar por perto quando ela terminar com o policial. Ele trará mais algumas oferendas quando as crianças estiverem na cama. Ele tem alguns caminhantes sedados por perto para esse propósito preciso.

Ele olha para George e diz:

— Claro, rapaz. Sua mãe vai ficar bem. Afinal, ela tem nós dois para cuidar dela.

George sorri para seu avô.

— E Julia!

— Julia tem um trabalho diferente, rapaz. Ela tem o trabalho mais importante de todos, então nós cuidaremos dela também.

Leitores…

Obrigado por ler *Agua escura e solitária*. Esperamos que você tenha gostado deste romance. Se tiver um momento, por favor, avalie *Agua escura e solitária* na loja onde você o comprou.

Ajude outros leitores dizendo a eles porque você gostou deste livro. Não precisa escrever uma discussão aprofundada. Mesmo uma única frase será muito apreciada. As resenhas ajudam muito a vender um livro e são ótimas para a carreira de um autor. Também nos ajudarão a continuar publicando livros de qualidade.

Obrigado novamente por reservar um tempo para viajar com a *Skull Editora*.

AGRADECIMENTOS

Escrever um romance pode parecer um esforço solitário, mas está longe disso, e há um grande número de pessoas que, direta ou indiretamente, ajudou ou influenciou este livro de alguma forma.

Meu pai me apresentou pela primeira vez à história do *Manchester Pusher* por volta de 2015 e quanto mais eu lia sobre o assunto, mais ele me intrigava. Há pelo menos dois documentários sobre isso que eu conheço, ambos valem seu tempo para assistir. Sem essa semente, essa história nunca teria acontecido.

Também gostaria de agradecer a *Derek* e *Trixie Stretch*, que me deixaram escrever cerca de metade deste romance em seu quintal, e que estavam lá para mim quando precisei. E, claro, a *Charlie, Emily* e *Luke*, que me ensinaram muito sobre o que família realmente significa. Amo todos vocês.

Mais agradecimentos a *Linda Nagle, Dion Winton-Polak, Vix Salter, David Watkins* e *Kerri Patterson* por fornecerem *feedback* inestimável sobre meus rascunhos anteriores, a *Ben Baldwin* por mais uma capa incrível e a toda a equipe da *Crystal Lake Publishing* por arriscar na minha pequena história de terror aquática.

E, finalmente, obrigado a você, leitor, por dar uma chance a este livro. Sem você, não haveria sentido em nós, autores, fazermos o que fazemos. Sem você, não somos nada, então, obrigado por reservar um tempo para ler *Agua escura e solitária*. Espero que tenha gostado.

About The Author

Graeme Reynolds

nasceu na Inglaterra em 1971. Ao longo dos anos, ele foi engenheiro eletrônico na Força Aérea Real, trabalhou com crianças com necessidades especiais e foi uma tartaruga ninja mutante adolescente (não pergunte). Ele começou a escrever em 2008 e teve mais de trinta contos publicados em vários e-zines e antologias antes da publicação de seu primeiro romance, High Moor, em 2011. Ele continuou escrevendo High Moor 2: Moonstruck e High Moor 3: Bloodmoon antes de deixar os lobisomens para se concentrar em seu império editorial e novas histórias que não envolvessem escrever tantas cenas de transformação. Quando não está quebrando computadores por dinheiro, ele se esconde nas profundezas e na escuridão de Swindon e cria novas maneiras de ofender pessoas com sensibilidades delicadas. Você pode encontrá-lo online em https://www.facebook.com/GraemeReynoldsAuthor @GraemeReynolds